



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**Famílias Multiproblemáticas:  
A perceção da sua parentalidade**

**Cátia Sofia Russo Coelho**

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Doutora Heldemerina Pires

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização: *Psicologia da Educação*

Dissertação

Évora, 2017

*Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri*





UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

# **Famílias Multiproblemáticas: A perceção da sua parentalidade**

**Cátia Sofia Russo Coelho**

**Orientador/a:**

Prof.<sup>a</sup> Doutora Heldemerina Pires

**Mestrado em Psicologia**

*Especialização em Psicologia da Educação*

Évora, Janeiro, 2017

(Esta dissertação inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri)



*A todas as famílias, e em especial à minha.*



## **Agradecimento**

A entrega e dedicação ao presente estudo surgem por um interesse especial e pessoal, cuja realização se verifica não só pelo gosto pessoal, mas sobretudo pelo apoio e por acreditarem sempre em mim é que se tornou este projeto profissional e pessoal possível. Deste modo, não poderia deixar de fazer os seguintes agradecimentos:

Às mães e pai que se disponibilizaram a participar no meu estudo, pelo testemunho, pela partilha e generosidade de poder entrar nas suas vidas e poder de alguma forma contribuir com um momento de ternura e apoio.

À minha mãe e ao meu pai, o meu profundo, sincero e especial agradecimento, pelo amor, carinho e apoio incondicional, em todos os momentos, tanto de felicidade, de tristeza, como de desespero e aflição. Por terem caminhado comigo sempre de mãos dadas, ao longo desta etapa tão especial e importante na minha vida pessoal, académica e profissional. Por terem aguentado este barco comigo, e lutado para que nunca o tenha deixado ir ao fundo. Por me proporcionarem a oportunidade de continuar os meus sonhos, e por sempre acreditarem em mim, e agradeço do fundo do meu coração pela dedicação ao longo destes vinte e cinco anos.

À minha Orientadora, Professora Dra. Heldemerina Pires, por toda a orientação, disponibilidade, e paciência ao longo deste ano letivo. Pela calma e incentivo nos momentos de maior *stress*. Pelos momentos de reflexão, de questionamento e de partilha de sentimentos e emoções. Pela confiança que depositou em mim, no meu trabalho e pelo exemplo que é de inspiração a nível profissional. Sem este apoio esta caminhada teria sido muito mais difícil.

Às minhas amigas, Ana Patrícia, Ana Margarida, Ana Rita, Inês Calisto, Lucélia Calisto, Raquel Pinto e Vanessa Rosa. Pelas conversas e momentos de incentivo, fundamentais para a finalização deste percurso. Pelos cafés energéticos e momentos de diversão e pura felicidade. Pela partilha de sentimentos mais nobres, Inês, Lucélia, Raquel e Vanessa muito obrigada, por toda a força e confiança que depositaram em mim.

À minha companheira e amiga, Rita Martinho pelo apoio, incentivo, companheirismo, compreensão, pelos conselhos e sugestões que me dava ao longo das nossas inúmeras conversas, pelos momentos de aprendizagem que me proporcionou, pelas partilhas constantes, por ser a minha companheira de estágio, companheira da dissertação de mestrado, companheira nos bons e maus momentos, companheira para a vida!

Ao Nenê, pelos momentos de reflexão, partilha de experiências e inúmeras conversas. Por me fazer re-acreditar nos meus sonhos e me fazer “voar” neles, pelos acasos, pelos encontros e reencontros e pelo café.

Ao Nuno, pelos momentos de apoio, de partilha de conhecimentos, pelos momentos de descontração e pura alegria. Pelos momentos de concentração partilhados na testoteca.

À Dona Cristina Matos, responsável do centro de recursos do polo da Universidade de Évora, Colégio Pedro da Fonseca, pelos momentos inesquecíveis de alegria, apoio, compreensão e dedicação.

À Carina, pelo apoio, pelas conversas inesquecíveis, pela amizade, pela ajuda informática. Por nunca te esqueceres das coisas mais simples e verdadeiras da vida, o sorriso e o abraço.

À instituição que me permitiu a recolha de dados e que me recebeu calorosamente, revelando a maior disponibilidade, obrigada por me permitirem entrar na vossa família.

A todos, o Meu **Muito Obrigado!**

***Famílias multiproblemáticas:  
A percepção da sua parentalidade***

**Resumo**

A presente investigação teve como objetivo estudar a percepção da parentalidade junto de famílias multiproblemáticas. Mediante entrevista semiestruturada, procurou-se analisar o entendimento desse conceito e a sua vivência, identificar áreas, papéis e dimensões da atividade parental, reconhecer competências necessárias para o seu exercício e identificar os determinantes da parentalidade. Participaram no estudo catorze mães e um pai com idades compreendidas entre os 21 e os 77 anos. Os resultados foram analisados com recurso à técnica de análise de conteúdo, tendo estes revelado que a parentalidade é percebida nas famílias multiproblemáticas como uma tarefa complexa, a qual exige o cumprimento de tarefas, que envolvem a satisfação de necessidades dos/as filhos/as tais como o cuidado, o amor, o afeto, a atenção e o suporte, importantes numa parentalidade minimamente adequada.

**Palavras-chave:** *família multiproblemática, percepção, parentalidade, atividade parental, desenvolvimento da criança.*



**Multiproblem families:  
The perception of its parenting**

**Abstract**

This research aims to study the perception of parenting with multiproblem families. Through semi-structured interview, we sought to analyze the interpretation of this concept and its experience, to identify parental practice areas, roles and dimensions, to recognize the required skills for its practice, and to ascertain the determining factors of parenting. Fourteen mothers and one father, aged 21 to 77, took part in the study. The results were analyzed by means of qualitative content analysis, which revealed parenting is perceived by multiproblem families as a complex task that requires the compliance of tasks, regarding to satisfy children needs as care, love, affection, attention and support, which are important in a minimally adequate parenting.

**Keywords:** *multiproblem family, perception, parenting, parental practice, child development.*



## Índice Geral

<b>Agradecimento</b> .....	7
<b>Resumo</b> .....	9
<b>Abstract</b> .....	11
<b>Índice de Anexos</b> .....	15
<b>Índice de Quadros</b> .....	17
<b>Introdução</b> .....	19
<b>PARTE I - Enquadramento Teórico</b> .....	21
<b>Capítulo I – Família e Famílias Multiproblemáticas</b> .....	21
1.1. Conceito e definição de família.....	21
1.2. Estrutura e funções da família.....	22
1.3. Conceito e definição de Família Multiproblemática.....	23
1.4. Características das Famílias Multiproblemáticas.....	26
1.4.1. Estrutura familiar.....	26
1.4.1.1. Conjugalidade, Parentalidade e Hierarquia de poder.....	28
1.4.1.2. Fraternidade.....	29
1.4.2. Funcionamento familiar.....	29
1.5. Áreas problemáticas.....	32
1.6. Resolução de problemas: recursos e serviços.....	35
1.6.1. Competências e recursos.....	35
1.6.2. Relação com serviços.....	36
<b>Capítulo II – Parentalidade em Famílias Multiproblemáticas</b> .....	39
2.1. Conceito e definição de Parentalidade.....	39
2.2. Determinantes da Parentalidade.....	42
2.2.1. Modelo Socio-contextual dos Determinantes de Belsky e Jafee (2006).....	43
2.3. Dimensões da Parentalidade.....	44
2.3.1. Modelo Dimensional de Maccoby e Martin (1983).....	46
2.3.2. Modelo Ecológico-cultural de Ogbu (1995).....	46
2.3.3. Modelo Integrativo de Hoghughi (2004).....	47
2.4. Parentalidade nas Famílias Multiproblemáticas.....	48
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	53
<b>Capítulo III – Método</b> .....	53

3.1. Considerações Metodológicas .....	53
3.2. Problemática do Estudo .....	54
3.3. Objetivos do Estudo .....	54
3.4. Instrumentos .....	55
3.5. Procedimentos gerais de recolha e tratamento dos dados .....	56
3.6. Caracterização dos Participantes .....	58
<b>Capítulo IV – Apresentação dos Resultados</b> .....	<b>63</b>
4.1. Apresentação e descrição do sistema de categorias .....	63
<b>Capítulo V – Análise e discussão dos resultados</b> .....	<b>89</b>
5.1. Conceito de Parentalidade .....	90
5.2. Vivências da Parentalidade.....	93
5.3. Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade .....	96
5.4. Exercício da Parentalidade .....	98
5.5. Preocupações das mães e dos pais relativamente aos filhos .....	100
5.6. Competências para o desenvolvimento e desempenho da Parentalidade.....	102
5.7. Determinantes da Parentalidade.....	102
<b>Conclusão</b> .....	<b>105</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>111</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>119</b>

## Índice de Anexos

**Anexo I** – Guião de Entrevista

**Anexo II** – Consentimento Informado

**Anexo III** – Questionário de Caracterização Sociodemográfico

**Anexo IV** – Exemplo de Entrevista

**Anexo V** – Apresentação geral dos temas, categorias, subcategorias e sub-subcategorias de análise de conteúdo

**Anexo VI** – Grelha de análise categorial



## Índice de Quadros

- Quadro 1** – Caracterização sociodemográfica dos participantes
- Quadro 2** – Caracterização sociodemográfica dos participantes
- Quadro 3** – Apresentação geral do Tema 1 de análise de conteúdo
- Quadro 4** – Categoria 1 - Tarefa complexa
- Quadro 5** – Sub-subcategoria da Subcategoria 2 – Satisfação das necessidades básicas
- Quadro 6** – Categoria 2 - Aprendizagem
- Quadro 7** - Apresentação geral do Tema 2 de análise de conteúdo
- Quadro 8** – Categoria 1 - Vivências Negativas
- Quadro 9** – Categoria 2 - Vivência Positivas
- Quadro 10** – Categoria 3 - Outras Vivências
- Quadro 11** – Apresentação geral do Tema 3 de análise de conteúdo
- Quadro 12** – Categoria 1 - Acontecimentos inesperados
- Quadro 13** – Categoria 2 - Relacionamentos
- Quadro 14** – Categoria 3 - Modificação de hábitos e do estilo de vida
- Quadro 15** – Categoria 4 - Apoio inexistente
- Quadro 16** – Categoria 5 - Dificuldades económicas
- Quadro 17** – Categoria 6 - Problemas de saúde
- Quadro 18** – Categoria 7 - Inexistência de dificuldades
- Quadro 19** – Apresentação geral do Tema 4 de análise de conteúdo
- Quadro 20** – Categoria 1 - Cuidados primários
- Quadro 21** – Categoria 2 - Cuidados socioafetivos
- Quadro 22** – Categoria 3 - Controlo e disciplina
- Quadro 23** – Categoria 4 - Papéis desempenhados na atividade parental
- Quadro 24** – Apresentação geral do Tema 5 de análise de conteúdo
- Quadro 25** – Categoria 1 - Preocupações do presente
- Quadro 26** – Categoria 2 - Preocupações com o futuro
- Quadro 27** – Apresentação geral do Tema 6 de análise de conteúdo
- Quadro 28** – Categoria 1 - Relação e afeto
- Quadro 29** – Categoria 2 - Educativas e de formação
- Quadro 30** – Apresentação geral do Tema 7 de análise de conteúdo
- Quadro 31** – Categoria 1 - Características individuais

**Quadro 32** – Categoria 2 - Antecedentes pessoais

**Quadro 33** – Categoria 3 - Fatores sociais

**Quadro 34** – Apresentação geral de Categorias Periféricas de análise de conteúdo

**Quadro 35** – Categoria 1 - Preocupações relativamente às/aos própria/os mães/pais

## Introdução

As *famílias multiproblemáticas* distinguem-se pela presença de um ou mais sintomas sérios e graves de longa duração e forte intensidade (Weizman, 1985). Este tipo de família define-se por “uma forma de estar e de relacionar-se, bem como, pela existência de uma série de problemas que afetam um número indeterminado de elementos, em margens qualitativa e quantitativamente muito amplas” (Alarcão, 2006, p. 315).

Sousa (2005) referiu que é frequente associar o conceito de família multiproblemática à carência socioeconómica, mas estas fragilidades podem estar presentes em qualquer estrato socioeconómico e cultural. No entanto, ao solicitarem ajuda, as famílias multiproblemáticas evidenciam-se, perante os técnicos, pelos fracos recursos de que dispõem.

Como é amplamente indicado na literatura, as famílias multiproblemáticas caracterizam-se por viver num “emaranhado especular de problemas” (Sousa, 2005, p. 13), o que tem repercussões em todos os membros do sistema familiar, em particular nas crianças que evidenciam, para além de outras dificuldades, problemas no contexto escolar.

De acordo com Alarcão (2006), os comportamentos sintomáticos surgem logo nas primeiras fases do ciclo vital, isto é, na etapa de formação do casal e na etapa dos filhos pequenos. A função vinculativa e socializadora da mãe e do pai é perturbada e, neste sentido, as crianças com falhas ao nível da segurança básica interiorizam modelos inseguros de vinculação, o que conseqüentemente dificulta a sua autonomização e a exploração do meio, sendo esta uma função interna da família. Quanto ao exercício da função externa, verifica-se que as crianças têm inúmeras dificuldades de socialização, quer pela falta de proteção face ao meio quer pela falta de normalização (conhecimento e integração de normas culturais), o que potencia a existência de situações de conflito com os outros e com o meio (Alarcão, 2006; Figueiredo, Rodrigues, Pacheco, Costa, Cabeleira & Magrinho, 2004).

O exercício da parentalidade merece ser destacado dentro das várias dificuldades das famílias multiproblemáticas pelas conseqüências que este pode ter no desenvolvimento das crianças (Sousa, 2005). Posto isso, a parentalidade é definida como “atividade propositada, no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento infantil, num ambiente seguro, de modo a socializar a criança e atingir o objetivo de a tornar progressivamente mais autónoma” (Almeida, 2015, p. 9).

Neste sentido, a presente dissertação tem então como objetivo geral perceber a forma como as figuras da mãe e do pai de famílias multiproblemáticas percecionam a sua

parentalidade. Atendendo ao mesmo, objetiva-se mais especificamente perceber o conceito e a vivência da parentalidade, apontar as dificuldades ocorridas ao longo desta, compreender os papéis, as áreas e as dimensões da atividade parental, descobrir preocupações das mães e do pai relativamente aos filhos, estipular competências necessárias ao exercício da parentalidade e indicar os fatores individuais, históricos e sociais que podem ter influência na parentalidade.

Este trabalho é construído e composto por duas partes:

A primeira parte (Parte I) diz respeito ao enquadramento teórico que, por sua vez é constituído por dois capítulos – Família e Famílias Multiproblemáticas e a Parentalidade em Famílias Multiproblemáticas.

O primeiro capítulo aborda várias concepções respeitantes à família, tais como conceitos, definição, estrutura e funcionamento do sistema familiar, sendo que também inclui e retrata as principais características relativas à estrutura e ao funcionamento das famílias multiproblemáticas, o seu conceito e definição, assim como as suas áreas problemáticas, abarcando as estratégias e competências utilizadas pelas mesmas para ultrapassarem as diversas situações de crise.

No que concerne ao segundo capítulo, este centra-se na parentalidade em famílias multiproblemáticas, tendo como enfoque o conceito, à definição, às dimensões e determinantes desta, bem como os modelos teóricos, terminando com a relação entre esta noção e a conjugalidade nestas mesmas famílias.

A segunda parte (Parte II) é formada pela componente empírica e encontra-se dividida em três capítulos – Método, Apresentação dos resultados e Análise e discussão dos resultados:

Por conseguinte, o terceiro capítulo expõe o processo metodológico seguido, identificando a problemática em causa, tal como os objetivos gerais e específicos, os instrumentos utilizados na recolha de dados e ainda a caracterização dos participantes.

Quanto ao capítulo quatro, é realizada a apresentação e descrição dos resultados obtidos.

Finalmente, o quinto capítulo destaca a análise e a discussão dos resultados tendo considerações à luz da revisão bibliográfica efetuada.

Para terminar, é feita a conclusão do estudo, englobando as suas limitações e recomendações futuras.

## **PARTE I - Enquadramento Teórico**

Na primeira parte deste trabalho evidencia-se uma revisão de literatura sobre a percepção da parentalidade em famílias multiproblemáticas. Assim, no Capítulo I e considerando autores como Minuchin (1982) e Alarcão (2006), pretende expor-se uma conceitualização da família apoiada no estudo sobre a família e na importância que a mesma tem no desenvolvimento das crianças. Com base na ideia destes autores e dada a importância do papel da família no desenvolvimento e bem-estar da criança, são consideradas as situações em que o mesmo ocorre num contexto menos favorável, seguido de um entendimento sobre as famílias multiproblemáticas relativamente às suas características, à sua estrutura e ao seu funcionamento, o que é sustentado por autores como Sousa (2005), Linares (1997), Minuchin (1982), Minuchin, Colapinto & Minuchin (1998) e Imber-Black (1988). Por fim, o enquadramento teórico ainda inclui a importância da parentalidade, a sua definição e as práticas parentais neste tipo de famílias, tendo em consideração a relação entre a parentalidade e a conjugalidade.

### **Capítulo I – Família e Famílias Multiproblemáticas**

“(...) todas as famílias lutam com problemas, sejam eles normativos (inerentes ao desenvolvimento) ou inesperados (como o desemprego)”  
(Sousa & Ribeiro, 2005, p. 4)

#### **1.1. Conceito e definição de família**

Ao longo da revisão bibliográfica existem inúmeras definições de família enquanto sistema e, conforme a designação de Minuchin (1982), esta adapta-se às diferentes exigências das diferentes fases de desenvolvimento ou do ciclo de vida e às mudanças sociais, de forma a assegurar continuidade e crescimento psicossocial dos elementos que a compõem.

Como escreveu Silva (2001, como citado em Varanda, 2011):

“Este duplo processo de continuidade e desenvolvimento desenvolve-se através de equilíbrios dinâmicos entre a organização homeostática (através da estabilidade e defesa em relação aos sistemas circundantes e que impede mudanças excessivas, garantindo a preservação da família e a capacidade de transformação, os seus membros crescem, mudam, influenciam-se mutuamente e são influenciados por acontecimentos externos” (p. 15).

A funcionalidade da vida do sistema familiar depende da capacidade de conciliar as forças que impulsionam a mudança através dos mecanismos que ajudam a manter a estabilidade do sistema. Os valores, as regras, as crenças e também os ritos familiares contribuem para dar estabilidade à família e em consequência influenciam o desenvolvimento da criança (Silva, 2009). Por outro lado, existem outras forças, tanto internas como externas (e.g., o processo evolutivo dos seus membros, as metas, os conflitos e as crises), que atuam como princípios de mudança (Gimeno, 2001).

“A família apresenta um lugar privilegiado junto da criança, uma vez que o núcleo familiar é considerado o primeiro mediador de socialização” (Silva, 2009, p. 20), ou seja, a família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado pelos restantes contextos em que os seus elementos se inserem (Silva, 2009). O sistema familiar também contém uma série de tarefas de desenvolvimento, no sentido da existência de diferentes etapas de desenvolvimento (Relvas, 2000). Deste modo, vendo-a como uma unidade social, ela difere a nível dos padrões culturais, embora detenha as mesmas raízes universais (Minuchin & Fishman, 1990).

Entre as várias definições existentes, a família pode ser definida como um “conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais” (Varanda, 2011, p. 6). Na mesma linha de pensamento, Alarcão (2006) referiu que a estrutura das relações estabelecidas entre os elementos do sistema familiar e as relações estabelecidas entre cada um dos elementos varia em função do carácter e do equilíbrio destes indivíduos.

## **1.2. Estrutura e funções da família**

Pode dizer-se que a família é entendida como um sistema complexo, que diz respeito à sua continuidade e múltiplos significados a nível psicológico, sociológico, histórico, demográfico, económico, cultural, religioso e político (Lucas, 2012).

Quando falamos de possíveis mudanças no sistema familiar, estas podem suceder a três níveis: i) nível estrutural; ii) nível funcional; e iii) nível interacional (Silves, 2009), tendo como causa principal o próprio sistema familiar, pelo facto de ele não ser estático nem livre de influências externas, permanecendo em desenvolvimento enquanto grupo (família) e enquanto elementos individuais que pertencem a esse mesmo grupo (Relvas, 2000).

Em resultado disso, a família assume uma estrutura característica, ou seja, uma “forma de organização ou disposição de um conjunto de elementos/membros que se inter-relacionam de

maneira específica e recorrente” (Whaley & Wong, 1989, como citado em Stanhope, 1999, p. 505). Neste sentido, a estrutura familiar é composta por um conjunto de indivíduos com situações e posições reconhecidas e aceites, através de interações regulares e recorrentes socialmente aprovadas (Silves, 2009).

A estrutura da família enquadra-se ao nível espacial e relacional, em que cada sistema familiar alcança uma forma própria em função da sua estrutura. É também uma rede de suporte de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem entre si, sendo a organização sistémica a promotora do funcionamento familiar (Schoppe, Mangelsdorf & Frosh, 2001; Silves, 2009).

Servindo de rede de suporte às necessidades dos seus membros, a família detém diversas funções, algumas das quais foram abdicadas ao longo do tempo, outras adotadas, como por exemplo as funções de proteção e socialização dos seus constituintes (Silves, 2009). Essas funções podem ser de nível interno (através da função protetora dos membros) ou externo (por intermédio das dimensões sociais, culturais e económicas do meio em que se inserem) (Silves, 2009). É importante perceber e sublinhar que cada sistema familiar deverá ser compreendido e percecionado como uma pequena sociedade, com características idiossincráticas, mecanismos e processos diferenciados que permitem superar as adversidades que possam surgir ao longo do ciclo de vida da família (Yunes, Garcia & Albuquerque, 2007).

### **1.3. Conceito e definição de Família Multiproblemática**

O conceito de família multiproblemática foi desenvolvido, na década de 50 do século XX, por profissionais e investigadores anglo-saxónicos provenientes da área do trabalho social (Alarcão, 2006).

Inicialmente, o conceito de famílias multiproblemáticas direcionava-se para famílias de nível socioeconómico baixo, isto é, aquelas que se situavam no limiar da pobreza, deixando de parte as características específicas, tais como relações interpessoais, sociais e familiares (Alarcão, 2006).

Com o decorrer do tempo, as investigações sobre esta temática deram conta de outras dimensões importantes subjacentes às famílias multiproblemáticas, estando elas ligadas à sua estrutura e dinâmica relacional (Sousa, 2005). Doravante, várias designações foram emergindo sobre o conceito, as características específicas, o funcionamento e a organização das famílias multiproblemáticas (Sousa, 2005; Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Assim, na maioria dos estudos verificava-se um enfoque nos défices dessas famílias, salientando as características com base nas suas fragilidades e disfuncionalidades (Abreu, 2011). Portanto, Abreu (2011) utilizou o conceito de famílias associas como forma de descrever os seus comportamentos sociais desviantes. Em contrapartida Minuchin, Montalvo, Guerney, Rosman e Schumer (1967, como citado em Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007) utilizaram a denominação de famílias desmembradas, as quais são caracterizadas por limites difusos ou indefinidos. Numa outra perspetiva, Powell e Monahan (1969, como citado em Sousa, 2005) referiram-nas como famílias isoladas, acentuando o seu isolamento social. Para Thierney (1976, como citado em Alarcão, 2006; Martínez, 2003), o emprego do termo famílias excluídas relaciona-se com o contexto institucional e social. Acresce-se ainda a definição de Aponte (1976, 1981, como citado em Sousa, Pires, Matos, Cerqueira & Figueiredo, 2004) que atribuiu a designação de famílias suborganizadas, as quais são caracterizadas pela sua disfuncionalidade em termos de organização estrutural do sistema familiar.

Por sua vez, também se encontra na literatura o conceito de famílias diluídas ou famílias multiassistidas, visto que as famílias recebem apoio de diversos serviços que pode resultar na diminuição da autonomia familiar, deixando de utilizar os seus próprios recursos, transferindo-os para os profissionais dos serviços que a assistem (Colapinto, 1995; Linares, 1997; Minuchin et al., 1998; Imber-Black, 1988).

As investigações atuais focam-se no processo familiar e neste sentido são utilizados pela primeira vez os termos (Abreu, 2011):

- i) Famílias multistressadas – vivem em permanentes e sucessivas situações de stress;
- ii) Famílias multicrise – vivem em ocorrência constante de crises normativas e não normativas no seio familiar;
- iii) Famílias em permanente crise – famílias que vivem em crise constantemente.

Contudo, a família multiproblemática não se define apenas pela presença de um sintoma preciso (Alarcão, 2006), mas pela existência de “um conjunto de problemas complexos, graves e crónicos, de forte intensidade, que afetam, ainda que de forma qualitativa quantitativamente diferenciada, um número indeterminado de membros da família (...) um estilo relacional caótico (...) tendência para o caos e desorganização” (Abreu, 2011, p. 3), de longa duração (Weizman, 1985).

As famílias multiproblemáticas são um espaço de ocorrência de ruturas significativas e reconstituições que criam genogramas desorganizados, constituindo uma modificação e reformulação dos papéis tradicionais, que situam a sua ideologia nos campos da marginalidade,

desconfiança e receios (Alarcão, 2006), o que, do ponto de vista de Linares (1997), as converte em famílias consumidoras de serviços sociais.

Por serem famílias em que a violência, o abuso de substâncias, o incesto e outros sintomas severos coexistem por longos períodos de tempo (Sousa, 2005), elas apresentam uma série de histórias que se caracterizam por várias tentativas de intervenções falhadas, um desenvolvimento de sintomas nos seus elementos, diversas crises familiares múltiplas, uma instabilidade profissional e um funcionamento interpessoal gravemente afetado (Sousa, 2005).

Deste tipo de famílias também sobressaem sintomas individuais, múltiplos e variados, embora estes tenham um papel secundário face ao sintoma familiar, quer dizer, as famílias identificam-se por um estilo relacional de tendências para o caos e desorganização, assim como pela presença de vários problemas que afetam um número indeterminado de membros, que variam em qualidade e quantidade (Linares, 1997). Desta maneira, os maus tratos, o alcoolismo, a toxicod dependência, a prostituição, a delinquência, o insucesso escolar, a depressão, as psicoses e os comprometimentos de saúde, que incluem doenças crónicas e/ou deficiência, podem ser alguns dos problemas manifestados por estas famílias (Sousa, 2005; Machado, 2007).

Apesar de não haver um consenso relativo à definição de um fator comum, destaca-se todavia “a presença de disfunções em diversas áreas do funcionamento individual, familiar e social, assim como défices de recursos e competências para enfrentar, de forma autónoma, as necessidades familiares, o que as conduz a uma situação de elevada vulnerabilidade” (Abreu, 2011, p. 4). É por esse motivo importante que se defina a família multiproblemática como desorganizada e caótica, independentemente de existirem algumas particularidades que completam o conceito.

Para afirmar que estamos perante uma família multiproblemática, a literatura apresenta então a definição operacional desta, a qual é estipulada e composta por um conjunto de seis critérios, sendo eles (Sousa, 2005, p. 17):

- i) Presença simultânea, em dois ou mais membros da mesma família, de comportamentos problemáticos estruturados, estáveis no tempo e suficientemente graves para requererem intervenção externa;
- ii) Insuficiência grave, sobretudo por parte dos pais, nas atividades funcionais e relacionais necessárias à vida familiar e seu desenvolvimento;
- iii) Reforço entre os dois aspetos anteriores;
- iv) Fragilidade dos limites, própria de um sistema em que a presença de técnicos e outras figuras externas é forte e, dessa forma, substituem, parcialmente, os membros;

- v) Estruturação de uma relação crónica de dependência da família em relação com os serviços sociais, constituindo um equilíbrio sistémico;
- e vi) Desenvolvimento de modalidades pouco usuais de comportamentos sintomáticos nos indivíduos (o exemplo clássico são as toxicodependências tipo D – sociopáticas)”.

Podemos concluir que as famílias multiproblemáticas são famílias que vivem num ambiente caracterizado por vários problemas e dificuldades, com características únicas e distintas ao nível da sua estrutura, organização e funcionamento.

#### **1.4. Características das Famílias Multiproblemáticas**

Nestas famílias como noutras, podemos identificar três níveis que as caracterizam: i) nível estrutural; ii) nível funcional; e iii) nível interacional (Silves, 2009), nos quais, em cada um, podem ser identificados aspetos desfavoráveis à família, assim como recursos e competências das mesmas que poderão ser utilizados nas intervenções, ativando-os como possíveis mecanismos de reforço para melhorar os processos que as envolvem (Alarcão, 2006).

##### **1.4.1. Estrutura familiar**

No seio das famílias multiproblemáticas, o nível de estrutura pode ser caracterizado pela existência de ruturas e reconstituições constantes (Linares, 1997), como por exemplo a repetição de relações que iniciam e terminam num curto espaço de tempo, situações de emigrações e/ou zangas sucessivas que levam a saídas e entradas consecutivas de um membro (Sousa, 2005). De forma consequente, a hierarquia familiar é caótica, sendo particularizada pela inconsistência e falta de controlo (Weizman, 1985), o que se deve à pouca delimitação dos papéis dos seus elementos e dos vários subsistemas, do mesmo modo que se demarca pela ausência de regras familiares (Alarcão, 2006). Isto significa que existe uma grande distância, fronteiras difusas e/ou excessivamente permeáveis entre os membros (Imber-Black, 1988).

Considerando o que anteriormente foi exposto, pode então dizer-se que se reconhece uma estrutura típica das famílias multiproblemáticas, onde são evidentes falhas ao nível da definição de papéis, notando-se uma inconsistência e falta de controlo (Weizman, 1985).

Neste sentido, Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997) traçaram algumas estruturas típicas das famílias multiproblemáticas como: i) pai periférico; ii) casal instável; iii) mulher só; e iv) família petrificada.

Relativamente à primeira estrutura, *pai periférico*, esta refere-se ao papel secundário desempenhado pela figura paterna, quer do ponto de vista afetivo quer do económico (Alarcão,

2006), ocupando conjuntamente um papel secundário na vida e no desenvolvimento dos filhos (Silva, 2013). Tal facto deve-se às suas longas ausências que podem estar relacionadas com a sua ocupação profissional ou historial de problemas com a justiça (Sousa, 2005). Desta maneira e devido a esta ausência por parte do pai, percebe-se uma deterioração da relação entre pai e filho/a(s), afetando também o sistema familiar (Abreu, 2011).

A segunda estrutura, *casal instável*, diz respeito a casamentos e relações esporádicas ou de curta duração entre pessoas jovens, as quais não conseguem constituir uma família autónoma (Abreu, 2011; Silva, 2013). O que faz com que estas relações conjugais sejam caracterizadas por conflitos e a reorganização familiar passe pela família alargada, maioritariamente centrada na figura da avó materna (Abreu, 2011).

A estrutura seguinte, designada por *mulher só*, é caracterizada por famílias monoparentais femininas de estatuto sociocultural baixo (Silva, 2013), em que as mulheres frequentemente decidem criar sozinhas os filhos de diversos relacionamentos instáveis e/ou fracassados (Abreu, 2011).

Por fim, a estrutura *familiar petrificada* corresponde à condição resultante de um acontecimento de vida não normativo que interfere no desempenho dos papéis dos diferentes elementos do sistema familiar (Sousa, 2005), paralisando o mesmo, no sentido em que se depara com barreiras e dificuldades no encontrar de recursos para as ultrapassar. Consecutivamente, a incapacidade funcional acresce à desorganização familiar e à dificuldade de intervenção por parte dos técnicos, embora o maior problema seja a escassez de recursos das famílias para superar as suas crises (Abreu, 2011; Cruz & Carvalho, 2011).

Relativamente aos limites que as famílias multiproblemáticas estabelecem entre os diferentes subsistemas, estes qualificam-se pelo seu desmembramento, isto é, pelo distanciamento entre os membros (Minuchin et al., 1967, como citado em Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007), derivado aos limites pouco definidos ou demasiado flexíveis e permissivos (Sousa, 2005). A hierarquia caótica existente nestas famílias é refletida na redução de regras do sistema familiar (Sousa, 2005). Além do distanciamento e desprendimento, existe uma autonomia precária dos membros devido à “escassa nutrição emocional” (Sousa, 2005, p. 23). Por estas razões, o núcleo familiar tem limites muito permeáveis, sendo facilmente influenciado pelo ambiente externo (Sousa, 2005).

Face ao que é exposto, pode perceber-se que as famílias multiproblemáticas apresentam uma estrutura familiar típica, na qual ocorrem falhas ao nível da delimitação dos papéis nos diferentes subsistemas da família, verificando desarmonia e desmembramento entre os elementos do sistema – falhas que influenciam a conjugalidade e a parentalidade.

#### **1.4.1.1. Conjugalidade, Parentalidade e Hierarquia de poder**

Devido à frágil ligação emocional e afetiva entre os elementos do casal, a conjugalidade das famílias multiproblemáticas apresenta desarmonia e conflitos no seio do sistema, instabilidade que incapacita o estabelecimento de relações equilibradas, igualitárias e complementares, assim como uma imaturidade que tem consequências negativas na prática das funções parentais (Alarcão, 2000).

Neste contexto, as funções parentais são realizadas de forma menos adequadas, tendo consequências negativas na forma como os pais estabelecem as relações com os seus filhos, o que se aplica por efeito da instabilidade e imaturidade que caracterizam a conjugalidade nas famílias multiproblemáticas (Neves, 2007). Contudo, de um modo geral, é reconhecido que os pais, nas famílias multiproblemáticas, nutrem sentimentos positivos pelos filhos, embora revelem incompetência na execução das tarefas e na prestação de cuidados, justificando-se por não saberem fazer melhor, devido aos próprios não possuírem modelos de referência estáveis e seguros (Sousa et al., 2004; Cerqueira, Pires, Figueiredo, Matos & Sousa, 2003; Sousa & Ribeiro, 2005).

O poder executivo parental é exercido pontualmente não obedecendo a uma hierarquia, a um sistema de regras e/ou princípios claros e congruentes, nem é assumido pelo subsistema parental, existindo deste modo uma desorganização grave ao nível do seu exercício, caracterizado pela inexistência de normas e delegação de responsabilidade(s) pelos diferentes elementos da família (Alarcão, 2006; Sousa, 2005). Neste sentido, as famílias multiproblemáticas “vivem o império da ação” (Abreu, 2011, p. 7), que potencia a desagregação e desorganização familiar que, por vezes, é levada ao extremo pela ausência da hierarquia de poder (Abreu, 2011). Portanto, os pais não assumem uma posição assertiva e contínua no sistema familiar, conduzindo assim à escassez de regras e critérios bem definidos (Gómez, Muñoz & Haz, 2007), que, ocasionalmente, leva a frequentes passagens ao ato, devido à desorientação vivenciada pelos constituintes da família (Abreu, 2011).

Embora a parentalidade esteja frequentemente perturbada e aliada a uma conjugalidade regularmente caracterizada pelo conflito, as famílias multiproblemáticas criam vivências menos sólidas e com naturalidade tendem a ter maior abertura para a introdução de mecanismos protetores e transformadores das insuficiências da função parental.

#### **1.4.1.2. Fraternidade**

No contexto da família multiproblemática, a fraternidade é igualmente condicionada ao nível do cumprimento das suas funções (Sousa, 2005). O subsistema fraterno é constituído por vários irmãos, filhos fruto de diferentes relações, e são a/o(s) irmã/o(s) mais velha/o(s), maioritariamente do sexo feminino, que assumem muitas das tarefas parentais (Sousa, 2005). Isto quer dizer que “as crianças são «pirilampicamente parentificadas», ou seja, nem sempre é o mesmo irmão a assumir as responsabilidades parentais, estas atribuem-se consoante as circunstâncias” (Sousa, 2005, p. 25). A fraternidade é também caracterizada pela inconsistência nas relações pois, entre irmãos, as relações variam entre extremos de grande proximidade, agressividade ou total afastamento (Sousa, 2005). Embora em momentos difíceis, os irmãos tendam a agrupar-se de forma a defenderem o seu núcleo familiar contra terceiros, quando ultrapassado o problema as relações voltam a dirigir-se para polos opostos. (Sousa, 2005).

Nas famílias multiproblemáticas, seja o número de filhos maior ou menor, são eles que constituem em maioria o motivo de pedidos de intervenção, frequentemente feitos por terceiros, tais como a escola – devido ao forte absentismo, insucesso escolar e problemas de comportamento; os serviços de saúde mental; o tribunal de menores; os serviços de reinserção social; e/ou os serviços de ação social – por causa de dificuldades na habitação, problemas económicos e negligência (Alarcão, 2000; Minuchin & Fishman, 1990).

Não obstante, mesmo que as relações entre irmãos se caracterizem pela diluição das mesmas, as frequentes crises nas famílias multiproblemáticas podem fazer com que o subsistema fraternal se desenvolva de forma positiva e evidencie competências e recursos como a união e a entajuda, de forma a ultrapassar as crises.

#### **1.4.2. Funcionamento familiar**

Têm sido apontados vários fatores que nos podem indicar o funcionamento de uma determinada família, como por exemplo as funções familiares, a comunicação, a organização, a história familiar, a economia e sua gestão pela família, a rede social, os recursos e as competências (Sousa, 2005).

Nas famílias multiproblemáticas desenvolvem-se determinadas particularidades relativamente ao seu funcionamento (Cerqueira et al., 2003). Conforme foi referido anteriormente, o desenvolvimento de comportamentos e atitudes disfuncionais constata-se desde as primeiras etapas do ciclo vital da família (Alarcão, 2006; Martínez, 2003, Abreu, 2011), potenciando a desagregação e desorganização familiar (Abreu, 2011), sendo também evidente a

ausência de regras, critérios e rotinas bem definidas (Gómez et al., 2007). Assim é compreensível que o cumprimento das funções ou tarefas familiares possa ser insatisfatório, verificando-se a dois níveis: por um lado, o nível organizacional refere-se ao suporte económico, à gestão da casa, à educação, à saúde e à proteção dos filhos; e, por outro, a nível relacional alberga a gestão de conflitos, nutrição emocional dos filhos, intimidade e estabilidade afetiva (Oliveira, 1994; Alarcão, 2000). Para a concretização destas funções ou tarefas, as famílias multiproblemáticas procuram pessoas externas ao sistema familiar para as empreender, aumentando assim o sentimento de incompetência da família (Sousa, 2005).

Ainda a nível funcional, as emoções são experimentadas com grande intensidade e escasso controlo, como por exemplo: o amor e o ódio; e a alegria e a tristeza; que podem emergir de forma muito intensa e momentânea (Sousa, 2005). Não existe, portanto, o hábito ou a competência de refletir antes da passagem ao ato, gerando a agressão tanto verbal como física e acontecimentos que potencialmente conduzem a comportamentos descontrolados, como o (re)aparecimento de zangas e reconciliações (Sousa, 2005). Logo, os membros das famílias multiproblemáticas partilham poucas emoções e ritos familiares, o que se deve às emoções intensas e desordenadas no plano individual, que dificilmente convergem no grupo (Sousa, 2005).

Com relação ao espaço de coabitação, verifica-se que este não tem valor relacional, sendo que existe igualmente uma privação da intimidade. Alarcão (2006) e Martínez (2003) referiram que, habitualmente, o espaço está deficientemente delimitado e os diferentes elementos do sistema familiar não têm um espaço individual. Na maior parte dos casos, na habitação existe apenas uma divisão partilhada por todos os elementos que nela coabitam, sendo frequente a ocorrência de situações de promiscuidade entre os elementos da família (como o incesto, que não é visto como tal pelo sistema familiar). Consequentemente, ao não possuírem um espaço físico próprio, os elementos do sistema familiar não têm acomodação para a sua intimidade e respetiva construção da identidade (Alarcão, 2002).

Também a este nível e relativamente à economia destas famílias, existe uma evidente desorganização, visto que a maioria delas vive com subsídios, apoios e ajudas institucionais e, em alguns casos, praticam atividades ilegais, que não são reconhecidas como tal pelas famílias (Alarcão, 2006). Acresce ainda que não é atribuído qualquer tipo de significado positivo ao investimento numa carreira profissional (Abreu, 2011). Em vista disso, é evidente a dificuldade na gestão do dinheiro e definição de prioridades, o que é demonstrado pela frequente falta de produtos de primeira necessidade e presença de grande quantidade de objetos desnecessários, dispendiosos e por vezes repetidos (Silva, 2013).

Ainda a respeito do funcionamento e da organização, é possível verificar, de uma maneira ilustrativa, que a família não tem horários definidos nem comuns, dado que os membros se levantam e deitam a qualquer hora, não partilham momentos de refeição e por vezes não existe refeição (Alarcão, 2000). Quanto à organização familiar, esta pode ser entendida como espaço de convergência de identidades dos elementos do sistema familiar, segundo Linares (2010), a qual, neste tipo de famílias, é impedida pela fragilidade do vínculo entre os elementos (Silva, 2013) e dificulta a criação de bases sólidas a nível emocional. Esta reciprocidade também pode interferir entre os elementos do sistema no tempo, na relação com os serviços, na área económica, bem como na comunicação na família.

A propósito da comunicação, que é uma das dimensões de extrema importância na vida da família, é através dela que os elementos expressam as suas carências, desejos, preocupações e ainda a capacidade de atenção acerca do que os outros pensam e sentem (Sousa, 2005).

Nas famílias multiproblemáticas, a comunicação entre os seus elementos é caracterizada pelo “caos, pobreza das mensagens e inexistência de um discurso directivo e objectivo” (Abreu, 2011, p. 7).

Epstein et al. (1993, como citado em Sousa, 2005, pp. 27-28) analisaram a comunicação a partir de duas dicotomias: a comunicação clara versus mascarada; e a direta versus indireta. Com base nestas duas dimensões identificaram-se ainda quatro estilos comunicacionais: o estilo claro e direto (estilo mais saudável); o estilo claro e indireto (mensagem clara, mas encaminhada a alguém que não o alvo); o estilo mascarado e direto (conteúdo pouco claro, mas dirigido à pessoa alvo); e por fim o estilo mascarado e indireto (mensagem vaga e encaminhada a alguém que não o alvo). Conforme Sousa (2005), as famílias multiproblemáticas têm tendência em utilizar o estilo de comunicação mascarado e indireto, ou seja, a mensagem é vaga e não dirigida diretamente à pessoa alvo, tendo por isso consequências negativas no sistema familiar, como a existência de conflitos, a não resolução afetiva de problemas, a ausência de intimidade e a frágil ligação emocional.

A comunicação também é usualmente dividida em duas categorias – a instrumental e a afetiva (Sousa, 2005). A primeira direciona-se na e para a troca da informação factual, enquanto a comunicação afetiva incide na forma pela qual os elementos partilham as suas emoções (Sousa, 2005). As famílias multiproblemáticas, em termos da comunicação instrumental, são reconhecidas pela troca limitada de informação entre os seus elementos (Minuchin et al., 1967 como citado em Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007) e pela utilização frequente de canais paraverbais, fechados e mensagens com mais ressonância relacional que comunicacional

(Alarcão, 2006). Ao nível da comunicação afetiva, estas famílias variam entre dois extremos: num dos pontos apresenta muita qualidade e proximidade; e no outro verifica-se uma total ausência de empatia e interação, dominada pela pobreza de afetos, negatividade, culpabilização e crítica constante relativamente ao comportamento dos seus elementos, sendo ainda frequente a utilização de generalizações.

Em suma, as famílias multiproblemáticas apresentam um funcionamento muito próprio, regulado pelo caos e desorganização, em que o estilo de pensamento muito concreto inibe a interpretação de um nível de discurso e de comportamento mais complexo, a ausência de metacomunicação leva à dificuldade na compreensão das mensagens e é ainda possível observar uma incapacidade de conceptualizar o futuro e o controlo dos impulsos.

### **1.5. Áreas problemáticas**

De acordo com o que foi dito previamente, nas famílias multiproblemáticas averiguam-se uma sucessão de crises, problemas e dificuldades acompanhados por elevados fatores de stress (Sousa et al., 2007). É característico nestas famílias que, quando ocorre um problema, o mesmo seja vivenciado num contexto de elevada fragilidade e, conseqüentemente, agravado pelas próprias características das famílias, pelo facto destas deterem escassas condições para ultrapassar esses momentos, sendo encarados de forma difícil, o que pode conduzir a crises de desenvolvimento da própria família. As crises desenvolvimentais, tanto individuais como da família, podem despoletar outras situações problemáticas, com ocorrência de forma prematura, o que por sua vez pode reforçar outras circunstâncias de fragilidade (Sousa et al., 2007).

Constata-se que as famílias multiproblemáticas parecem viver em crise permanente, momentos de estabilidade com pouca duração e devido à perceção que possuem sobre as mudanças normativas do ciclo de vida individual ou da própria família (crises de desenvolvimento), como algo que é esperado (Sousa et al., 2007). Neste sentido, ocorrem com uma certa frequência “sentimentos de ineficácia, impotência, solidão, baixa auto-estima, bem como baixas expectativas e motivação para a mudança positiva, assim como uma escassa sensação de controlo sobre o rumo da sua própria vida, intolerância à frustração e frequentes passagens ao acto” (Sousa et al., 2004, como citado em Abreu, 2011, p. 8).

A partir dos estudos de Hespanha, Sousa, Portugal, Rodrigues & Grilo (2005), foram identificadas oito categorias gerais relativamente às áreas de problemas das famílias multiproblemáticas, sendo elas:

- i) A educação, na qual e de um modo geral os elementos das famílias

multiproblemáticas apresentam baixos níveis de escolaridade (Matos & Sousa, 2006), um incumprimento da sua obrigatoriedade (situações de abandono ou absentismo), insucesso escolar, analfabetismo e problemas comportamentais (Abreu, 2011; Machado, 2007);

ii) O emprego, sobretudo quanto ao seu contrário, o desemprego, o qual é muito comum nestas famílias (Abreu, 2011). Quando os membros das famílias multiproblemáticas estão inseridos no mercado de trabalho ocorrem situações de instabilidade profissional, recorrentes empregos temporários e trabalho informal. Relativamente às mulheres deste tipo de famílias, apura-se que estas não trabalham frequentemente fora de casa, nomeadamente por opção e/ou por impossibilidade de ter uma atividade regular (Abreu, 2011);

iii) A gestão financeira, caracterizada por um consumo elevado de bens materiais ou privação económica, torna-se reveladora da má gestão e priorização do rendimento familiar (Cancrini et al., 1997);

iv) A habitação que apresenta vários problemas de manutenção, precariedade e insalubridade (Abreu, 2011). Por vezes, as habitações não estão equipadas com infraestruturas básicas, como o saneamento, a água canalizada e a eletricidade (Cerqueira et al., 2003). Além do mais, a sobrelotação e falta de espaço são aspetos frequentes devido ao número de elementos do sistema familiar, anulando assim a privacidade de cada um, o que poderá despoletar conflitos na família (Abreu, 2011), como já foi mencionado antes;

v) O rendimento das famílias multiproblemáticas é escasso, o que faz com que a família dependa de outras fontes de apoio formal ou informal (Sousa et al., 2007), o que é agravado pelas despesas com a saúde, que constitui outro dos domínios preocupantes destas famílias;

vi) Na saúde destas famílias, surgem regularmente elevados números de elementos portadores de algum tipo de deficiência e/ou perturbação mental, com diferentes níveis de incapacidade e dependência, bem como problemas relativos ao abuso de substâncias e ainda doenças ou problemas relacionados com acidentes de trabalho (Abreu, 2011);

vii) As relações familiares assumem um maior destaque, nas quais se salienta o conflito com a família alargada e com os elementos do agregado familiar, resultando em ruturas familiares e relações distantes (Abreu, 2011);

viii) As relações sociais, que também são descritas pela existência de conflitos no relacionamento com a comunidade, isto é, em relação aos vizinhos da família, nos relacionamentos estabelecidos no local de trabalho e também com os profissionais de saúde (Sousa, 2004).

Por fim, o pensamento «marginal» destas famílias demonstra desconfiança e receio (Sousa, 2005), o que, de um modo geral, evidencia a indiferença para com as leis e normas sociais, não havendo preocupação com o reconhecimento legal de diversas situações e relações, tal como casamentos, mortes e/ou separações (Cancrini et al., 1997).

Em estudos realizados por Sousa (2004) e Cerqueira et al., (2003), concluiu-se que as famílias multiproblemáticas nem sempre têm consciência da gravidade e das consequências negativas de alguns dos seus problemas e necessidades. Assim, a perceção dos problemas com maior gravidade por parte das famílias está relacionada com a habitação, o rendimento e as relações familiares, enquanto problemas relativos à saúde, gestão financeira e emprego são descritos como triviais.

Estes mesmos autores, Sousa (2004) e Cerqueira et al., (2003), também apontaram para o facto das famílias multiproblemáticas vivenciarem múltiplos problemas complexos e graves em várias áreas da família. Embora descritos individualmente por cada elemento, os mesmos se encontram interligados e reforçam-se mutuamente. Para Pakman (2007, como citado em Abreu, 2011), “as famílias multiproblemáticas possuem vários domínios de risco que se influenciam reciprocamente, criando um círculo vicioso negativo de problemas, que faz decrescer a qualidade da vida” (p. 10).

Partindo dos resultados obtidos no estudo longitudinal de Sousa, Ribeiro e Rodrigues (2007), constituiu-se uma tipologia no sentido de obter um novo olhar sobre as problemáticas das famílias multiproblemáticas, assim identificaram-se quatro problemas: problemas crónicos; problemas de longa duração; problemas de longa duração cíclicos; e problemas de curta duração.

Posto isto, os problemas crónicos são situações que não têm solução, apesar de serem factos que tendem a ter poucas resoluções na sua totalidade ou uma elevada manutenção. Enquanto os problemas de longa duração tornam-se parte da identidade da família, estes têm um carácter transgeracional e caracterizam-se por uma elevada manutenção e baixa resolução. Quanto aos problemas de longa duração cíclicos, estes dizem respeito às dificuldades usuais nas famílias, ou seja, os problemas tanto estão ausentes como presentes, em resultado da ausência de recursos materiais e emocionais, de forma a gerir ou solucioná-los. Por fim, os problemas de curta duração conseguem ser resolvidos de forma breve, através dos recursos existentes da família.

Por último, é essencial olhar para estas famílias do ponto de vista a englobar todos os possíveis problemas e não categorizar apenas determinados problemas fixos, visto que cada família é uma família, com as suas próprias características, dificuldades, necessidades,

competências e recursos. Somente considerando-as desta maneira e com o apoio por parte dos serviços e/ou técnicos, podem ser resolvidos mais adequadamente os diversos momentos de crises ou situações de maior fragilidades que encontrem.

## **1.6. Resolução de problemas: recursos e serviços**

Na maior parte dos estudos sobre as famílias multiproblemáticas e em conformidade com Sousa (2007), a abordagem utilizada recai regularmente sobre os aspetos menos positivos das mesmas, evidenciando a desorganização, a escassez de recursos e o apoio na resolução de problemas como características centrais destas famílias. De facto, as famílias multiproblemáticas tendem a ser designadas pelos inúmeros problemas que têm, no entanto também é possível identificar as suas potencialidades, sendo que para tal é necessária a compreensão dos processos através dos quais a família é capaz de se adaptar, resolver e/ou gerir problemas ou as múltiplas adversidades e/ou crises que ocorrem (Reis, 2012; Serrano, 2007).

### **1.6.1. Competências e recursos**

Ainda nos dias de hoje, os estudos realizados sobre a temática das famílias multiproblemáticas focam-se maioritariamente na área da pobreza, incidindo nos défices, nas vulnerabilidades e nos problemas, deixando de parte os recursos, as competências e as forças de que dispõem e são portadoras (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2007).

Parece existir um ofuscar no que concerne os recursos e competências destas famílias, o que acontece pelo emaranhado de problemas que experienciam, sendo assim difíceis de identificar e pouco valorizados por elas (Sousa et al., 2004; Cerqueira et al., 2003). Em consequência, os profissionais que intervêm com e neste tipo de famílias têm muitas vezes dificuldade em reconhecer e valorizar as suas competências.

As competências familiares descritas por Dunst (1994, como citado em Silva, 2013, p. 9) são como uma forma de “comportamentos que refletem a performance da família de mobilizar recursos internos ou externos”. Ausloos (2006, como citado em Silva, 2013, p. 9) referiu que “todas as famílias têm competências necessárias para efetuarem transformações de que precisam, desde que as deixemos experimentar as suas próprias soluções e ativaremos o processo que as autoriza a isso”. Na mesma linha, Valente (2009) realçou a necessidade de não ignorar os problemas e dificuldades das famílias, logo é fundamental utilizar as duas formas de abordagem de modo complementar e compatível, no sentido de ser indispensável utilizar a abordagem relativa às forças, às competências e aos recursos das famílias multiproblemáticas,

em vez de as considerar inconciliáveis na intervenção. Nesta perspetiva, diversos são os investigadores como Valente (2009) que têm procurado contribuir para esta mudança de paradigma, considerando pertinente as competências e forças das famílias multiproblemáticas, na medida em que o entendimento, a exploração e a ativação de aspetos positivos se têm revelado instrumentos de trabalho oportunos e eficazes no *empowerment* deste tipo de famílias (Valente, 2009; Cruz & Carvalho, 2011).

As famílias multiproblemáticas têm estruturas, vinculações, padrões recorrentes e fronteiras que, mesmo não funcionando da melhor forma (Minuchin et al., 1998), podem possibilitar a tolerância de situações de grande frustração e promover o desenvolvimento de mecanismos de procura de ajuda, para enfrentar e responder a situações de múltiplas crises (Valente, 2009). Vários estudos nacionais realizados por Sousa et al. (2004, 2005, 2007) e Reis (2012) identificaram como competências e recursos, percebidos por profissionais e pelas próprias famílias, “a união e entreaajuda familiar, o forte vínculo e o apoio emocional entre pais e filhos e capacidade de organização e partilha das tarefas quotidianas” (Valente, 2009, p. 108). Apesar de todos os problemas e crises sucessivas, estas famílias revelam contudo uma grande preocupação em procurar soluções e estratégias adequadas para conseguirem ultrapassar as suas fragilidades (Sousa et al., 2007; Sousa & Ribeiro, 2005). Como em qualquer tipo de família, também as famílias multiproblemáticas demonstram possuir competências, forças e vontade para resolver eficazmente, com maior ou menor facilidade/dificuldade, as situações ou acontecimentos que podem causar momentos de crise (Reis, 2012).

Estes dados sugerem que estas famílias estão apetrechadas de estruturas e padrões de funcionamento que, embora sejam disfuncionais, permitem tolerar situações de stress e frustração e consequentemente desenvolver mecanismos de procura de ajuda, que podem ser obtida nos serviços adequados.

### **1.6.2. Relação com serviços**

As famílias chegam aos serviços e aos técnicos tanto por iniciativa própria como pelo encaminhamento realizado por outros técnicos ou ainda por sinalização de outros serviços que identificam determinado(s) problema(s) (Edwards, 1995; Sousa, 2005), por isso são assistidas por um grande número de serviços que visam encontrar um equilíbrio intersistémico, para que possam auxiliar a adquirir um sentido aos comportamentos e relações dos diferentes elementos da família, como um todo (Alarcão, 2006).

As assistências especializadas que caracterizam as famílias multiproblemáticas e a

importância das mesmas no seu desenvolvimento levam a que sejam definidas como famílias multiassistidas (Alarcão, 2006). Os técnicos que intervêm com este tipo de famílias devem necessariamente ter uma visão diferenciada, sendo determinante identificar não só os problemas e as suas fragilidades, mas também as suas competências, ou seja, reorientar os défices, os problemas e áreas em que a família falhou e orientar a sua abordagem de intervenção, centrando-se nos recursos e forças da família (Reis, 2012). Segundo Walsh (1996) é importante que, neste tipo de famílias, os serviços utilizem e foquem os processos nos quais ela foi ou pode ser bem-sucedida.

O reconhecimento das competências, potencialidades e recursos passa pela compreensão dos “processos através dos quais as famílias são capazes de se adaptar e funcionar de forma competente após a exposição às adversidades ou crises significativas” (Valente, 2009, p. 120). Este processo corresponde ao conceito de resiliência familiar (Reis, 2012) e os profissionais e/ou os serviços, que nelas intervêm, têm um papel crucial na ativação das competências “através da capacitação, autonomização e responsabilização, sendo elas próprias os principais agentes de mudança” (Reis, 2012, p. 44).

Depreende-se deste modo que os serviços e os técnicos devam realizar uma intervenção com base nas suas competências, mostrando-as às famílias e/ou reforçando-as, pois estes podem ser considerados uma fonte de apoio para melhorar o funcionamento familiar. Todavia, também podem funcionar como fonte de stress, na medida em que podem reduzir a autonomia da família e, em vez de focar as competências, podem indiretamente reforçar as fragilidades sentidas por estas. Por outro lado, quando ocorrem diversas intervenções por parte de diferentes serviços ou técnicos poderá despoletar algum stress na família, quando os objetivos da intervenção se diferenciam de serviço para serviço ou de técnico para técnico (Serrano, 2007; Reis, 2012; Coutinho, 2004; Ferreira & Vascoconcelos, 2015), sendo necessária uma colaboração entre eles, assemelhando-se e construindo uma intervenção interserviços e multidisciplinar.



## Capítulo II – Parentalidade em Famílias Multiproblemáticas

“O processo, designado por parentalidade, é uma fase do desenvolvimento humano que exige uma intensa adaptação psicológica e afetiva”  
(Brito, 2005, p. 420)

### 2.1. Conceito e definição de Parentalidade

Uma das tarefas mais relevantes na sociedade é a educação das crianças (Valente, 2009). Como já foi referido diversas vezes ao longo do capítulo um do presente estudo, a importância da família remete sobretudo para a consideração dos pais como uma das fontes mais relevantes de socialização e educação.

Hoje pode dizer-se de forma consensual que a parentalidade é um processo de desenvolvimento das mães e dos pais, não se focando apenas num papel ou função, mas sim num processo complexo de maturação psicológica (Pereira & Alarcão, 2014), sendo uma das funções centrais da vida de muitos adultos (Valente, 2009). Assim falar de parentalidade reporta-se para o estado ou qualidade de ser mãe ou pai, o que implica uma experiência subjetiva de se tornar numa dessas figuras.

Considerando o conceito, a parentalidade é vista como uma tarefa “complexa, difícil e desafiadora, revelando-se como uma das que incutem maior responsabilidade no ser humano, ao longo da sua vida” (Almeida, 2015, p. 9).

De acordo com Barroso e Machado (2010), a parentalidade é definida comumente como sendo uma atividade propositada, no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento infantil, num ambiente seguro, de modo a socializar a criança e atingir o objetivo de a tornar progressivamente mais autónoma. Cruz (2005) definiu a parentalidade como “um conjunto de ações realizadas pelos cuidadores, junto da criança, no sentido de promover o seu desenvolvimento da melhor e mais completa forma possível, utilizando para tal os recursos de que dispõem, na família e na comunidade” (p. 13). Complementando esta noção, Daly (2007) referiu que ela deve ser designada em termos “de uma comunidade de parceiros chave: pais, crianças, serviços locais e nacionais, e o estado” (p. 7).

Neste sentido, segundo Pereira e Alarcão (2014), a parentalidade deve ser constituída como um todo, num espaço ecológico abrangente para o desenvolvimento da criança. Tal como as autoras anteriores, Cochran e Diego (2002) destacaram a importância do apoio social para o

exercício desta e a forma como influenciam a qualidade do desenvolvimento da criança, por meio das interações estabelecidas com determinados serviços envolventes.

O impacto da parentalidade sobre a trajetória de vida das pessoas faz com que este processo seja uma das transições normativas mais importantes das mulheres e dos homens ao longo do seu ciclo vital (Hidalgo, 1998; Feinberg, 2003; Amazonas & Braga, 2006). Esta passagem evolutiva é fruto de um processo de maturação psicológica e envolve um conjunto de ajustes intelectuais e emocionais que possibilitam o encontro das necessidades físicas, emocionais, intelectuais e sociais da criança (Valente, 2009). A transição do ciclo vital da família, em que o casal passa de uma díade para um grupo com mais elementos, envolve mudanças estruturais e funcionais. As primeiras, incluem o surgimento de dois novos subsistemas: o parental e o filial; enquanto as segundas englobam o salto geracional de filho/a para pai/mãe, bem como a complexificação e reestruturação de papéis (Canavarro & Pedrosa, 2005; Amazonas & Braga, 2006; Ribeiro, 2007).

A parentalidade pode ser percebida como uma condição permanente (Tonelo, 2015), em que ocorrem transformações constantes, na medida em que cada etapa de desenvolvimento do/a(s) filho/a(s) exige, por parte das mães e dos pais, uma adaptação em relação às “suas expectativas, sentimentos, comportamentos e preocupações” (Valente, 2009, p. 43). Logo, é importante entender a parentalidade como uma mudança, no âmbito de tarefas relativas aos cuidados e à educação, mas também alterações que surgem nas relações conjugais, na redefinição e/ou compatibilização de papéis e hábitos, nas restrições à liberdade pessoal, nas repercussões sobre a atividade profissional e nas questões económicas (Valente, 2009). Deste modo, todas estas áreas, em que podem ocorrer possíveis transformações, podem ser conotadas como problemáticas e conseqüentemente caracterizar e entender a parentalidade como um processo potencialmente stressante (Alarcão, 2006; Demick, 1995; Hidalgo, 1998).

As mudanças ligadas à parentalidade manifestam-se na própria identidade e nos papéis assumidos (Hidalgo, 1998), sendo de destacar que, do ponto de vista do desenvolvimento do adulto, a transição para a parentalidade tem um impacto importante no desenvolvimento emocional e cognitivo. A nível emocional, evidencia-se a relação de vinculação que as mães e os pais tendem a estabelecer com a criança, caracterizada como única e diferente de todas as restantes relações afetivas; e a nível cognitivo ocorre na formação e reorganização de ideias, atitudes e conhecimentos relativos ao desenvolvimento, à educação da criança e do próprio adulto (Valente, 2009).

Em concordância com o modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1994), a parentalidade é afetada por diversos fatores, sendo considerados três eixos de influência no desenvolvimento

das funções parentais: i) as características da criança; ii) as características dos pais e iii) o contexto social. Tendo em conta esta tríade, a relação entre mãe/pai ou cuidador(es) e a criança é uma relação bidirecional (Bronfenbrenner, 1986; McHale, 1995), na qual esta última também desempenha um papel ativo, sendo que “(...) são recíprocas e promovem o desenvolvimento de ambos os elementos” (Brás, 2008, p. 8) e ainda são influenciadas por fatores externos, como a cultura ou o nível socioeconómico.

O contexto em que a família se insere pode ser considerado como determinante no exercício das funções e papéis parentais dificultando ou facilitando a adaptação ao subsistema parental (Almeida, 2015; Bueno, Meincke, Schwartz & Corrêa, 2012).

As investigações sobre as mudanças na qualidade da relação conjugal de casais que passam pela transição para a parentalidade, levadas a cabo por Wilkinson (1995), Crohan (1996) e Miller (1976), sugerem que esta etapa de transição é um período crítico para a satisfação conjugal, evidenciando um decréscimo da felicidade e satisfação conjugal nos casais com filhos. Na mesma linha, num estudo longitudinal de Rothman (2004), concluiu-se que a satisfação conjugal diminui durante a transição para a parentalidade.

Houzel (1999) concebeu a parentalidade segundo três eixos:

i) O exercício da parentalidade que engloba todos os direitos e deveres jurídicos, como a obrigação de vigilância e proteção, quanto à educação e saúde;

ii) A experiência da parentalidade que integra o que é sentido, experimentado e vivido pelos incumbidos das funções parentais;

iii) A prática da parentalidade que inclui tarefas de ordem doméstica, cuidado, educação, socialização e interações entre pai/mãe ou cuidadores e filho/a(s).

Deste modo, os três eixos visam cumprir funções da/o mãe/pai ou cuidador(es) junto da criança, nomeadamente quanto à satisfação das necessidades físicas, afetivas, cognitivas, emocionais e sociais com vista à sua autonomização (Pereira & Alarcão, 2014).

Em síntese podem destacar-se as seguintes funções específicas da parentalidade: i) assegurar a sobrevivência, o crescimento e a socialização nos comportamentos de comunicação, diálogo e simbolização; ii) proporcionar um ambiente de afeto e apoio; iii) tomar decisões tendo em conta os outros contextos educativos, nos quais a criança se integra.

Nos estudos realizados por Pereira e Alarcão (2014) destaca-se outro aspeto – a parentalidade “suficiente” ou “minimamente adequada”, conceito já referido por Barudy e Dantagan (2005), sendo que estes últimos lhe atribuíam cinco características. A primeira diz respeito à existência de vinculação, aos níveis de empatia e aos modelos educativos que reconhecem a criança como sujeito, com necessidades e direitos. A segunda tem a ver com a

existência de experiências de participação em redes de apoio social. Enquanto a terceira está relacionada com a capacidade de solicitar ajuda dos serviços a respeito das necessidades da criança. A quarta característica é a capacidade introspectiva suficiente para assumir a função de responsabilidade parental. Por fim, a quinta etapa correlaciona-se com a abertura para confiar em instituições e colaborar com profissionais que possam oferecer apoio.

De forma complementar, autores como Reader, Duncan e Lucey (2005) e Maitra (2005) referiram que os critérios ou características que definem uma parentalidade “suficiente” são socialmente construídos e tendem a depender de impressões subjetivas e de crenças culturais (Barroso & Machado, 2010). Contudo, Keller, Voelker e Yovsi (2005, como citado em Barroso & Machado, 2010) verificaram o papel da cultura na construção do conceito de parentalidade e concluíram que todas as teorias apontam no sentido de serem culturalmente partilhadas e delineadas a partir de um sistema de crenças culturais, em que as dimensões e os determinantes na relação mãe/pai-filhos aspiram a permanecer semelhantes (Barroso & Machado, 2010).

Braz, Dessen e Silva (2005) procuraram descrever aspetos da parentalidade, comparando 14 famílias de classe média e baixa, verificando que “ser boa mãe” ou “ser bom pai” é entendido pelos indivíduos de classe baixa como ser uma mãe ou um pai afetiva/o, enquanto os indivíduos de classe média veem uma mãe ou um pai como participativa/o, o que fornece suporte emocional, apoio no domínio da orientação e que consiga estabelecer alguma disciplina.

Em síntese, tanto a transição para a parentalidade como a própria parentalidade envolvem grandes mudanças, adaptações e reajustes, possuindo um grande impacto na vida pessoal e familiar dos indivíduos (Canavarro & Pedrosa, 2005; Ribeiro, 2007). No entanto, o próprio sistema familiar deve perceber e adotar novas estratégias consoante o seu funcionamento e estrutura, para que as mudanças, adaptações e reajustes se tornem em «forças» capazes de enfrentar alterações previsíveis e imprevisíveis da melhor forma possível.

## **2.2. Determinantes da Parentalidade**

Dentro da parentalidade existem vários determinantes, os quais podem predizer a forma como a mãe ou o pai a exercem (Almeida, 2015). Belsky e Jafee (2006) referiram que as características parentais como os fatores demográficos e psicológicos, e o padrão de comportamento parental são determinantes que podem influenciar a parentalidade e têm por consequência um impacto no desenvolvimento da criança (Almeida, 2015). Assim, o termo «determinante(s)» pode ser atribuído a qualquer fator demográfico e/ou psicológico que se

encontre correlacionado com o comportamento parental (Belsky, 1984; Belsky, 2005), tal como “as circunstâncias individuais, históricas e sociais que se encontram combinadas e que parecem influenciar o funcionamento parental” (Luster & Okagaki, 2005, como citado em Barroso & Machado, 2010, p. 217).

Conforme Luster e Okagaki (2005, como citado em Barroso & Machado, 2010), muitos dos estudos sobre os aspetos determinantes da parentalidade procuram as suas bases teóricas em investigações a respeito de maus tratos a menores. Pressupõe-se assim que os maus tratos são o extremo negativo do cuidado parental, situando-se no oposto o cuidado parental positivo, fazendo com que estes dois extremos representem o *continuum* do processo de parentalidade (Sherifali & Ciliska, 2006; Belsky, 2005; Azevedo & Maia, 2006). Quando se aborda esta temática, é importante ter em consideração que os fatores que influenciam os maus tratos e o abuso da criança podem manifestar-se de igual modo no funcionamento saudável e normal da parentalidade (Belsky & Vondra, 1989; Sherifali & Ciliska, 2006; Azevedo & Maia, 2006).

Portanto, para se compreender a parentalidade é essencial ter conhecimento que os determinantes podem prognosticar e/ou interferir no comportamento parental.

### **2.2.1. Modelo Socio-contextual dos Determinantes de Belsky e Jafee (2006)**

Belsky e Jafee (2006), através do modelo dos determinantes da parentalidade, destacaram a comunidade em que as famílias habitam como uma das características que pode ter impacto no comportamento parental e no da criança. O modelo defende que a parentalidade é «multideterminada» e pode ser influenciada por diferentes fatores assinalados pelos autores como subsistemas, nomeadamente: as características das crianças; as características parentais; e as características do contexto social; sendo que todas elas se influenciam mutuamente (Barroso & Machado, 2010; Hoghughi, 2004).

Por meio de uma revisão dos fundamentos teóricos iniciais deste modelo, estes mesmos autores destacaram os fatores individuais dos pais (e.g., personalidade e psicopatologia), características individuais das crianças (e.g., temperamento) e fatores do contexto social alargado (e.g., ocupação, profissão parental e redes de suporte social), como determinantes e influências na parentalidade. Por conseguinte, o primeiro determinante deste modelo expressa as características individuais parentais, apontando para o facto de que certos fatores da personalidade da/o mãe/pai facilitam a parentalidade. A título de exemplo, este aspeto verifica-se em progenitores que apresentam índices elevados de extroversão, afabilidade e abertura à experiência e conscienciosidade, podendo dispor de um “padrão educativo de maior suporte,

responsividade e estimulação intelectual” (Belsky & Jafee, 2006; Vondra, Sysko & Belsky, 2005, como citado em Barroso & Machado, 2010, p. 219). Alguns estudos, como o de Milner (2003), mostraram que a personalidade atua sobre a parentalidade através das atribuições, isto é, os progenitores tendem a desenvolver esquemas cognitivos e afetivos que interferem nas respostas que pretendem da criança ou nas respostas aos comportamentos da mesma (Barroso & Machado, 2010). Deste modo, é possível defender que as experiências desenvolvimentais durante a infância dos progenitores também influenciam os comportamentos destes, os traços de personalidade e o bem-estar psicológico (Barroso & Machado, 2010).

Em referência ao segundo fator, as características individuais das crianças influem no processo de parentalidade, na medida em que “um temperamento difícil por parte da criança (e.g., maior negatividade, irritabilidade persistente ou pouca sociabilidade) tende a suscitar nos pais um comportamento menos responsivo, com maior hostilidade e, por vezes, com menor sensibilidade às necessidades da criança” (Barroso & Machado, 2010, p. 218). Belsky (1984) acrescentou que as características da criança, por si só, não condicionam a parentalidade, mas a correlação entre as características das crianças e as dos pais têm impacto na mesma.

Para além disso, a ocupação ou profissão da/o mãe/pai, a rede de suporte social e as características da vizinhança e da comunidade englobam-se no terceiro fator dos determinantes da parentalidade, conseguindo determinar alguns comportamentos da atividade parental (Barroso & Machado, 2010).

Por último, autores como Kotchick e Forehand (2002), tal como Belsky e Jafee (2006), reforçaram a ideia da existência de múltiplos fatores que podem contribuir para a modelação das práticas parentais, embora considerem o contexto social como o determinante com maior importância e impacto no processo de parentalidade.

### **2.3. Dimensões da Parentalidade**

O processo educacional de uma criança é complexo e exige diferentes tarefas por parte dos cuidadores, sendo que eles compõem o seu meio de crescimento e desenvolvimento (Hoghugh, 2004).

As dimensões da parentalidade dizem respeito às variadas formas de gestão da atividade parental, refletindo os recursos, suporte, competências e características de que os pais e mães dispõem (Pecnik, Daly & Lalière, 2006). Quando as dimensões integram a atividade parental asseguram o desenvolvimento da criança, assim sendo as mães e os pais conseguem exercer uma parentalidade minimamente adequada (Belsky, 1984; Hoghugh, 2004).

Vários foram os estudos realizados para perceber as dimensões da parentalidade. Estes foram iniciados com estudos de Baumrind (1968), cujo objetivo era avaliar o impacto das práticas parentais em várias dimensões do indivíduo, decisivos no processo de desenvolvimento da criança. Seguindo-se pelos estudos realizados por Maccoby e Martin (1983) em que, ao relacionar as dimensões de controlo, suporte, afeto e aceitação com a definição de comportamento parental, desenvolveu-se a dimensão da responsividade e a dimensão da exigência.

Em conformidade com Baumrind (1968) e Magalhães, Alvarenga e Teixeira (2012), em qualquer estilo parental (permissivo, autoritário, autoritativo e negligente) estão subjacentes duas dimensões principais, nomeadamente a dimensão do controlo exercido pelo/a(s) pai/mãe/cuidadores e a dimensão do suporte, afeto e aceitação.

A dimensão do controlo tem implicações bastante significativas no funcionamento adaptativo da criança, relativamente à capacidade para viver em grupo e em sociedade (Costa, Pereira & Leal, 2012). O controlo pode ser caracterizado como o mecanismo que promove a conformidade e a aceitação das regras, das normas sociais e pode, simultaneamente, ser inibidor quando ligado ao controlo psicológico, e facilitador quando relacionado ao controlo comportamental (Barber, 2002; Pereira, 2007).

Por um lado, o controlo psicológico “consiste num controlo intrusivo e/ou coercivo com recurso a técnicas de manipulação das emoções e interfere no desenvolvimento psicológico e emocional da criança/jovem” (Steinberg, 2005, como citado por Almeida, 2015, p. 19), tendo um impacto negativo na criança e interferindo no desenvolvimento da sua autonomia. Enquanto o controlo comportamental se manifesta “através de um conjunto diverso de comportamentos: comunicação de regras de conduta, ações que visam o cumprimento por parte da criança/jovem dessas regras, monitorização e supervisão da mesma” (Barber, 2002; Steinberg, 2005, como citado por Brás, 2008, p. 6).

Por outro lado, a dimensão do suporte, afeto e aceitação refere um conjunto de características parentais como a disponibilidade afetiva, as expressões de afeto, o envolvimento emocional e a sensibilidade para os estados e necessidades da criança (Rhoner, 2004; Figueiredo, Mateus, Osório & Martins, 2014). De acordo com a teoria de Rohner (2004), existem dois tipos de comportamentos subjacentes a esta dimensão: os comportamentos de aceitação, transmitidos através do afeto físico e verbal; e de rejeição, que envolvem a hostilidade e agressividade física e verbal, comportamentos de indiferença ou de negligência e de rejeição. Nesta perspetiva, a sensibilidade surge como um dos fatores fundamentais para o sucesso destas interações, em que as mães e os pais devem ter a capacidade para perceber e interpretar

corretamente os comportamentos e sinais transmitidos pela criança, de forma a responder o mais adequadamente (Costa, Pereira & Leal, 2012).

Neste sentido, a parentalidade é definida em função do impacto que tem nas crianças e na adequação social do comportamento parental, que deve ocorrer baseado num equilíbrio entre as dimensões de controlo, suporte, afeto e aceitação).

### **2.3.1. Modelo Dimensional de Maccoby e Martin (1983)**

O modelo dimensional da parentalidade criado por Maccoby e Martin (1983) tentou relacionar as dimensões anteriormente referidas (dimensão de controlo, suporte, afeto e aceitação) com a definição de comportamento parental, desenvolvendo a dimensão da responsividade e a dimensão da exigência.

Em primeiro lugar, a dimensão da responsividade refere-se aos níveis em que os cuidadores intencionalmente promovem a individualidade, a autorregulação e autoafirmação da criança, através do apoio, afeto, suporte emocional, complacência e sintonia com as necessidades e exigências da criança (Baumrind, 1965; Baumrind, Larzelere & Owens, 2010).

Seguidamente, a dimensão da exigência diz respeito aos requisitos de maturidade, supervisão, disciplina e prontidão, de forma a confrontar as crianças para uma melhor integração no contexto familiar (Baumrind, 1966; Baumrind, 1991; Baumrind et al., 2010).

### **2.3.2. Modelo Ecológico-cultural de Ogbu (1995)**

Seguindo a ideia do modelo exposto anteriormente, surge a perspetiva ecológico-cultural de Ogbu (1995), a qual defende que a cultura afeta o comportamento parental, determinando as competências parentais e da criança, considerando-as necessárias para a sobrevivência e o sucesso. Para este autor, as práticas parentais podem ser determinadas em função da disponibilidade dos recursos ambientais, facilitando (ou não) o desenvolvimento das competências culturalmente valorizadas sobre as práticas educativas parentais, o que delinea a forma como as pessoas pensam, se comportam, tomam decisões e definem as experiências, de entre as quais a parentalidade.

Kotchick e Forehand (2002) ainda destacaram que alguns estudos permitem compreender o processo envolvido na parentalidade, em particular o efeito do contexto social, como a etnicidade e a cultura, o estatuto socioeconómico e o ambiente comunitário. Neste seguimento, para Ogbu (1995) a cultura afeta o comportamento parental, delimitando as

competências tanto dos pais como das crianças, consideradas necessárias para a sobrevivência e sucesso de todo o processo da atividade parental.

### **2.3.3. Modelo Integrativo de Hoghughi (2004)**

O modelo integrativo da parentalidade foi desenvolvido por Hoghughi (2004) baseando-se nas propostas de Bronfenbrenner (1994) e no modelo de determinantes da parentalidade de Belsky (1984). Este modelo divide-se em três grandes áreas, nas quais são sugeridas onze dimensões da parentalidade: i) as atividades parentais – conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade suficientemente adequada; ii) as áreas funcionais – principais aspetos do funcionamento da criança; iii) os pré-requisitos – conjunto de especificidades necessárias para o desenvolvimento da atividade parental (Hoghughi, 2004). No que tange às atividades parentais destacam-se as dimensões de cuidado, disciplina e desenvolvimento, isto é, assegura-se a prevenção de dificuldades que possam causar algum sofrimento à criança, no entanto também promovem situações positivas que ajudam a mesma a satisfazer as necessidades de sobrevivência (Darling & Steinberg, 1993; Bradley, 2007; Maccoby, 2000; Guedes, Carvalho, Pires & Canavarro, 2011).

A nível físico, os cuidados são “traduzidos na garantia de alimentos, proteção, vestuário, higiene, hábitos de sono, assim como a precaução de acidentes ou de doenças preveníveis ou tomada de ações rápidas para uma resolução eficaz destas situações sempre que ocorram” (Reader, Duncan & Lucey, 2005, p. 213). Os cuidados emocionais relacionam-se com os comportamentos e atitudes que asseguram o respeito pela criança como individuo, facilitando uma vinculação segura e previsível, criando também uma orientação otimista em relação a novas experiências (Hoghughi, 2004; Bowlby, 1990; Figueiredo et al., 2004). Os cuidados sociais têm como objetivo garantir que a criança não seja isolada dos seus pares ou adultos significativos, no curso do seu desenvolvimento (Barroso & Machado, 2010).

Relativamente à dimensão de controlo e disciplina, esta é composta por um conjunto de atividades relacionadas com a imposição de limites à criança, o que evidencia o estabelecimento de laços nas atividades que os pais realizam com os seus filhos desde o nascimento, de forma a supervisionar o comportamento e assegurar que estes permaneçam dentro dos limites razoáveis (Hoghughi, 2004). Por fim, a dimensão da atividade de desenvolvimento remete para os desejos parentais, ou seja, na idealização de todo o potencial da criança em todas as áreas de funcionamento, desde a promoção de competências desportivas, artísticas e culturais até à

transmissão de valores como a tolerância, a honestidade, a coragem e o respeito (Barroso & Machado, 2010).

Acerca das áreas funcionais, estas reportam-se ao funcionamento da criança: a funcionalidade física relacionada com o estado de saúde, necessidades de sobrevivência e otimização do seu bem-estar; o funcionamento intelectual, no sentido de potenciar as competências educacionais, de trabalho e de resolução de problemas nos seus filhos; o comportamento social, em que deve ser facilitado o desenvolvimento social infantil por parte das mães e dos pais; e a saúde mental, relativa aos pensamentos, sentimentos e comportamentos que a criança manifesta em relação a si mesma e aos outros (Hoghughi, 2004).

Outra dimensão do modelo de Hoghughi (2004) é referente aos pré-requisitos necessários para o desenvolvimento da atividade parental, sendo estes a existência de conhecimento, a compreensão, a motivação, os recursos e as oportunidades. Segundo o mesmo, o conhecimento e a compreensão são aspetos fundamentais para que exista um processo parental efetivo. A motivação está interligada com os dois aspetos anteriormente referidos, sendo descrita como o respeito pelos desejos e compromissos dos pais em canalizar os esforços necessários para manter e melhorar as condições de socialização da criança (Barroso & Machado, 2010). Quanto aos recursos, Hoghughi (2004) enumerou qualidades, competências, redes sociais e recursos materiais, os quais facilitam a atividade parental. Por fim, o último pré-requisito expressa-se nas oportunidades, em que se realça o tempo necessário para que as mães e os pais exerçam da melhor forma a sua atividade.

#### **2.4. Parentalidade nas Famílias Multiproblemáticas**

A parentalidade está diretamente associada à conjugalidade através da ligação dos elementos dos dois subsistemas – conjugal e parental (Sousa, 2005). Por este motivo, a parentalidade nas famílias multiproblemáticas é desempenhada de uma forma deficitária, sendo muitas vezes caracterizada como uma parentalidade perturbada (Neves, 2007; Sousa & Ribeiro, 2005). A conjugalidade destas famílias configura-se pelo conflito e a inconstância na relação, o que conduz à deterioração da função parental (Sousa, 2005; Narciso, 2001) e perturba a função vinculativa e socializadora dos pais (Alarcão, 2006).

Portanto, as famílias multiproblemáticas caracterizam-se pela prevalência de problemas no desempenho de papéis, tanto ao nível parental como conjugal, apresentando dificuldades no estabelecimento e delimitação das fronteiras entre diferentes subsistemas, como é o caso de: instabilidade psicossocial dos elementos; desorganização estrutural; e ocorrência de

comportamentos problemáticos ao longo do ciclo de vida da família (Linares, 1997; Cancrini et al., 1997). Nesta sequência, as disfuncionalidades podem constituir uma predisposição que dificulta o comportamento de cada membro e do sistema familiar integral (Sousa, 2005).

Este tipo de famílias é considerado de elevado risco para os seus elementos, por serem eles próprios balizados mediante fatores de risco psicossocial e privação sociocultural, o que contribui e reforça os padrões de disfuncionalidade, as crises e a marginalidade que habitualmente as marcam (Tonelo, 2015). De facto, este contexto está agregado a um “padrão de transmissão geracional disfuncional que se espelha nas crianças, nas famílias e no meio em que são intervenientes” (Tonelo, 2015, p. 4).

A instabilidade no subsistema conjugal das famílias multiproblemáticas impede o amadurecimento da relação entre cônjuges, em detrimento de uma vivência pautada pela existência de discórdias constantes ou momentos que oscilam entre a grande paixão seguidos de períodos de agressividade (Sousa, 2005). A desarmonia do subsistema conjugal influencia posteriormente o subsistema parental, o que faz com que as tarefas normativas da vida familiar sejam percebidas como barreiras, pressionando os elementos deste subsistema, nomeadamente a mãe e o pai, que tendem a estabelecer alianças disfuncionais conjugando outros sistemas de suporte (e.g.: serviços ou outros elementos da família alargada), de forma a ultrapassar e responderem a situações de conflito ou problema (Sousa, 2005).

Por ter propriedades específicas, Barudy (2009) distinguiu, na parentalidade das famílias multiproblemáticas, três funções parentais básicas: i) função nutritiva que é relativa às necessidades básicas do desenvolvimento da criança; ii) função socializadora que se associa ao processo de desenvolvimento do autoconceito e de identidade da criança; e iii) função educativa que é referente à transmissão de modelos de conduta que permitam à criança viver em sociedade. Com base nesta classificação, os resultados obtidos de um estudo realizado por Linares (2010) com famílias multiproblemáticas permitiu identificar uma parentalidade debilitada ao nível da função educativa, comprometendo a capacidade de inserção e adaptação social das crianças, e quanto à função nutritiva afeta o desenvolvimento emocional destas.

Isto quer dizer que a parentalidade deficitária, a vivência de abandono e da falta de cuidados por parte dos cuidadores, em famílias multiproblemáticas, têm implicações no desenvolvimento da criança, podendo apresentar uma interiorização de modelos inseguros de vinculação, falta de conhecimento de regras e normas culturais, o que se reflete consequentemente na autonomia e exploração do meio e contribui para uma socialização igualmente comprometida (Sousa, 2005).

Por sua vez, a carência de estruturas de socialização na família acarreta perturbações nos adolescentes e jovens adultos e é caracterizada pela “passagem ao acto e incompetência na integração nos sistemas externos por exemplo, na escola” (Sousa, 2005, p. 24), resultando em problemas frequentes de alcoolismo, toxicod dependência, delinquência e de adaptação escolar (Sousa, 2005).

As alianças disfuncionais (Minuchin, 1974) e a função parental deficitária justificam a degradação da relação entre mãe/pai e filho/a(s) pela dispersão de figuras «parentais» (Sousa, 2005), as quais são assumidas por diferentes pessoas (de género feminino ou masculino) que a adotam. Assim, esta função tanto pode ser desempenhada por elementos como a mãe, a avó, a irmã mais velha ou ainda outros elementos da família alargada e eventualmente por profissionais, sejam eles professores, assistentes sociais, médicos, psicólogos, entre outros (Sousa, 2005). Contudo, a existência de diferentes indivíduos exercendo a função parental (Abreu, 2011) e a ausência de figuras de referência adequadas leva a que as crianças sejam educadas por membros da rede social da família com maior disponibilidade para o fazer (Sousa, 2005; Boisson & Verjus, 2004). Conjugando esta circunstância com a elevada vulnerabilidade do meio, ocorrem naturalmente mudanças repentinas e inesperadas, originando sentimentos de medo, abandono, comportamentos defensivos e autossuficiência emocional nas crianças (Sousa, 2005). Também sucede frequentemente impulsos agressivos por parte das mães e dos pais de famílias multiproblemáticas, não existindo assim o uso das funções protetoras levando a situações de maus tratos, desamparo e falta de cuidados (Abreu, 2011).

Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997) identificaram junto de famílias multiproblemáticas um abandono das funções parentais, a existência de modelos de parentalidade pobres, inconsistentes, inadequados e negligentes relativamente à satisfação das necessidades básicas, o que em situações limite pode levar à retirada da criança da sua família. Segundo Abreu (2011) e Rodrigo, Máiquez, Correa, Martín e Rodríguez (2006), por um lado, a parentalidade nas famílias multiproblemáticas compromete a função socializadora e vinculativa dos progenitores e, por outro lado, as funções parentais são eventualmente substituídas e exercidas por diferentes elementos do sistema familiar ou por técnicos e demais profissionais que acompanhem estas famílias.

Embora não tenha que haver uma relação conjugal obrigatória, para a concretização da parentalidade, quando existe, esta pode moldar a parentalidade em diversos fatores. Em analogia ao que é anteriormente indicado, a conjugalidade pode ser definida como “a díade conjugal e constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar” (Pires, 2008, p. 10).

É daí que o sistema conjugal nas famílias multiproblemáticas se particulariza por ser pouco consistente ou mesmo inexistente, o que modifica com alguma frequência o sistema parental de forma negativa (Feinberg, 2002; Valente, 2009). Por isso, a desarmonia na conjugalidade advém de dificuldades oriundas no estabelecimento de trocas equilibradas e igualitárias, e na obtenção de gratificação para com o outro, no sentido de se complementar a si próprio, o que leva a uma situação de frustração e impede o amadurecimento da relação (Sousa, 2005; Alarcão, 2006; Narciso, 2001).

Sabendo que a conjugalidade está associada à parentalidade, a inconsistência conjugal arrasta a deterioração da função parental tanto a nível da vinculação como da socialização, tendo assim consequências negativas no desenvolvimento das crianças a diferentes níveis (Alarcão, 2006; Linares, 2010; Sousa, 2005; Ribeiro, 2014).

Fulmer (1989) retratou de uma maneira muito própria as famílias multiproblemáticas utilizando o termo «famílias multiparentais» porque o elemento masculino do sistema familiar, o pai, ocupa maioritariamente um papel secundário na educação do/a(s) filho/a(s) e no apoio perante a vida familiar, fazendo com que não haja um processo de partilha de qualquer tarefa ou responsabilidade. Isto significa que não existe apoio e comprometimento mútuo entre pai e mãe no exercício da parentalidade, ou seja, não acontece uma relação de coparentalidade, não há possibilidade de negociação de papéis, das responsabilidades e contribuições para fazer face às necessidades das crianças (Margolin, Godis & John, 2001; Feinberg, 2003; Frizzo, Krutz, Schmidt, Piccinini & Bosa, 2005; Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2009; Esteves, 2010; Relvas & Alarcão, 2002).

Logo para que haja coparentalidade devem ser envolvidas a partilha, o apoio e os compromissos mútuos por parte de ambas as figuras parentais, o que não se manifesta frequentemente nas famílias multiproblemáticas devido a discrepâncias entre os conjugues na assunção da função parental, – sendo a coparentalidade neste tipo de famílias um tema pouco e/ou raramente abordado nas investigações.

Assim, a parentalidade em famílias multiproblemáticas pode ser caracterizada pela disfuncionalidade e instabilidade, nas quais as funções parentais são deficitárias e assumidas por diversas figuras e a discrepância entre os papéis parentais e a inexistência de apoio e compromissos por parte da mãe e do pai têm um impacto negativo no desenvolvimento da criança.



## PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

“Aprende-se a ser mãe” E5

Na segunda parte deste trabalho alude-se num primeiro momento a metodologia utilizada, apresentando neste ponto a problemática em estudo, os objetivos gerais e específicos, os instrumentos usados e são expostos os procedimentos adotados na recolha e análise dos dados, bem como a caracterização dos participantes. Num segundo momento, é feita a apresentação e a análise dos resultados obtidos através da técnica de análise qualitativa de conteúdo, são discutidos os resultados e, por fim, apresentadas as principais conclusões do estudo.

### Capítulo III – Método

#### 3.1. Considerações Metodológicas

A investigação científica caracteriza-se por um processo sistemático e rigoroso, que permite examinar fenómenos com o objetivo de obter respostas às questões precisas (análise objetiva da realidade) e regulador do processo de formação (Estrela, 1994). A investigação requer um método que conduz à aquisição de novos conhecimentos pelo desenvolvimento ou verificação da teoria (Fortin, 1999). Ainda de acordo com Fortin, (1999) é através da metodologia que se estudam, descrevem e clarificam os métodos utilizados ao longo do trabalho de investigação.

A determinação do tipo de estudo a realizar está associada à formulação do problema e/ou questões de investigação. Neste sentido, considerando a contribuição específica da investigação qualitativa no âmbito do estudo das relações sociais, justifica-se no presente estudo, a utilização desta metodologia (Flick, 2005).

Em conformidade com Vilelas (2009), a investigação qualitativa considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, que não pode ser traduzido em números. O ambiente natural é a fonte direta para a recolha dos dados que, por sua vez, devem ser descritivos (Vilelas, 2009). Assim, a investigação qualitativa é uma via de estudo da sociedade que se foca no modo como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo envolvente (Willig, 2001). Os investigadores utilizam-na para explorar o comportamento, as perspetivas e as vivências dos participantes (Holloway, 1999). Corroborando

esta perspetiva, McCusker e Gunaydin (2015) defenderam que a investigação qualitativa reside na abordagem interpretativa da realidade social.

Segundo Yin (2011), a investigação qualitativa detêm cinco características principais, sendo elas: i) a possibilidade de investigar o significado que os participantes atribuem à vida num contexto real; ii) o colocar em posição privilegiada a perspetiva do participante; iii) o contemplar do contexto real de vida dos participantes; iv) a procura da explicação do comportamento social humano pela introspeção de conceitos existentes e/ou emergentes; e v) a utilização de fontes de evidência em vez de confiar numa única fonte isolada.

Por isso, para efeitos de recolha de dados, nas investigações qualitativas recorre-se habitualmente à entrevista semiestruturada que, conforme Flick (2005), integra um guião com perguntas semiabertas colocadas pelo investigador, às quais é esperado que o entrevistado responda de forma livre. Este método torna-se mais rico na medida em que possibilita o registo das dificuldades e/ou facilidades dos indivíduos entrevistados (Almeida & Freire, 2008).

Por fim, após a recolha dos dados, estes são analisados com recurso à análise qualitativa de conteúdo que, de acordo com Bardin (2009), tem como objetivo a redução da informação recolhida e, de um modo geral, após a transcrição das entrevistas, segue os seguintes passos: i) a leitura pormenorizada dos registos; ii) a sinalização e a identificação das unidades de análise, constituídas por verbalizações dos participantes (informações com significado no âmbito das questões em estudo); e iii) a agregação das unidades de análise relacionadas entre si, resultando estas nas categorias que suportam os temas em análise.

### **3.2. Problemática do Estudo**

O presente estudo pretende investigar a forma como as mães e os pais de famílias multiproblemáticas percecionam a sua parentalidade. A literatura caracteriza esta temática como uma parentalidade perturbada, desta maneira considera-se pertinente investigar a perceção da mesma junto destas famílias, procurando a relevância das mães e dos pais como cuidadores, que utilizam os recursos de que dispõem, de forma a assegurar o desenvolvimento integral da criança nos diferentes contextos em que a mesma se insere.

### **3.3. Objetivos do Estudo**

Atendendo ao objetivo geral anteriormente referido, foram formulados os seguintes objetivos específicos, com o propósito de orientar a presente investigação:

- 1 – Identificar o conceito de parentalidade;

- 2 – Perceber a vivência da parentalidade;
- 3 – Identificar as dificuldades que ocorrem ao longo da parentalidade;
- 4 – Reconhecer os papéis desempenhados na atividade parental;
- 5 – Distinguir as áreas e dimensões de atividades parentais;
- 6 – Identificar preocupações das mães e dos pais relativamente aos filhos;
- 7 – Descobrir as competências necessárias ao exercício da parentalidade;
- 8 – Indicar os fatores (individuais/históricos/sociais) que poderão ter influência na parentalidade.

### **3.4. Instrumentos**

Para efeitos de recolha de dados para posterior análise, procedeu-se à aplicação da entrevista semiestruturada, que incorpora um guião com perguntas semiabertas, às quais se atende que o entrevistado responda de forma livre (Flick, 2005).

Com finalidade de adaptar a entrevista ao presente estudo, foi necessário efetuar uma preparação prévia do guião de entrevista (Anexo I), para assim recolher as informações necessárias ao cumprimento dos objetivos anteriormente mencionados e delineados.

A entrevista foi estruturada de acordo com oito partes:

Parte I: Legitimação da entrevista;

Parte II: Caracterização sociodemográfica da/o entrevistada/o;

Parte III: Conceito de Parentalidade;

Parte IV: Vivência da Parentalidade;

Parte V: Dificuldades que ocorrem ao longo da Parentalidade;

Parte VI: Exercício da Parentalidade;

Parte VII: Preocupações das mães e dos pais relativamente aos filhos;

Parte VIII: Competências para o desenvolvimento e desempenho da Parentalidade;

Parte IX: Determinantes da Parentalidade.

A primeira parte do guião de entrevista tem o intuito de esclarecer os participantes relativamente ao tema abordado, informando-os sobre os objetivos, a metodologia utilizada e indicando os responsáveis pelo estudo.

Primeiramente foi assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados dos participantes, informando-os da necessidade de gravação áudio das entrevistas para posterior análise, sendo solicitada a autorização para esta, a qual juntamente com a transcrição da entrevista, são posteriormente colocadas à disposição.

A segunda parte da entrevista diz respeito à recolha dos dados necessários para a caracterização dos participantes, por meio do preenchimento do Questionário Sociodemográfico das Famílias (Anexo III). Para este efeito foram recolhidos dados relativamente ao sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional atual, tipo de família, serviços que apoiam a família, situação económica, agregado familiar, problemas no seu seio, tipo de habitação, áreas para dormir e origem dos rendimentos da família.

Quanto à terceira parte da entrevista, esta diz respeito às questões propriamente ditas. Desta forma, as perguntas levantadas apontam para o entendimento da perceção dos participantes sobre o conceito de parentalidade.

No que concerne a quarta parte, referente ao guião de entrevista, esta visa entender a perceção dos participantes relativamente à vivência da parentalidade.

A quinta parte da entrevista pretende compreender a perceção do exercício da parentalidade.

De seguida, a sexta parte remete para a perceção da/o(s) entrevistada/o(s) em relação às preocupações para com o/a(s) filho/a(s).

Relativamente à sétima parte da entrevista, recolhem-se informações sobre as competências necessárias para o desenvolvimento e desempenho da parentalidade.

Por fim, a oitava parte do guião procura perceber os determinantes da parentalidade, isto é, os fatores individuais, históricos e/ou sociais dos participantes que podem ter influenciado e/ou influenciam a sua parentalidade.

### **3.5. Procedimentos gerais de recolha e tratamento dos dados**

Com vista à recolha dos dados para a realização do presente estudo, foi contactada uma associação de solidariedade social, que presta apoio às famílias com dificuldades de várias ordens, solicitando a sua colaboração para a realização do mesmo. No que se refere aos participantes para a participação na investigação, foi proposto o seguinte critério de inclusão: ser mãe ou pai de uma família avaliada como multiproblemática. A seleção do grupo de participantes foi realizada em conjunto com a Diretora da Associação, com base nos resultados de um questionário que os classifica como pertencentes a famílias multiproblemáticas (Anexo III).

Após o primeiro contacto efetuado pela diretora da instituição, o/a(s) utentes que se mostraram disponíveis para participar no estudo foram posteriormente contactados telefonicamente. E, em função da sua disponibilidade, realizou-se o agendamento da entrevista presencial.

O processo de recolha de dados decorreu durante o mês de Julho de 2016, sendo as entrevistas realizadas individualmente no ambiente calmo de um sala da associação, sem interferências sonoras e de outros indivíduos. Deste modo, o espaço da associação é percecionado pelos participantes como familiar e seguro.

Após a apresentação da entrevistadora, a entrevista iniciou-se com esclarecimentos sobre os objetivos do estudo e a respetiva solicitação de colaboração. No mesmo sentido, foi assegurada a confidencialidade e o anonimato dos dados e pedida a autorização para a gravação áudio da entrevista, para posterior análise dos dados recolhidos. Depois de aceitarem a participação no estudo, os participantes assinaram o consentimento informado (Anexo II).

Seguidamente, procedeu-se ao preenchimento do questionário sociodemográfico das famílias para a caracterização dos participantes e a aferição do critério de inclusão no estudo.

Ao longo da entrevista foi dado espaço aos participantes para responderem livremente e sem qualquer tipo de constrangimento a cada questão. O tempo de duração desta variou entre onze e quarenta e oito minutos, de acordo com a disponibilidade de cada participante em comunicar e partilhar as informações relevantes para o/a próprio/a. Efetuadas e gravadas as entrevistas, elaboraram-se em suporte digital as respetivas transcrições e foram posteriormente impressas em papel, de forma a facilitar a análise e codificação dos dados. Para garantir o anonimato dos participantes, fez-se corresponder um número entre 1 a 15 precedido da letra E, a cada entrevistado.

Após a transcrição das entrevistas e leitura mais pormenorizada do material recolhido, iniciou-se a análise de conteúdo, realizando a redução da informação. Este procedimento tem o objetivo de fornecer uma representação simplificada dos dados em categorias e subcategorias (Bardin, 2009).

Por se tratar de um processo indutivo de análise dos dados, a categorização foi criada *à posteriori* (Moraes, 1999). Por conseguinte, durante o processo de análise de conteúdo foram definidos dois tipos de unidades. O primeiro tipo é relativo às unidades de registo (UR), isto é, palavras e expressões-chaves referentes aos aspetos individuais da experiência do/as participantes, as quais permitem organizar as categorias e subcategorias dentro de um determinado tema em análise. O segundo refere as unidades de contagem (UC), indicando o número de vezes que cada entrevistado/a faz referência a determinada experiência.

De seguida, após a gravação, transcrição e leitura atenta dos elementos transcritos são identificadas as unidades de registo (UR) ou unidades de análise, que representam um conjunto de informações do discurso do/as participantes com o mesmo significado. Posteriormente, permitiram criar as categorias que definem o que é essencial em função dos objetivos. A

categorização dos conteúdos acontece ao longo de todo o processo de análise e os títulos destas são estipuladas até ao seu final (Moraes, 1999).

### 3.6. Caracterização dos Participantes

Face ao objetivo da investigação, participaram neste estudo catorze mães e um pai com multiproblemas. Todos os dados, que se encontram no Quadro 1, foram obtidos a partir de um questionário de caracterização sociodemográfico das famílias, preenchido por cada participante (ver Anexo I).

**Quadro 1:** Caracterização sociodemográfica dos participantes

Sujeito	Sexo	Idade	Estado Civil	Habilitações Literárias	Situação Profissional Atual	Tipo de Família	Serviços que Apoiam a Família	Situação Económica
E1	F	46	Solteira	9º Ano	Desempregada	Monoparental	Ação Social RSI CPCJ	Precária
E2	F	70	Viúva	Ilustrada	Reformada	Alargada	Ação Social RSI	Precária
E3	M	67	União de Facto	4º Ano	Reformado	Alargada	Ação Social	Precária
E4	F	77	Viúva	2º Ano	Reformada	Nuclear	Ação Social	Precária
E5	F	45	Casada	Ilustrada	Desempregada	Nuclear	Ação Social RSI	Precária
E6	F	22	União de Facto	9º Ano	Desempregada	Nuclear	Ação Social RSI	Estável
E7	F	68	Casada	Ilustrada	Empregada	Nuclear	Ação Social	Precária
E8	F	34	União	8º Ano	Desempregada	Nuclear	Ação	Precária

			de				Social	
			Facto				RSI	
<b>E9</b>	F	25	União	9º Ano	Desempregada	Nuclear	Ação	Estável
			de				Social	
			Facto				RSI	
<b>E10</b>	F	37	Casada	6º Ano	Desempregada	Nuclear	Ação	Precária
							Social	
							RSI	
<b>E11</b>	F	70	Solteira	4º Ano	Reformada	Monoparental	Ação	Estável
							Social	
<b>E12</b>	F	39	Divorciada	4º Ano	Empregada	Monoparental	Ação	Precária
							Social	
<b>E13</b>	F	24	Solteira	9º Ano	Empregada	Monoparental	Ação	Precária
							Social	
<b>E14</b>	F	66	Casada	4º Ano	Reformada	Nuclear	Ação	Precária
							Social	
<b>E15</b>	F	43	Solteira	9º Ano	Desempregada	Nuclear	Ação	Precária
							Social	
							RSI	

De acordo com os dados do Quadro 1, foram entrevistados (N=15) participantes, sendo possível observar uma certa homogeneidade no que diz respeito ao género: género feminino ( $n=14$ ) e género masculino ( $n=1$ ).

Quanto às idades do/as participantes, estas variam entre os 22 e os 77 anos.

No que concerne ao estado civil, apenas ( $n=1$ ) participante é divorciado/a, ( $n=3$ ) solteiro/a, ( $n=2$ ) viúvo/a e os restantes ( $n=4$ ) são casado/as.

Relativamente às habilitações académicas, pode observar-se que ( $n=3$ ) participantes não possuem alguma habilitação académica; ( $n=1$ ) participante possui o 2º ano do 1º ciclo do ensino básico; ( $n=4$ ) têm o 1º ciclo do ensino básico completo (4º ano de escolaridade); ( $n=1$ ) participante tem o 2º ciclo do ensino básico completo (6º ano de escolaridade); ( $n=1$ ) participante tem o 3º ciclo do ensino básico incompleto (8º ano de escolaridade) e ( $n=5$ ) participantes têm o 3º ciclo do ensino básico completo (9º ano de escolaridade).

O tipo de família nuclear corresponde à situação familiar de nove participantes, outros quatro vivem em família monoparental e o/as restantes dois participantes pertencem a uma família alargada.

Relativamente à situação profissional atual do/as entrevistado/as, deteta-se que sete estão desempregado/as, cinco estão reformado/as e o/as restantes três estão empregado/as.

Todo/as o/as participantes beneficiam do apoio por parte dos serviços de ação social e apenas cinco são ajudados com o rendimento social de inserção.

Atesta-se ainda que doze entrevistado/as identificaram a sua condição económica como precária, enquanto três referiram-na como estável.

**Quadro 2:** Caracterização sociodemográfica dos participantes

<b>Sujeito</b>	<b>Agregado Familiar</b>	<b>Problemas no agregado Familiar</b>	<b>Tipo de Habitação</b>	<b>Áreas para dormir</b>	<b>Origem dos rendimentos da Família</b>
<b>E1</b>	2	Sim	Habitação Social	2	RSI
<b>E2</b>	7	Sim	Tenda/Barraca	-	Reforma
<b>E3</b>	5	Sim	Casa Unifamiliar	3	Reforma
<b>E4</b>	2	Sim	Habitação Social	4	Abono de Família
<b>E5</b>	6	Sim	Habitação Social	3	RSI
<b>E6</b>	4	Sim	Habitação Social	2	Subsídio de Desemprego/ RSI
<b>E7</b>	3	Sim	Habitação Social	2	Reforma
<b>E8</b>	5	Sim	Habitação Social	3	Subsídio de Desemprego/ RSI
<b>E9</b>	4	Sim	Habitação Social	3	RSI
<b>E10</b>	6	Sim	Habitação Social	4	RSI
<b>E11</b>	2	Sim	Casa Unifamiliar	2	Reforma
<b>E12</b>	3	Sim	Emprestada	2	Salário

<b>E13</b>	2	Sim	Casa Unifamiliar	2	Salário
<b>E14</b>	4	Sim	Habitação Social	3	Reforma
<b>E15</b>	5	Não	Habitação Social	4	RSI

---

Em relação aos dados do Quadro 2 é possível averiguar que o agregado familiar de quatro participantes é de dois elementos (constituído pelo/a progenitor/a e filho/a); dois deles têm três elementos no agregado familiar; três entrevistados mencionam quatro elementos e três participantes contêm cinco elementos; dois de entre eles têm seis elementos e apenas um participante tem um agregado familiar constituído por sete elementos.

Ainda em referência ao Quadro 2 pode observar-se que catorze participantes descreveram a ocorrência de problemas em pelo menos um elemento do sistema familiar, ou seja, apenas um participante referiu que nenhum elemento do agregado familiar sofreu de algum tipo de problema de saúde (Surdez, Hipertensão, VIH, Hepatite B, Asma e/ou AVC). Foram no entanto referidos outros problemas, tais como: o abandono e os maus tratos nas famílias de origem do/as participantes; a existência de problemas relacionados com o uso e abuso de álcool e droga; problemas como a depressão, o distúrbio de hiperatividade e défice de atenção e perturbação bipolar; a ocorrência de comportamentos violentos e antissociais; e por fim o abandono escolar e problemas com a justiça. Foram inclusive mencionados problemas como a morte de um filho e divórcio.

Quanto ao tipo de habitação reporta-se que dez participantes vivem em habitação social, três em casa unifamiliar, um em tenda/barraca e outro participante vive em casa emprestada. E relativamente à área para dormir, quase todo/as participantes têm mais que duas áreas para dormir, sendo que apenas um participante não possui mais do que uma área ou divisão na habitação. No entanto, dez participantes referem que crianças e adultos dormem em áreas separadas e quatro mencionaram que as crianças e os adultos partilham a mesma área, por diversas razões como mau estado da habitação, utilização da área para arrumação ou não permissão para o seu usufruto.

Para terminar e a propósito da origem dos rendimentos da família, podem identificar-se cinco fontes de rendimento: subsídio de pensão (Reforma); abono familiar; rendimento social de inserção; subsídio de desemprego; e salário. Evidencia-se especificamente que a precedência

das remunerações da família de cinco participantes é o rendimento social de inserção, outros cinco recebem o subsídio de pensão (reforma), enquanto que apenas um participante referiu abono familiar, dois deles mencionaram o subsídio de desemprego e, finalmente, dois do/as entrevistado/as assinalaram a origem do rendimento como sendo o salário.

## Capítulo IV – Apresentação dos Resultados

Neste capítulo procede-se à apresentação dos resultados obtidos das entrevistas realizadas, com recurso à técnica de análise de conteúdo. Os dados tratados resultaram na definição de categorias, subcategorias e sub-subcategorias.

### 4.1. Apresentação e descrição do sistema de categorias

No presente estudo, os temas foram previamente definidos e, por se tratar de um processo indutivo de análise dos dados, a categorização foi criada *à posteriori* com o surgimento de categorias, subcategorias e sub-subcategorias, apoiadas no enquadramento teórico apresentado na primeira parte desta dissertação.

Assim, durante o processo de análise de conteúdo foram definidos dois tipos de unidades: as unidades de registo (UR); e as unidades de contagem (UC). As unidades de registo (UR) (palavras e expressões-chaves referentes aos aspetos individuais da experiência do/as participantes) permitiram organizar as categorias e as subcategorias dentro de um determinado tema em análise (tema previamente definido). Quanto ao segundo tipo de unidades, as unidades de contagem (UC), estas referem-se ao número de vezes que cada entrevistado/a faz referência a determinada experiência.

Por conseguinte, são expostas as categorias, subcategorias e sub-subcategorias de cada tema ao longo da apresentação dos resultados.

#### Tema 1 – O conceito de parentalidade

O primeiro tema, o conceito de parentalidade, compreende 2 categorias: Tarefa complexa e Aprendizagem, 4 subcategorias e ainda 2 sub-subcategorias. O mesmo tem como objetivo identificar e descrever o modo como os participantes, ou seja, as mães e o pai entrevistados, percebem a parentalidade e a vivenciam.

**Quadro 3:** Apresentação geral do Tema 1 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
1. Conceito de parentalidade	Tarefa complexa	Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental

	Satisfação das necessidades básicas
	Assegurar a formação e a educação
Aprendizagem	-

### **Categoria 1 – Tarefa complexa**

Na Categoria 1 – Tarefa complexa, as mães e o pai consideram a parentalidade como uma tarefa difícil de gerir ao longo do ciclo de vida da família, devido à ocorrência de diversas tarefas que exigem responsabilidade para o exercício da parentalidade. Neste sentido, emergiram 3 subcategorias relativamente à parentalidade: Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental; Satisfação das necessidades básicas; e Assegurar a formação e educação.

**Quadro 4:** Categoria 1 – Tarefa complexa

Subcategorias	(UR)	(UC)
Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental	6	14
Satisfação das necessidades básicas	10	12
Assegurar a formação e a educação	3	6

Tal como ilustra o Quadro 4, da Categoria 1 – Tarefa complexa, surgem 3 subcategorias: Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental; Satisfação das necessidades básicas; e Assegurar a formação e educação, as quais refletem o entendimento sobre o conceito de parentalidade.

A subcategoria Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental foi descrita por 6 entrevistado/a(s) (UC=14), evidenciando-se o seguinte exemplo: “(...) o principal para mim, é que eles estejam bem e que tenham saúde” E3.

A subcategoria Satisfação das necessidades básicas diz respeito a outra tarefa complexa evidenciada pelas mães e pai. Na presente subcategoria houve a necessidade de criar 2 sub-subcategorias de forma a serem perceptíveis as necessidades básicas reveladas pelas mães e pai (ver Quadro 5).

Por fim, a subcategoria Assegurar a formação e a educação foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=6), evidenciando o seguinte exemplo: “Tentei sempre ver qual era a escola melhor, qual era o colégio melhor, tudo o que fosse melhor para ele (...)” E1.

### **Sub-subcategorias da Subcategoria 2 – Satisfação das necessidades básicas**

Na Subcategoria 2 – Satisfação das necessidades básicas, da Categoria 1 – Tarefa complexa, houve a necessidade de identificar 2 sub-subcategorias que serão apresentadas no Quadro 5. A subcategoria em questão engloba um conjunto de necessidades dos filhos, cuja satisfação é percebida pelas mães e pai entrevistados como estando associada à parentalidade.

**Quadro 5:** Sub-subcategorias da Subcategoria 2 – Satisfação das necessidades básicas

Sub-subcategorias	(UR)	(UC)
Afeto	9	13
Cuidado e proteção	9	12

A subcategoria Satisfação das necessidades básicas foi descrita por 10 entrevistado/a(s) (UC=12). Esta subcategoria subdivide-se em 2 sub-subcategorias: Afeto; e Cuidado e proteção.

A primeira sub-subcategoria, Afeto, foi descrita por 9 entrevistado/a(s) (UC=13), demonstrado nos seguintes exemplos: “É os miminhos (...)” E1; “A gente tem os nossos filhos com carinho” E7; “Tudo, a companhia, o amor, tudo” E13.

Relativamente à sub-subcategoria Cuidado e proteção, esta foi descrita por 9 entrevistada/o(s) (UC=12), o que se pode verificar nos seguintes exemplos: “Ser mãe é cuidar, preocupar” E6; “É estar preocupada todos os dias” E7.

### **Categoria 2 – Aprendizagem**

A categoria 2 – Aprendizagem diz respeito à forma como as mães e o pai percebem a parentalidade, sendo vista como um processo de aprendizagem pelo/as participantes. Esta Categoria 2 - Aprendizagem não apresenta nenhuma subcategoria.

**Quadro 6:** Categoria 2 – Aprendizagem

Categoria	(UR)	(UC)
Aprendizagem	1	1

Tal como ilustra o Quadro 6, da Categoria 2 – Aprendizagem, foi descrita por apenas 1 entrevistada/o (UC=1), servindo como exemplo: “Aprende-se a ser mãe (...)” E5.

## **Tema 2 – Vivências da parentalidade**

O segundo tema relativo às vivências da parentalidade compreende 3 categorias: Vivências Negativas; Vivências Positivas; e Outras vivências. O mesmo descreve o modo como os pais vivenciam ou vivenciaram a parentalidade, podendo ser negativa ou positiva e ainda de outro gênero (outras vivências).

**Quadro 7:** Apresentação geral do Tema 2 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
2. Vivências da parentalidade	Vivências Negativas	Sentimentos de tristeza
		Sentimentos de incerteza
		Sentimentos de fracasso
	Vivências Positivas	Sentimentos de felicidade
		Sentimentos de complementaridade
		Sentimentos de orgulho
	Outras Vivências	Sentimentos de Empatia
		Aceitação incondicional

### **Categoria 1: Vivências Negativas**

A Categoria 1 – Vivências Negativas considerada pelas mães e pai surge por causa de sentimentos negativos ao nível da atividade parental. Sendo a parentalidade vista como um processo difícil, dela podem resultar sentimentos de tristeza, insegurança, entre outros, que podem marcar esta tarefa. Da Categoria 1 – Vivências Negativas surgem 3 subcategorias: Sentimentos de tristeza; Sentimentos de incerteza; e Sentimentos de fracasso.

**Quadro 8:** Categoria 1 – Vivências Negativas

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimentos de tristeza	1	2
Sentimentos de incerteza	3	5
Sentimentos de fracasso	3	4

No Quadro 8, da Categoria 1 – Vivências Negativas, a parentalidade é percebida como uma vivência negativa, na qual ocorrem alguns sentimentos negativos.

A subcategoria Sentimentos de tristeza foi descrita por 2 entrevistada/o(s) (UC=2), demonstrado através do seguinte exemplo: “Muito triste. Porque parece que um dia que eu morra, o que é feito dele?!” E11.

A subcategoria Sentimentos de incerteza foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=5), evidenciando-se os seguintes exemplos: “Não sabemos para o que estamos guardados” E12; “Ele um dia grita, outro dia não grita (...) Outro dia fala bem (...) outros dias parece que me tem ódio” E11.

A subcategoria Sentimentos de fracasso foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=4), servindo como exemplos: “Olhe sinto que falhei (...) que errei, não é, que falhei” E1; “Não sei, fracassei” E12; “Às vezes mais ou menos (...) porque nós queremos sempre fazer o melhor mas também falhamos como mãe” E13.

### **Categoria 2 – Vivências Positivas**

A Categoria 2 – Vivências Positivas realça os sentimentos positivos como a felicidade e orgulho, presentes na vivência da parentalidade. Nesta categoria surgem 3 subcategorias: Sentimentos de felicidade; Sentimentos de complementaridade; e Sentimentos de orgulho.

**Quadro 9:** Categoria 2 – Vivências Positivas

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimentos de felicidade	8	15
Sentimentos de complementaridade	2	5
Sentimentos de orgulho	2	2

Tal como ilustra o Quadro 9, da Categoria 2 – Vivências Positivas, para o/as participantes, a parentalidade é percebida e vivenciada com a existência de sentimentos positivos, emergindo assim 3 subcategorias.

A subcategoria Sentimentos de felicidade foi descrita por 8 entrevistada/o(s) (UC=15), que os seguintes exemplos atestam: “Sinto-me feliz” E6; “Senti-me feliz” E7; “Muito feliz mesmo” E9; “Adorei ser mãe (...) Para mim foi a maior alegria do mundo” E14.

A subcategoria Sentimentos de complementaridade foi descrita por 2 entrevistada/o(s) (UC=5), para a qual se mostram os seguintes exemplos: “Mas eu fui mãe, muito boa até (...) foi o que o meu filho me disse” E4; “Ela é que me dão força” E10.

A subcategoria Sentimentos de orgulho foi descrita por 2 entrevistada/o(s) (UC=2), o que é evidenciado pelos seguintes exemplos: “Veja lá, é um orgulho de mãe” E1; “É um orgulho ser pai de uma criança (...) é um orgulho, é um orgulho” E3.

### **Categoria 3 – Outras Vivências**

A Categoria 3 – Outras vivências diz respeito a outros sentimentos que possam ocorrer ao longo da parentalidade. Sendo uma etapa que envolve vários sentimentos e experiências diferentes, surgindo assim 2 subcategorias: Sentimento de empatia; e Aceitação incondicional.

**Quadro 10:** Categoria 3 – Outras Vivências

Subcategorias	(UR)	(UC)
Sentimentos de empatia	2	3
Aceitação incondicional	5	7

Tal como ilustra o Quadro 10, da Categoria 3 – Outras vivências surgem 2 subcategorias, que referem: Sentimentos de empatia; e a Aceitação incondicional.

A subcategoria Sentimentos de empatia foi descrita por 2 entrevistada/o(s) (UC=3), servindo como exemplo: “Vê-los bem ando bem (...) quando um anda mal, já ando mal” E3; “Se eu tiver eu dou-lhe, se não tiver viro as costas e começo a chorar” E14.

A subcategoria Aceitação incondicional foi descrita por 5 entrevistada/o(s) (UC=7), que serve como exemplo: “Eu da minha pouca reforma (...) estou a sustentar os meus filhos na cadeia, e não faço mais nada que o meu dever (...) são meus filhos (...) fazer tudo na vida pelos filhos” E2; “(...) não queremos perder os filhos, sejam eles como forem” E4.

### Tema 3 – Dificuldades ao longo do processo de parentalidade

O Tema 3 – Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade tem como objetivo compreender as dificuldades encontradas no decorrer da atividade parental e compreende 7 categorias: Acontecimentos inesperados; Relacionamentos; Modificação de hábitos e do estilo de vida; Apoio inexistente; Dificuldades económicas; Problemas de saúde; e Inexistência de dificuldades.

A parentalidade é caracterizada como um processo importante ao longo do ciclo de vida, no qual aparecem momentos de maior *stress*, as chamadas crises, em que as dificuldades podem emergir. As dificuldades podem ser de vários tipos: a nível económico e da saúde; nas interações entre os diferentes elementos do sistema familiar; e em modificações dos hábitos e rotinas. Devido às novas exigências que a parentalidade acarreta, podem existir dificuldades em lidar com as exigências da parentalidade no sentido em que pode haver a necessidade de apoio de terceiros.

**Quadro 11:** Apresentação geral do Tema 3 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
3. Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade	Acontecimentos inesperados	Gravidez inesperada e/ou precoce
		Viuvez
		Institucionalização
	Relacionamentos	Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação
		Dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado
	Modificação de hábitos e do estilo de vida	-
	Apoio inexistente	-
	Dificuldades económicas	-
	Problemas de saúde	Saúde física
Saúde mental		

### **Categoria 1 – Acontecimentos inesperados**

Na Categoria 1 – Acontecimentos inesperados foram mencionados pelas mães e pai como fatores de dificuldades ao longo do exercício da parentalidade. Desta categoria emergiram 3 subcategorias: Gravidez inesperada e/ou precoce; Viuvez; e Institucionalização.

**Quadro 12:** Categoria 1 – Acontecimento inesperados

Subcategorias	(UR)	(UC)
Gravidez inesperada e/ou precoce	1	1
Viuvez	2	2
Institucionalização	1	1

Tal como ilustra o Quadro 12, da Categoria 1 – Acontecimentos inesperado surgem 3 subcategorias: Gravidez inesperada e/ou precoce; Viuvez; e Institucionalização.

A subcategoria Gravidez inesperada e/ou precoce foi descrita por 1 participante (UC=1), evidenciando-se através do seguinte exemplo: “Fui mãe muito nova, há (...) inesperada (...) foi complicado” E9;

A subcategoria Viuvez foi descrita por 2 participantes (UC=2), descritos pelos seguintes exemplos: “Foi assim coitada, também morreu aos 29 anos, a mãe dos meus filhos (...) foi uma altura complicada” E3; “Falta-me o meu marido (...) foi o apoio maior da vida (...) abalando a trave da casa abala tudo” E2.

No que diz respeito à subcategoria Institucionalização, esta foi mencionada por 1 participante (UC=1), indicado nos seguintes exemplos: “Não foi nada fácil, porque o único apoio que eu tinha, era a minha avó (...) quando faleceu fui para uma instituição” E10.

### **Categoria 2 – Relacionamentos**

A Categoria 2 – Relacionamentos foi mencionada pelas mães e pai como uma das dificuldades da parentalidade. Esta dificuldade verifica-se ao nível do estabelecimento da relação entre mãe/pai – filho/a tendo impacto na adequação do estilo parental utilizado. Assim surgiram 2 subcategorias: Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação e dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado.

**Quadro 13:** Categoria 2 – Relacionamentos

Subcategorias	(UR)	(UC)
Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação	1	2
Dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado	3	3

Como ilustra o Quadro 13, da Categoria 2 – Relacionamentos surgem 2 subcategorias: Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação; e Dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado.

Com efeito, a subcategoria Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação foi mencionada por 1 entrevistada/o(s) (UC=2), sendo sustentada pelos seguintes exemplos: “Não quis saber dele [filho] (...) não queria que ele tocasse em mim” E9.

A subcategoria relativa à Dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=3), evidenciando os seguintes exemplos: “Eu diga-lhe que sim ou diga-lhe que não, ela não me ouve nada. Faz a ideia dela e pronto (...) Ela é muito complicada” E9; “Fui eu que não soube lidar com a adolescência (...) fui eu que não soube lidar com ele” E1.

### **Categoria 3 – Modificação de hábitos e do estilo de vida**

A Categoria 3 – Modificação de hábitos e do estilo de vida diz respeito às dificuldades sentidas e experienciadas pelas mães e pai ao longo do processo de parentalidade. Com a transição para a parentalidade, as mães e os pais têm que se adaptar a uma nova fase, novas exigências e à alteração de hábitos. Por vezes, esta nova fase na vida do casal pode ser vivenciada com mais dificuldade, devido às competências inadequadas das mães e dos pais, pela inexperiência e/ou pelo processo difícil de adaptação à nova realidade. Assim, a modificação de hábitos e do estilo de vida é percebida pelas mães e pelo pai entrevistados como uma das dificuldades sentidas no processo de parentalidade. A categoria não tem subcategorias, permanecendo assim apenas como categorias.

**Quadro 14:** Categoria 3 – Modificações de hábitos e do estilo de vida

Categoria	(UR)	(UC)
Modificação de hábitos e do estilo de vida	2	5

Tal como ilustra o Quadro 14 relativo à Categoria 3 - Modificação de hábitos e do estilo de vida, verifica-se que a mesma foi descrita por 2 participantes (UC=5) através dos seguintes exemplos: “Se a certos sítios íamos, não vamos porque não podemos deixar os nossos filhos” E5; “Era tudo a sair à noite e eu já não podia porque estava condicionada” E9.

#### **Categoria 4 – Apoio inexistente**

A Categoria 4 – Apoio inexistente remete para uma das dificuldades mencionadas pelas mães e o pai entrevistados. A ausência de apoio do companheiro, da família alargada e/ou ainda dos vizinhos acresce às dificuldades percecionadas. Esta categoria não tem subcategorias, permanecendo assim apenas como categoria.

**Quadro 15:** Categoria 4 – Apoio inexistente

Categoria	(UR)	(UC)
Apoio inexistente	8	12

A Categoria 4 – Apoio inexistente do Quadro 15 foi descrita por 8 entrevistada/o(s) (UC=12), evidenciando os seguintes exemplos: “(...) se calhar precisava de um apoio de outra pessoa” E11; “Não foi nada fácil, porque o único apoio que eu tinha era a minha avó” E10; “(...) foi muito complicado (...) A minha vida foi difícil. Depois a minha mulher surgiu-lhe a doença” E3; “Nos primeiros tempos não foi fácil, porque estava sozinha com o meu filho” E12;

#### **Categoria 5 – Dificuldades económicas**

A Categoria 5 – Dificuldades económicas foi mencionada pelo/as participantes como outra circunstância difícil sentida ao longo da parentalidade. As dificuldades económicas podem ter um impacto negativo na atividade parental, comprometendo algumas funções e consequentemente o desenvolvimento do/a(s) filho/a(s). Esta categoria não tem subcategorias, permanecendo assim apenas como categoria.

**Quadro 16:** Categoria 5 – Dificuldades económicas

Categoria	(UR)	(UC)
Dificuldades económicas	8	15

No Quadro 16, da Categoria 5 – Dificuldades económicas, estas surgem como uma outra dificuldade ao longo da atividade parental. A categoria Dificuldades económicas foi referida por 8 participantes (UC=15) e sustentada pelos seguintes exemplos: “Agora já isto está muito melhor, mas tive muita fome (...) Via-me muito aflita a criar os meus filhos” E7; “Fiquei com o menino e fui-me governando” E11.

### **Categoria 6 – Problemas de saúde**

A Categoria 6 – Problemas de saúde reúne as perceções dos participantes, sendo este o que é considerado como dificuldade. Nesta categoria surgem 2 subcategorias: Saúde física; e Saúde mental. As mães e os pais ao longo da sua atividade parental, tal como foi referido na apresentação do tema, deparam-se com inúmeras dificuldades, de entre as quais se destacam o lidar com problemas de saúde física e mental do/a(s) filho/a(s).

**Quadro 17:** Categoria 6 – Problemas de saúde

Subcategorias	(UR)	(UC)
Saúde física	1	1
Saúde mental	1	2

O Quadro 17, que diz respeito à Categoria 6 – Problemas de saúde, apresenta 2 subcategorias: Saúde física; e Saúde mental.

A subcategoria Saúde física foi mencionada por 1 entrevistada/o (UC=1), manifestado no seguinte exemplo: “(...) ele nasceu muito prematuro e ficou com algumas sequelas nos pulmões (...) tento acalmar-me e telefonar várias vezes – está tudo bem com o [filho]?” E13.

A subcategoria Saúde mental foi mencionada por 1 entrevistada/o(s) (UC=2), evidenciando-se os seguintes exemplos: “No meu caso, às vezes lamento-me (...) porque tenho este filho com problemas (...) ele tem dias muito complicados (...) a doença bipolar é assim” E11.

### **Categoria 7 – Inexistência de dificuldades**

Na Categoria 7 – Inexistência de dificuldades, 2 participantes referiram que não ocorrem situações difíceis ao longo do processo da parentalidade, ou seja, o/as entrevistado/as vivenciam a parentalidade sem qualquer dificuldade. Esta categoria não tem subcategorias, permanecendo assim apenas como categoria.

**Quadro 18:** Categoria 7 – Inexistência de dificuldades

Categoria	(UR)	(UC)
Inexistência de dificuldades	2	2

Tal como ilustra o Quadro 18, da Categoria 7 - Inexistência de dificuldades, esta foi descrita por 2 entrevistada/o(s) (UC=2), servindo como exemplo: “Bem, porque preparei tudo para ser mãe” E14; “Foi fácil” E13.

### **Tema 4 – Exercício da parentalidade**

O Tema 4 – Exercício da parentalidade diz respeito às dimensões presentes no desempenho da mesma, evidenciando as diferentes tarefas exigidas aos cuidadores, de forma a assegurar o desenvolvimento da criança, assim como as tarefas entendidas como necessárias para o seu exercício. Objetiva ainda entender os papéis que os cuidadores tendem normalmente a desempenhar. Deste tema surgiram 4 categorias: Cuidados primários; Cuidados socioafetivos; Controlo e disciplina; e Papéis desempenhados na atividade parental; identificadas como áreas importantes e essenciais à atividade parental.

**Quadro 19:** Apresentação geral do Tema 4 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
4. Exercício da parentalidade	Cuidados primários	Cuidados de higiene
		Alimentação
		Cuidados de saúde
		Apoio/Segurança/Proteção
	Cuidados socioafetivos	Amor/Afeto
		Experiências de socialização
		Favorecer a autonomia e a

				confiança
	Controlo e disciplina			Estabelecimento de regras
	Papéis desempenhados na atividade parental	na	Não desempenha nenhum papel	
				Papel de mãe e pai

### **Categoria 1 – Cuidados primários**

A Categoria 1 – Cuidados primários diz respeito a um conjunto de atividades realizadas pelas mães e pais ao longo da sua parentalidade. A prestação de cuidados primários aparece como uma das dimensões da atividade parental essencial ao bem-estar da criança e atesta uma parentalidade minimamente adequada. Assim, de acordo com esta, Categoria 1 – Cuidados primários, é possível identificar 4 subcategorias: Cuidados de higiene; Alimentação; Cuidados de saúde; e Apoio/Segurança/Proteção.

**Quadro 20:** Categoria 1 – Cuidados primários

Subcategorias	(UR)	(UC)
Cuidados de higiene	10	11
Alimentação	5	7
Cuidados de saúde	1	1
Apoio/Segurança/Proteção	3	5

Tal como ilustra o Quadro 20, da Categoria 1 – Cuidados primários surgiram 4 subcategorias que se referem a áreas de atividade parental tais como: Cuidados de higiene; Alimentação; Cuidados de saúde; e Apoio/Segurança/Proteção.

A subcategoria Cuidados de higiene foi descrita por 10 entrevistada/o(s) (UC=11), servindo como exemplo: “Olhe, tratar da bebé quando era bebé. Levantar-me de manhã, dar-lhe banhinho, aquecer a água (...)” E14.

A subcategoria Alimentação foi descrita por 5 entrevistada/o(s) (UC=7), sustentada pelos seguintes exemplos: “(...) maminha ou farinha quando havia” E7; “Faço tudo (...) Educo, cuido delas, alimento-as (...)” E6.

A subcategoria Cuidados de saúde foi descrita por 1 entrevistada/o (UC=1), tendo como exemplo: “Faço tudo (...) É os cuidados de saúde” E10.

A subcategoria Apoio/Segurança/Proteção foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=5), o que se pode verificar nos seguintes exemplos: “Mas faz parte que a mãe tenha assim um controle” E8; “Houve uma vez que ele ficou o intervalo todo trancado na casa de banho e ninguém lhe foi lá abrir a porta (...) Foi muito complicado (...) E eu digo: tens é que contar à mãe, a mãe não ralhar contigo, só vou ralhar contigo e fico chateada se tu não contares. Então ele aí, começou a contar, a dizer” E9.

## **Categoria 2 – Cuidados socioafetivos**

A Categoria 2 – Cuidados socioafetivos é uma função necessária ao longo da parentalidade. A manifestação de afetos e carinhos, e a possibilidade que os pais detêm de facilitar a socialização são fatores que integram estes cuidados. Nesta categoria é possível identificar 3 subcategorias: Amor/Afeto; Experiências de socialização; e Favorecer a autonomia e a confiança.

**Quadro 21:** Categoria 2 – Cuidados socioafetivos

Subcategorias	(UR)	(UC)
Amor/Afeto	3	3
Experiências de socialização	1	1
Favorecer a autonomia e a confiança	1	1

Tal como ilustra o Quadro 21, da Categoria 2 – Cuidados socioafetivos surgiram 3 subcategorias: Amor/afeto; Experiências de socialização; e Favorecer a autonomia e a confiança.

A subcategoria Amor/Afeto foi descrita por 3 entrevistada/o(s) (UC=3), sustentado nos seguintes exemplos: “Criei-os com muito amor” E4; “É o amor, o carinho e o respeito, faz muita falta” E13.

A subcategoria Experiências de socialização foi mencionada por 1 entrevistada/o (UC=1), o que se pode verificar em: “Festas não falto, vou sempre com eles [referindo-se às atividades do contexto escolar]” E8.

Por fim, a subcategoria Favorecer a autonomia e a confiança foi referida por 1 entrevistada/o (UC=1), evidenciando-se no seguinte exemplo: “(...) eu confio no meu filho, ele fala tudo comigo (...) eu sei o que ele faz e o que é que ele não faz” E8.

### **Categoria 3 – Controlo e disciplina**

A Categoria 3 – Controlo e disciplina diz respeito a uma das funções percecionadas e identificadas pelas mães e pai como sendo importante ao longo da atividade parental. O controlo e a disciplina podem ser considerados como imposição de limites à criança, de forma a assegurar a ocorrência de comportamentos adequados e prevenir dificuldades ao nível da socialização. Esta categoria apresenta apenas 1 subcategoria: Estabelecimento de regras.

**Quadro 22:** Categoria 3 – Controlo e disciplina

Subcategorias	(UR)	(UC)
Estabelecimento de regras	4	7

Tal como ilustra o Quadro 22, na Categoria 3 – Controlo e disciplina surge 1 subcategoria: Estabelecimento de regras, que refere a perspetiva dos pais relativamente à necessidade de controlo e disciplina.

Assim, a subcategoria Estabelecimento de regras foi mencionada por 4 entrevistada/o(s) (UC=7), manifestando-se nos seguintes exemplos: “Ele é mais rígido com as saídas e isso assim (...) é o pai (...) Mas faz parte... que a mãe tenha assim um controlo” E8; “Tanto é a mãe como o pai. É igual. É, se vais sair, às tantas estas em casa” E15; “(...) era muito exigente [na imposição de regras]” E1; “(...) Sim eu gosto, se ele pede sai (...) eu deixo-o ir quando ele quiser (...) só se o pai disser: não. Por não ter cumprido com alguma regra estabelecida pelo pai” E8.

### **Categoria 4 – Papéis desempenhados na atividade parental**

A Categoria 4 – Papéis desempenhados na atividade parental fornece a perceção do papel parental exercido no contexto da parentalidade, sendo possível identificar 2 subcategorias: Não desempenha nenhum papel; e Papel de mãe e pai.

**Quadro 23:** Categoria 4 – Papéis desempenhados na atividade parental

Subcategorias	(UR)	(UC)
Não desempenha nenhum papel	1	1
Papel de mãe e pai	3	5

Tal como ilustra o Quadro 23, da Categoria 4 – Papéis desempenhados na atividade parental surgem duas subcategorias: Não desempenha nenhum papel; e Papel de mãe e pai.

A subcategoria Não desempenha nenhum papel foi mencionada por 1 entrevistada/o (UC=1), indicado no seguinte exemplo: “Olhe agora nenhuns, então diga-me lá o que lhe hei de dizer, então ele está lá, ele não está comigo” E1.

Com efeito, a subcategoria Papel de mãe e pai foi referida por 3 participantes (UC=5), sendo ilustrada pelos seguintes exemplos: “Eu a maioria das vezes sou mãe e pai” E10; “O meu marido nunca tratou de nenhum (...) Eu é que fazia tudo” E14.

### **Tema 5 – Preocupações dos pais relativamente aos filhos**

O Tema 5 – Preocupações dos pais relativamente aos filhos diz respeito às preocupações ou inquietações que as mães e os pais têm relativamente aos seus/suas filho(a)s ao longo do seu desenvolvimento. As preocupações podem ser momentâneas ou de longa duração, no sentido em que podem ser ocasionais devido a uma situação que ocorre por mero acaso ou então devido a algum problema que possa ter surgido, tendo impacto a longo prazo na vida da criança. Neste contexto surgiram 2 categorias: Preocupações do presente; e Preocupações com o futuro.

**Quadro 24:** Apresentação geral do Tema 5 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
5. Preocupações dos pais relativamente aos filhos	Preocupações do presente	Necessidades primárias
		Problemas no contexto escolar
		Detenção
	Preocupações com o futuro	Incerteza do futuro
		Condições socioeconómicas
		Contexto escolar
		Profissão

#### **Categoria 1 – Preocupações do presente**

A Categoria 1 – Preocupações do presente diz respeito às perceções relativas às preocupações momentâneas verificadas pelas mães e pai entrevistado/a(s) sentidas ao longo da sua parentalidade. Da categoria Preocupações do presente surgem 3 subcategorias: Necessidades primárias; Problemas no contexto escolar; e Detenção.

**Quadro 25:** Categoria 1 – Preocupações do presente

Subcategorias	(UR)	(UC)
Necessidades primárias	9	11
Problemas no contexto escolar	6	8
Detenção	1	1

O Quadro 25 ilustra a Categoria 1 – Preocupações do presente manifestadas pelas mães e pai, evidenciando 3 subcategorias: Necessidades primárias (as preocupações relativamente às necessidades primárias dizem respeito à possibilidade de surgirem problemas de saúde tanto ao nível físico e mental, bem como à impossibilidade de satisfazer a necessidade de alimentação da criança); Problemas no contexto escolar (possíveis e eventuais dificuldades na escola, relacionadas com atitudes preconceituosas do grupo de pares); Problemas e/ou violência na instituição escolar, tanto como vítimas e/ou agressores; e ainda a Progressão dos estudos, e a detenção.

A subcategoria Necessidades primárias foi mencionada por 9 participantes (UC=11), servindo como exemplo: “Aparecer-lhe alguma doença (...) O problema é mesmo isso, alguma doença assim grave (...)” E8; “A maior preocupação relativa aos meus filhos é que eles estejam sempre bem, que nada lhes aconteça” E5.

A subcategoria Problemas no contexto escolar foi referida por 6 participantes (UC=8), evidenciando os seguintes exemplos: “(...) é de ele ser gozado, derivado ao problema do pé dele” E9; “(...) e que estude para ter um bom emprego” E1; “É que não os quero nas vendas (...) quero que eles estudem” E5.

No que diz respeito à subcategoria Detenção, esta foi mencionada por 1 participante (UC=1), servindo como exemplo: “Olhe, a maior preocupação que eu tenho é de eles estarem detidos e não estarem ao pé de mim” E2.

### **Categoria 2 – Preocupações com o futuro**

A Categoria 2 – Preocupações com o futuro diz respeito às preocupações relacionadas com o futuro do/a(s) filho/a(s), sentidas pelas mães e pai entrevistada/o(s) ao longo da sua parentalidade. De acordo com as respostas dos participantes, nesta categoria surgem 4 subcategorias: Incerteza do futuro, que envolve preocupações relativas a condições gerais da

vida do/a(s) filho/a(s); Condições socioeconômicas (profissões e estabilidade financeira); Contexto escolar; e Profissão.

**Quadro 26:** Categoria 2 – Preocupações com o futuro

Subcategorias	(UR)	(UC)
Incerteza do futuro	7	9
Condições socioeconômicas	3	4
Contexto escolar	1	1
Profissão	1	1

De acordo com o Quadro 26, da Categoria 2 – Preocupações com o futuro emergem 4 subcategorias: Incerteza do futuro; Condições socioeconômicas; Contexto escolar; e Profissão.

Em relação à subcategoria Incerteza do futuro, esta foi mencionada por 7 participantes (UC=9), servindo como exemplo: “Que não seja de drogas, de roubos e de álcool e dessas coisas assim” E1; “Que possam ter um futuro melhor do que eu [mãe]” E6; “São todas (...) que eles não se metam naquilo que não devem” E12; “É quando eu um dia morrer (...) Depois não sei como é que ele irá viver” E11.

A subcategoria Condições socioeconômicas reúne a percepção de 3 participantes (UC=4), demonstrado através do seguinte exemplo: “Que tenham uma vida melhor que a minha” E6.

A subcategoria Contexto escolar apresenta a percepção de 1 entrevistado/a (UC=1), tendo como exemplo: “(...) eu tenho medo é dele quando for para a escola, como ele já sofreu aquele bocadinho, mas quando for maior (...) Já é o inverso do irmão, tenho medo que ela o faça [comportamentos agressivos para com os pares]” E9.

Por fim, a subcategoria Profissão apresenta a percepção de 1 entrevistado/a (UC=1), verificando-se no seguinte exemplo: “(...) quero que de hoje a amanhã eles tenham o seu trabalho (...) Aprender a ler e a escrever (...) porque podem ter um emprego em qualquer lado” E5.

## **Tema 6 – Competências necessárias para o desenvolvimento da parentalidade**

Este tema 6 – Competências necessárias para o desenvolvimento da parentalidade diz respeito às competências necessárias e facilitadoras para o desenvolvimento e desempenho da parentalidade. Prevê-se que as mães e os pais devem ter algumas competências ou alguns requisitos fundamentais para o desenvolvimento da atividade parental, como: as qualidades

parentais; as competências parentais; as redes sociais de apoio; e os recursos materiais, de forma a garantir uma parentalidade minimamente adequada. De acordo com as respostas dos entrevistados foi possível identificar 2 categorias: Relação e Afeto; e Educativas e de formação.

**Quadro 27:** Apresentação do Tema 6 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
6. Competências necessárias para o desenvolvimento da parentalidade	Relação e afeto	Comunicação
		Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade)
		Tolerância e valorização
		Proteção
	Educativas e de formação	Educação e formação
		Ausência de violência
		Estabelecimento de regras

### **Categoria 1 – Relação e afeto**

A Categoria 1 – Relação e afeto diz respeito à importância de comportamentos que envolvem atitudes e sentimentos positivos, como o afeto, o suporte e a aceitação, as quais são entendidas como dimensões importantes da atividade parental para o desenvolvimento harmonioso do sistema familiar e da criança. Conforme as respostas das mães e do pai entrevistada/o(s), foram identificadas 4 subcategorias: Comunicação; Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade); Tolerância e valorização; e Proteção.

**Quadro 28:** Categoria 1 – Relação e Afeto

Subcategorias	(UR)	(UC)
Comunicação	2	5
Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade)	5	7
Tolerância e valorização	2	4
Proteção	2	4

O Quadro 28 da Categoria 1 – Relação e afeto apresenta as 4 subcategorias evidenciadas a partir das respostas fornecidas pelo/a(s) participantes: Comunicação; Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade); Tolerância e valorização; e Proteção.

A subcategoria Comunicação foi referida por 5 participantes (UC=7), servindo como exemplo: “É falando com eles, abrindo-se (...) ensinando-lhes o que é bom, o que é mau” E4; “(...) pronto, falarmos” E6;

A subcategoria Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade) foi mencionada por 5 entrevistada/o(s) (UC=7), verificando-se nos seguintes exemplos: “Ter um filho com carinho (...) Com muito respeito (...) gosto muito dos meus filhos” E7; “Compreender os próprios filhos. O que é que eles têm e não tem, mesmo que eles não digam” E9; “(...) acarinhar os filhos. Deve fazer tudo por eles, sacrifícios (...) É tentar dar o melhor a ele” E11.

Quanto à subcategoria Tolerância e valorização foi exposta por 2 participantes (UC=4), sustentada por: “É estimar os filhos (...)” E2; “Não é como aquelas mães que têm tudo e não sabem valorizar os filhos que tem” E8.

A subcategoria Proteção foi indicada por 2 participantes (UC=4), indicada pelos seguintes exemplos: “Para ele não sofrer, olha sofria eu, não é” E9; “Zelar por eles. Tentar evitar certos tipos de confusão” E12.

## **Categoria 2 – Educativas e de Formação**

A Categoria 2 – Educativas e de formação comporta um conjunto de percepções sobre competências importantes para o desenvolvimento de uma parentalidade minimamente adequada. A educação e a formação da criança são vistas como um dever, contribuindo para promover o desenvolvimento aos níveis cognitivos, social e emocional. De acordo com as percepções do/a(s) participantes no estudo foram identificadas 3 subcategorias: Educação e formação; Ausência de violência; e Estabelecimento de regras.

**Quadro 29:** Categoria 2 – Educativas e de formação

Subcategorias	(UR)	(UC)
Educação e de formação	5	6
Ausência de violência	3	3
Estabelecimento de regras	5	6

O Quadro 29, Categoria 2 – Educativas e de formação, diz respeito a uma das competências entendida como necessárias no processo da parentalidade. Desta categoria destacam-se 3 subcategorias: Educação e de formação; Ausência de violência; e Estabelecimento de regras.

A subcategoria Educação e de formação foi indicada por 5 entrevistada/o(s) (UC=6), servindo como exemplo: “É educar os filhos como deve de ser (...)” E5; “Agora, boa educação (...)” E13.

A subcategoria Ausência de violência foi referida por 3 participantes (UC=7), descritas através de: “(...) e não tratar mal” E5; “(...) também não sou muito coisa de pregar nalgadas, acho que isso não é educação” E9; “(...) é não espancar os filhos (...)” E3.

A subcategoria Estabelecimento de regras foi mencionada por 5 entrevistada/o(s) (UC=6), demonstrado pelos seguintes exemplos: “Não é ser muito rígida, nem ser muito tolerante. Saber dizer sim, saber dizer não na altura certa” E8; “(...) não lhe fazendo as vontades todas aos filhos” E9; “Não deixar fazer tudo o que eles querem, haver respeito” E13.

### **Tema 7 – Determinantes da parentalidade**

O tema 7 – Determinantes da parentalidade diz respeito a variáveis que poderão influenciar a forma como a mãe ou o pai exercem a sua parentalidade, como as características pessoais, fatores sociodemográficos, psicológicos, comportamento parental, características da personalidade da criança, as quais podem ser possíveis fatores que influenciaram ou influenciam o modo como as mães e os pais exercem a sua parentalidade. Consequentemente, estes fatores podem ter um impacto tanto positivo como negativo no desenvolvimento da criança. De acordo com as respostas do/a(s) participantes, foi possível identificar 3 categorias: Características individuais, Antecedentes pessoais; e Fatores sociais.

**Quadro 30:** Apresentação geral do Tema 7 de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
7. Determinantes da parentalidade	Características individuais	Autoritarismo
		Protecionismo
	Antecedentes pessoais	Educação e aprendizagem com a família de origem
		História de vida de abandono e violência

### **Categoria 1 – Características individuais**

A Categoria 1 – Características individuais diz respeito a circunstâncias ou particularidades específicas dos progenitores que parecem influenciar o funcionamento parental. De acordo com as respostas do/a(s) participantes, as suas percepções relativamente às características individuais foram agrupadas em 2 subcategorias: Autoritarismo; e Protecionismo.

**Quadro 31:** Categoria 1 – Características individuais

<b>Subcategorias</b>	<b>(UR)</b>	<b>(UC)</b>
Autoritarismo	1	1
Protecionismo	1	1

O Quadro 31 da Categoria 1 – Características individuais revela as 2 subcategorias relativas aos fatores individuais das mães e do pai que podem influenciar a forma como exercem a parentalidade, as quais são: Autoritarismo e Protecionismo.

Quanto à subcategoria Autoritarismo, esta foi indicada por 1 participante (UC=1), servindo como exemplo: “Olhe eu ser muito autoritária, isso tem prejudicado muito” E1.

A subcategoria Protecionismo foi indicada por 1 participante (UC=1), evidenciando-se no seguinte exemplo: “Eu tive um psicólogo na altura, que eu tinha o meu [filho], e ele disse que eu por ter sido abandonada pela minha mãe, eu embora adolescente, era muito agarrada ao meu filho. Era aquela coisa... era de mais. Ainda hoje com 22 anos, o meu filho se eu acordo a uma certa hora e o meu filho não está em casa, eu telefono-lhe para ver se está tudo bem (...) Qualquer coisa fico aflita” E10.

### **Categoria 2 – Antecedentes pessoais**

A Categoria 2 – Antecedentes pessoais diz respeito à história de vida como possível variável que pode influenciar a prática parental. As aprendizagens no contexto familiar e sociocultural podem ser antecedentes pessoais, que influenciam o comportamento parental das mães e dos pais, tendo assim impacto na maneira como se adaptam e lidam com o/a(s) filho/a(s) e exercitam a sua parentalidade. Desta categoria resultaram 2 subcategorias: Educação e aprendizagem com a família de origem; e História de vida de abandono e violência.

**Quadro 32:** Categoria 2 – Antecedentes pessoais

Subcategoria	(UR)	(UC)
Educação e aprendizagem com a família de origem	6	6
História de vida de abandono e violência	3	3

O Quadro 32 da Categoria 2 – Antecedentes pessoais apresenta 2 subcategorias relativas aos antecedentes pessoais das mães e do pai que podem influir na forma como exercem a parentalidade.

Quanto à subcategoria Educação e aprendizagem com a família de origem esta foi indicada por 6 participantes (UC=6), servindo como exemplo: “Epá se calhar foi os meus antepassados (...) e comecei a pensar que um dia gostava de ser pai assim” E3; “O meu pai e a minha mãe foram muito bons para mim (...) a educação que a minha mãe deu a gente, também dei aos meus filhos” E7; “Talvez a educação que os meus pais me deram. E ver como é que a minha mãe também era uma lutadora (...) E transmitiu isso à gente (...) E11; “Aprendi, quando o meu pai me dizia assim: – Tu agora não sais daqui (...) O meu pai ensinou-me (...) Eu aprendi com o meu pai (...) Ensinei os meus filhos assim dessa maneira” E14.

A subcategoria História de vida de abandono e violência foi indicada por 3 entrevistada/o(s) (UC=3), evidenciado através dos seguintes exemplos: “por ter sido abandonada pela minha mãe (...) era muito agarrada ao meu filho” E10; “(...) e depois já vivi num ambiente onde o meu padrasto batia na minha mãe. E ele tentava bater na gente, não é isso que eu quero” E9.

### **Categoria 3 – Fatores sociais**

A Categoria 3 – Fatores sociais diz respeito a outra variável que pode influenciar a forma como os progenitores exercem a sua parentalidade. Esta categoria não tem subcategorias, permanecendo assim como categoria.

**Quadro 33:** Categoria 3 – Fatores sociais

Categoria	(UR)	(UC)
Fatores sociais	1	1

O Quadro 33, da Categoria 3 – Fatores sociais, diz respeito a um dos fatores que pode ter influência na prática parental, o qual é o contexto social do local de residência.

A Categoria 3 – Fatores sociais foi indicada por 1 participante (UC=1), servindo como exemplo: “Sim eu penso, se o meu marido tivesse dito: Filhos não se metam nisto, o bairro é mau e tem muitas (...) olha os teus irmãos (...)” E4.

### **Categorias Periféricas**

As Categorias Periféricas dizem respeito a dados importantes que o/as participantes mencionaram ao longo das entrevistas, embora não se enquadrem em nenhum dos temas anteriores.

**Quadro 34:** Apresentação geral de Categorias Periféricas de análise de conteúdo

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Categorias periféricas	Preocupações relativamente aos próprios pais	Morte

### **Categoria 1 – Preocupações relativamente às/aos própria/os mães/pais**

A Categoria 1 – Preocupações relativamente às/aos própria/os mães/pais diz respeito às preocupações que as mães e os pais podem sentir relativamente a si próprios. Neste sentido, das respostas do/as participantes foi identificada 1 subcategoria: Morte.

Esta subcategoria diz respeito a uma preocupação relacionada com um acontecimento trágico (a morte), circunstância que impede o acompanhamento do crescimento e o desenvolvimento do/a(s) filho/a(s), ou seja, a realização da atividade parental. Tal preocupação pode surgir nas mães e nos pais devido a fatores, tais como: idade dos cuidadores; motivos de saúde física; acidentes; e outras eventualidades.

**Quadro 35:** Categoria 1 – Preocupações relativamente às/aos própria/os mães/pais

<b>Subcategorias</b>	<b>(UR)</b>	<b>(UC)</b>
Morte	2	2

Tal como ilustra o Quadro 35, da Categoria 1 – Preocupações relativamente às/aos própria/os mães/pais surge 1 subcategoria: Morte.

A subcategoria Morte foi referida por 2 entrevistado/a(s) (UC=2), servindo como exemplo: “Até mesmo por causa da minha doença. Tenho medo que de repente piore e (...) [morra]” E10; “É quando eu um dia morrer, onde é que ele fica (...) Já cá não estou, custa-me muito e penso muito” E11.

Tendo sido feita a apresentação dos resultados obtidos através de análise de conteúdo, passar-se-á de seguida à discussão dos mesmos.



## Capítulo V – Análise e discussão dos resultados

Face à apresentação detalhada dos resultados obtidos, realizada no Capítulo IV – Apresentação dos Resultados, procede-se a partir daqui à sua interpretação e discussão, de acordo com os objetivos propostos no presente estudo. Considerando os dados recolhidos das entrevistas efectuadas, os resultados são analisados à luz da literatura revista, de forma a conferir uma melhor compreensão dos mesmos.

Tendo por base outros estudos sobre a temática da parentalidade nas famílias multiproblemáticas, a análise e discussão dos resultados segue a mesma ordem de apresentação dos objetivos específicos descritos no ponto 3.3. Objetivos do Estudo, do Capítulo 3.

Inicialmente foram analisados alguns dados sociodemográficos dos participantes, através de um questionário de caracterização das famílias, sendo importante salientar que estes são provenientes de «famílias multiproblemáticas» (Barbosa-Ducharme, Soares, Barbosa, Silva & Cardoso, 2011). Destes dados foi possível identificar a existência de problemas relacionados com: questões económico-financeiras; dificuldades de empregabilidade; doenças crónicas; história pessoal de abandono e de maus tratos físicos; abuso de álcool ou drogas; distúrbios emocionais ou psíquicos; problemas de comportamentos violentos ou antissociais; abandono e absentismo escolar; e problemas relacionados com a justiça.

Verificou-se ainda que todos os participantes no estudo têm na família um ou mais elementos com problemas a nível do comportamento ou problemas relacionados com maus tratos físicos por parte da mãe, do pai ou outro elemento da família nuclear (e.g., companheira/o da mãe ou do pai). Seguindo esta linha, os dados obtidos nesta investigação evidenciaram que as mulheres são, em maioria, as vítimas de maus tratos por parte do conjugue ou companheiro, estando estes resultados corroborados com os de Sousa (2005).

Outro facto relevante prende-se com o acompanhamento por parte de serviços especializados dos diferentes elementos do sistema familiar. Conforme se pode constatar em Alarcão (2006), as famílias multiproblemáticas são regular e frequentemente assistidas por inúmeros serviços, durante longos períodos de tempo. Neste sentido, destaca-se que mais de metade dos participantes mencionou que um ou mais elementos da sua famílias já foi e/ou é acompanhada por alguma entidade especializada, como: serviço(s) de psicologia e/ou psiquiatria; serviços de ação social; e/ou seguido pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ). Assim, de acordo com estes dados, pode verificar-se que as famílias são

multiassistidas (Linares, 2010; Minuchin et al., 1998; Imber-Black, 1988). Esta multiassistência pode ser entendida como uma dependência que as famílias multiproblemáticas têm em relação aos serviços.

### **5.1. Conceito de Parentalidade**

O primeiro objetivo específico visa perceber o entendimento do/as participantes no estudo sobre o conceito da parentalidade, atendendo à percepção que o/as mesmo/as tem sobre o que é ser pai e mãe.

A princípio, quando questionado/as a respeito do seu entendimento sobre a parentalidade, os participantes tiveram alguma dificuldade em explicar o conceito de parentalidade, tendo referido: “Não tem explicação”; “É tudo”; “É tudo para mim, é tudo, mais do que pai”; e “É muito complicado explicar”. Este resultado surge como um dado relevante pela frequência de respostas dadas pelos participantes (UC=16), além disso também expressa a dificuldade em explicá-lo de forma concreta. Quando colocada a questão inicial: “O que é para si a parentalidade?”; os participantes demonstraram dificuldade em entender a pergunta, havendo a necessidade de reformulá-la, da seguinte maneira: “O que é para si ser mãe ou pai?”. Embora as afirmações iniciais fossem pobres, sem conteúdo consistente, depois de reformulada a questão os participantes conseguiram responder de uma maneira mais rica e elaborada. Assim, pode afirmar-se que os participantes no estudo até podem deter algum conhecimento e experiência relativamente à parentalidade e acerca do que a mesma envolve, no entanto existem fatores associados a este grupo de participantes (de famílias multiproblemáticas) como à baixa escolaridade e o contexto sociocultural desfavorecido, no qual estão maioritariamente inseridos, que tornam evidentes as limitações para verbalizar e explicar a sua percepção (Sousa, 2005).

É importante reconhecer e considerar a apreciação que as mães e os pais de famílias multiproblemáticas fazem relativamente à parentalidade, sobretudo quando referem que ser mãe ou pai é «tudo» e neste sentido, de acordo com Goetting (1986), pode sugerir-se que mesmo com baixo nível educacional estas mães e pais revelam uma satisfação a nível sentimental e valorização pessoal pelo facto de ser mãe ou pai. Apesar disso, apresentam menores níveis de envolvimento em tarefas relacionadas com a educação e uma menor consciência das necessidades dos filhos (Cabrera, Shannon & Tamis-LeMonda, 2007).

A propósito da dificuldade de resposta à primeira questão, também se pode colocar a hipótese dos participantes a terem entendido e experienciado como um confronto, sendo que o tema em questão, a parentalidade, tenha suscitado alguma sensibilidade. Um outro possível

significado, que pode ser atribuída às respostas dadas pelos participantes, pode estar relacionado com o conceito de desajustabilidade social, no sentido em que os entrevistados estes podem ter a tendência de responder de forma socialmente aceite ou considerada como correta, de modo a transmitir que tudo «corre» normalmente, não havendo qualquer problema e/ou dificuldade.

Ao longo de cada entrevista realizada, verificou-se que a sensibilidade causada pelo tema demonstrava uma «dor» entendida como sendo «interior» nas mães e pai, manifestada através de verbalizações e comportamentos não-verbais, como o lacrimejar/choro imediato, sucedido após a primeira pergunta.

O sofrimento evidenciado no decorrer da entrevista quanto à sua atividade parental sugere que, apesar das mães e dos pais de famílias multiproblemáticas serem descritos na literatura (Sousa, 2005) como descuidados ou apresentarem falta de cuidado relativamente aos/às filho/a(s), podem experienciar sentimentos semelhantes aos das famílias ditas «normais» ao longo da sua parentalidade.

Ainda de acordo com o primeiro objetivo, a perspetiva das mães e do pai entrevistada/o(s) a respeito da parentalidade é percecionada como uma tarefa complexa que exige responsabilidade a vários níveis na vida da criança, nomeadamente: a manutenção da saúde física e mental; a satisfação das necessidades básicas; a promoção do desenvolvimento; e ainda assegurar a formação pessoal e a educação da criança. Este mesmo entendimento é corroborado por Almeida (2015), o qual definiu a parentalidade como uma tarefa complexa e desafiadora, sendo esta uma das tarefas que incute maior responsabilidade no ser humano ao longo do seu próprio ciclo vital e do seu sistema familiar.

No que diz respeito à satisfação das necessidades do/a(s) filho/a(s), o/a(s) participantes referiram, na sua maioria: a necessidade de afeto; de atenção; e de segurança/suporte. Estas necessidades mencionadas pelo/as entrevistado/as vão de encontro com Pereira e Alarcão (2014) por serem funções específicas da parentalidade, que por sua vez são promotoras do desenvolvimento da criança e da relação mãe/pai/cuidador – criança. Em comparação, Houzel (1999) defendeu que as necessidades de afeto e suporte são eixos que visam cumprir com as funções parentais junto da criança, proporcionando um ambiente de carinho e apoio. Também Barros (2015) identificou estas funções como fundamentais ao longo do processo parental e no desenvolvimento integral da criança. Estas mesmas vão sendo cumpridas pelas mães e pelos pais em situações diversas e na interação, sendo que se vão modelando ao longo do desenvolvimento. Braz, Dessen e Silva (2005) referiram que a perceção e a noção de «bom pai» ou «boa mãe» dentro do contexto das famílias multiproblemáticas é entendido segundo a

afetividade (demonstração de afeto, amor e carinho) para com a criança, ou seja, é ser pai ou mãe afetivo/a. A importância atribuída ao afeto na parentalidade é evidente nos resultados obtidos. De acordo com os participantes, a transmissão de afeto é considerada como uma função importante para uma adequada parentalidade.

Também é possível verificar a importância atribuída pelos participantes em relação à formação pessoal e a educação da criança, o que vai de encontro com a perspectiva de Barroso e Machado (2010), a qual defende que a parentalidade deve garantir a sobrevivência e o desenvolvimento do indivíduo, bem como a autonomização progressiva da criança nos diferentes contextos de aprendizagem.

Em estreita ligação com o que foi referido anteriormente, os resultados desta investigação, de acordo com o primeiro objetivo, atestam a consciência de responsabilidades inerentes à parentalidade, nomeadamente às funções nutritivas, de cuidado e afeto. Visto que, nas famílias multiproblemáticas, para além de existir a consciência de que a parentalidade não envolve apenas as funções e a capacidade de procriar (demonstrado ao longo das entrevistas), poucos foram os participantes que mencionaram a necessidade de um vínculo emocional e a promoção da educação junto das crianças, de forma a fomentar a autonomia e a vivência em comunidade. Logo, não é somente necessário apostar na (re)consciencialização do que é ser mãe e/ou pai junto destas famílias e de outras famílias, mas também trabalhar na promoção das próprias competências das mães e dos pais, para que os mesmos consigam autovalorizar-se e ainda refletir sobre as suas próprias competências e dificuldades ao longo da parentalidade.

Relativamente ao desenvolvimento e à promoção da socialização, é dada pouca importância pelos participantes no entanto, o que faz com que este aspeto se possa relacionar com o ponto de vista Barudy (2009) e Linares (2010), os quais referiam a função socializadora (tarefa básica da parentalidade) como pouco evidente, o que se constata na pouca reflexão e conhecimento da importância dada ao desenvolvimento social e emocional da criança, a respeito da autonomia, do autoconceito e da identidade, podendo ser uma das áreas com limitações nas crianças de famílias multiproblemáticas.

Em suma, apesar de serem poucas as verbalizações do/as participantes na investigação, a perceção da parentalidade como um processo de aprendizagem está de acordo com o entendimento de Pereira e Alarcão (2014), que percebem a parentalidade como uma aprendizagem constante, em que o processo de desenvolvimento das mães e pais não se foca apenas nas funções parentais, mas também no processo complexo de maturação psicológica, envolvendo mudanças a diferentes níveis na vida do adulto, mudanças estas que ocorrem nos

diversos níveis, experienciadas como positivas, negativas ou difíceis de realizar e/ou adaptar, o que nos leva a dar importância à exploração da vivência na parentalidade.

## **5.2. Vivências da Parentalidade**

O segundo objetivo específico visa perceber a vivência da parentalidade nas famílias multiproblemáticas. As vivências dizem respeito ao modo como as mães e os pais vivem, experienciam e se relacionam com a criança ao longo do processo de parentalidade. Com este tema, as principais vivências referidas focaram-se em sentimentos positivos e/ou negativos.

Sendo a parentalidade considerada um processo complexo que acarreta diversas mudanças e aprendizagens, os participantes mencionaram a ocorrência de sentimentos negativos ao longo do processo de parentalidade, nomeadamente sentimentos de tristeza, incerteza e de fracasso.

Os sentimentos de tristeza têm a ver com pensamentos negativos em relação à própria experiência desta etapa do ciclo vital da família – a parentalidade (ser mãe ou pai) e também o que concerne a acontecimentos ocorridos ao longo deste processo. De acordo com os resultados obtidos, foram manifestados alguns sentimentos de tristeza, por diversos motivos como: questões de interações e relações problemáticas com o/a conjugue e filho/a(s), após o divórcio do casal; e, relações disfuncionais entre mãe/pai-filho/a(s) que levou posteriormente à sua retirada do núcleo familiar.

Os sentimentos de incerteza manifestados pelo/as entrevistado/as estão relacionado com a contingência quanto ao futuro dos/as filhos/as, que deriva de questões de saúde física e/ou mental e aspetos relacionadas com problemas com a justiça (detenção). Estes sentimentos surgem ao longo de todo o processo parental, tendo especificamente em consideração o tema da sua morte, isto deve-se ao facto dos pais e mães terem problemas de saúde física (doenças) e também já terem vivenciado algumas perdas, como a morte de um filho ou do/a companheiro/a.

Por fim, os sentimentos de fracasso estão relacionados com acontecimentos ou situações em que as mães e os pais percecionam a sua ação, atitude ou comportamento como negativo e não tendo surtido o efeito desejável, sentindo-se deste modo fracassado/as. Estes sentimentos podem advir das fragilidades e possíveis «incumprimentos» dos deveres e funções parentais.

Os sentimentos negativos percecionados pelos participantes podem estar relacionados com a dificuldade de adaptação ou transição para a parentalidade. Tal como referiram Pereira,

Goes e Barros (2015), a parentalidade é uma das tarefas mais exigentes na vida de mães e pais e em diversas situações, colocando-se como um desafio maior ou menor consoante diferentes momentos e acontecimentos. De acordo com os diversos sentimentos negativos evidenciados pelos participantes, é importante pensar sobre esta questão das vivências destas famílias, os quais lhes atribuem um significado (tristeza, incerteza e fracasso). No entanto é importantes refletir sobre o que causam estes sentimentos negativos e como as mães e os pais lidam e gerem os mesmos sentimentos.

Neste sentido é necessário ter em consideração que as famílias e crianças em situações de maior vulnerabilidade podem despoletar a ocorrência de situações problemáticas e manter as mesmas, na hipótese dessas dificuldades não serem resolvidas e/ou ultrapassadas (Forehand, Jones & Parent, 2013). Uma delas prende-se com a situação e satisfação laboral das mães e dos pais, que podem influenciar as suas perceções, atitudes e comportamentos (Tonelo, 2015). De acordo com os dados da literatura, estar empregada/o pode funcionar como mecanismo promotor de sentimentos de autoeficácia e competência face às exigências familiares, enquanto o inverso (estar desempregada/o) pode ser um fator de risco (Pires, 1990; Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Verissimo & Santos, 2014).

Para além do mais, tais sentimentos (de tristeza e/ou fracasso) associados às vivências dos participantes podem também estar conotados com a situação económica. Neste caso, oito participantes descreveram-na como precária, mencionando ainda que a origem dos rendimentos da família advém do apoio por parte de alguns serviços (subsídio de desemprego e/ou do rendimento social de inserção), fazendo com que não consigam autonomizar-se financeiramente. Esta mesma condição limita a sustentação da família (compras de bens necessários) e a realização de atividades no seu seio. Por outro lado, os sentimentos negativos podem também estar relacionados com especificidades da história de vida de cada um, como por exemplo histórias de abandono, maus-tratos ou crises permanentes, que levam à ocorrência de sentimentos de ineficácia, impotência, baixa autoestima e intolerância à frustração, tendo impacto na forma como vivem e experienciam a parentalidade. (Sousa et al., 2007; Abreu, 2011; Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Verissimo & Santos, 2014).

Ainda sobre o tema da vivência da parentalidade, os participantes do estudo também experienciaram sentimentos positivos ao longo do processo de parentalidade. Estas vivências positivas dizem respeito a sentimentos de felicidade, de complementaridade e de orgulho.

Portanto, a transição para a parentalidade foi entendida como o melhor acontecimento de vida pelo/as participantes, experienciando sentimentos de felicidade, porque ser mãe ou pai

pela primeira vez ocupa um papel de destaque na vida do/as mesmo/as, no sentido em que o objetivo de vida se altera positivamente a partir desse momento.

Outro aspeto igualmente importante são os sentimentos de complementaridade, evidenciado pelo/as participantes, refletindo a importância e valorização que os filhos atribuem às mães e pais, sendo de extrema importância para estes últimos, pois é apontado como um dos principais fatores de motivação para ultrapassarem as crises (normativas ou não-normativas) (Alarcão, 2006; Relvas & Alarcão, 2002).

De acordo com o que foi exposto anteriormente, podem relacionar-se os sentimentos de complementaridade com as expectativas que as mães e os pais criam relativamente ao/à(s) filho/a(s), o que se articula com Freire, Silva, Moura, Pontes e Araújo (2014), isto é, a criação de expectativas acerca do desenvolvimento dos filhos pode ocorrer, por parte das mães e dos pais, a diversos níveis: comportamental, cognitivo e emocional, com influência do contexto em que as famílias se inserem. Estes sentimentos podem traduzir-se pela valorização feita pelas crianças para com os seus cuidadores e vice-versa, podendo ser um fator a considerar no envolvimento e práticas parentais, estabelecendo que o comportamento parental pode ser definido pela relação entre mãe/pai-criança ao longo do seu crescimento e desenvolvimento (Kobarg, Sachetti & Vieira, 2006; Guedes, Carvalho, Pires & Canavarro, 2011). Este aspeto pode ser interpretado como uma «quase» dependência, no sentido em que as mães e os pais necessitam que o/a(s) filho/a(s) os valorizem para se sentirem estimados.

Aliado ao entendimento acerca da vivência parental, foi ainda referida por alguns entrevistados a ocorrência de sentimentos de empatia e aceitação incondicional, como sentimentos que surgem ao longo da parentalidade. A empatia e a aceitação incondicional mencionada pelos participantes podem ser sentimentos que traduzem o envolvimento dos próprios, no sentido em que o bem/mal-estar da criança afeta do mesmo modo as mães e os pais. Podemos dizer que este tipo de sentimentos ocorrem quando o/as pais/mães cuidam, investem e focam os recursos para a sobrevivência e desenvolvimento dos seus filhos, através das interações prazerosas que experimentam com o/a filho/a (Ramos, 2008).

Sabemos de acordo com Guralnick (1997) que os padrões de interação familiar como: a qualidade das interações mãe/pai-criança, o tipo de experiências e vivências que a família proporciona à criança e os cuidados básicos (segurança e saúde) têm impacto no desenvolvimento da mesma. Assim, os resultados sugerem que as experiências ocorridas ao longo da parentalidade do/as participantes são identificadas maioritariamente como positivas, embora a ocorrência de vivências e acontecimentos negativos façam surgir sentimentos de insegurança e tristeza. Esta diversidade de sentimentos, não pode ser relativizada de um ponto

de vista absoluto, pois ao longo do processo parental esta surge tanto nas famílias ditas «normais» como nas multiproblemáticas.

Por fim, embora os participantes da presente investigação mencionem a ocorrência de mais sentimentos positivos, os sentimentos negativos são os mais explorados (nos discurso dos participantes) ao longo das entrevistas. Este dado sugere o facto de estarem envolvidos num “emaranhado” de problemas, leva provavelmente a que tudo gire mais em torno do negativismo do que do positivismo.

### **5.3. Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade**

O terceiro objetivo visou perceber as dificuldades sentidas pelos participantes entrevistados relativamente ao processo de parentalidade. Este tema apresenta alguma relevância para a compreensão da parentalidade nas famílias multiproblemáticas.

Em função da análise dos dados do presente objetivo, é possível perceber a existência de dificuldades na atividade parental, tais como: acontecimentos inesperados (gravidez inesperada ou precoce); relacionamentos (dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação e utilização de um estilo parental coerente/adequado); modificação de hábitos e do estilo de vida; falta de apoio; dificuldades económicas; e problemas de saúde (Baumrind, 1971; Bowlby, 1990; Feinberg, 2002; Figueiredo, Rodrigues, Pacheco, Costa, Cabeleira & Magrinho, 2004; Magalhães, Alvarenga & Teixeira, 2012).

As dificuldades destacadas pelos participantes vão ao encontro do que é referido na literatura relativamente às famílias multiproblemáticas. Hespanha, Sousa, Portugal, Rodrigues e Grilo (2005) identificaram o emprego, a gestão financeira, a saúde e as relações familiares como áreas de dificuldades habituais das famílias multiproblemáticas. Estes dados são reforçados pelos resultados apresentados por Sousa, Ribeiro e Rodrigues (2007), que identificaram estas áreas como sendo as de maior dificuldade nestas famílias. De acordo com os participantes deste estudo, os obstáculos sentidos com maior frequência ao longo da parentalidade são: a modificação de hábitos e do estilo de vida, a inexistência de apoio e as dificuldades económicas.

Segundo Canavarro e Pedrosa (2005) e Ribeiro (2007), a transição para a parentalidade envolve mudanças estruturais (surgimento do subsistema parental e filial), mudanças funcionais, e a complexificação e reestruturação de papéis. O que vai de encontro aos resultados obtidos no presente estudo relativamente à adaptação e modificação de hábitos e do estilo de vida – dificuldade evidenciada pelos participantes da investigação.

Os participantes do presente estudo evidenciaram uma dificuldade na adaptação à parentalidade, embora seja uma das transições normativas mais importantes das mulheres e dos homens ao longo do seu ciclo de vida (Higalco, 1998), para as mães e os pais do presente estudo, foi mencionada a dificuldade de passar de filho/a para pai/ mãe, e ainda relativamente à complexificação e reestruturação dos papéis que esta fase exige. Ou seja, anteriormente os participantes referem a parentalidade como uma tarefa difícil, esta é vivenciada tanto de forma positiva como negativa, e ainda expressam dificuldades relativamente às modificações que esta etapa do ciclo de vida carece, o que pode estar relacionado com a perceção da sua autoeficácia.

Assim, Valente (2009) referiu que a transição para a parentalidade exige mudanças a diferentes níveis: a nível intelectual (envolvendo um processo de maturação); e a nível emocional. Também Tonelo (2015) indicou que o processo de parentalidade envolve constantes transformações e adaptações relativamente às expectativas, aos sentimentos, aos comportamentos, às dificuldades e às preocupações das mães e dos pais para com as crianças.

Assim, a modificação de hábitos e do estilo de vida (dificuldade mencionada pelo/as participantes) pode estar relacionada com a reorganização e reestruturação da relação do casal, pela necessidade de assumir novos papéis e novas funções. Esta transição pode acarretar ainda outras dificuldades por distintos motivos (Valente, 2009). Alguns dos motivos apontados estão associados a restrições da liberdade pessoal, repercussões sobre a atividade profissional e questões económicas, que consequentemente podem ser fatores de *stress* familiar (Alarcão, 2006; Valente, 2009).

Para Hidalgo (1998) as transformações ligadas à parentalidade que ocorrem ao longo de todo o processo evidenciam mudanças físicas, emocionais e cognitivas, alterações relativamente à própria identidade, nos papéis de género e nos hábitos quotidianos. Assim, quando o processo de parentalidade é entendido como difícil ao nível da modificação de hábitos e do estilo de vida, este pode estar relacionado com a exigência de uma readaptação e mudança da própria identidade das mães e dos pais e destes enquanto casal, em que a partilha das funções e dos papéis é de facto um fator muito importante para a realização de uma parentalidade minimamente adequada (Feinberg, 2002; Valente, 2009). A partir dos resultados obtidos, pode verificar-se que, pelas mães e pai entrevistados, desempenhar o papel de «mãe e pai» requiere a responsabilidade (o dever) de prestar cuidados básicos aos/às filhos/as.

Quando as modificações de papéis tendem a ser mais complexas de realizar, o apoio inexistente, sentido por parte do/a(s) participantes, pode dificultar o processo de adaptação à parentalidade. O/as participantes, na sua maioria (UR=8), mencionaram não ter apoio do/a companheiro/a, nem da família alargada, o que faz com que as dificuldades sejam

percecionadas de forma negativa e vivenciadas de forma mais intensa, agravando as dificuldades sentidas na apropriação de ser mãe ou pai. A falta deste tipo de apoio é comum nas famílias multiproblemáticas, nomeadamente na figura feminina. Pois, o papel do homem na família é ainda o papel tradicional, em que o homem tem o «dever» de trabalhar e a mulher tende a gerir toda a dinâmica e funcionamento familiar, característica habitualmente verificada nas famílias multiproblemáticas (Sousa, 2005). De acordo com Leal (2005), o apoio inexistente também pode ser justificado pela incapacidade dos indivíduos reavaliarem a sua condição e reestruturar a relação conjugal, verificando-se assim a pouca importância dada à coparentalidade nestas famílias, sendo outra característica das famílias multiproblemáticas (Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2009). Não obstante, houve casos em que o/as participantes referiram que não existiram dificuldades ao longo do processo de parentalidade, correspondendo porém a uma minoria (UR=2) dos participantes.

#### **5.4. Exercício da Parentalidade**

O tema exercício da parentalidade tem como objetivo identificar as dimensões e os papéis parentais.

As dimensões da parentalidade dizem respeito às diferentes condições que envolvem ou devem envolver o processo e a atividade parental (Belsky, 1984; López & Palacios, 1998). De acordo com Hoghughi (2004), estas dimensões referem-se às diferentes tarefas exigidas por parte dos cuidadores, de forma a assegurar o desenvolvimento da criança e assim exercerem uma parentalidade “minimamente adequada”.

Através dos dados obtidos, sobressaem dimensões da parentalidade relacionadas com os cuidados primários, socioafetivos e controlo e disciplina. No que diz respeito às atividades parentais, salienta-se a importância dos cuidados físicos, emocionais e sociais, bem como a relevância da disciplina, enquanto atividades necessárias a uma parentalidade suficientemente adequada (Hoghughi, 2004). A dimensão (controlo e disciplina) é importante para: assegurar a prevenção de adversidades (que possam causar algum tipo de sofrimento à criança); e promover situações positivas (que possibilitam a construção de uma estrutura interna e a ajudam a ultrapassar contratempos ao longo da vida) (Schoppe, Mangelsdorf & Frosch, 2001).

Os cuidados básicos ou primários como alimentação, proteção e higiene, evidenciados pelo/as participantes, que são corroborados com a perspetiva de Reader, Duncan e Lucey (2005), referem-se à prestação dos cuidados físicos como uma dimensão das atividades parentais, necessária a uma parentalidade minimamente adequada. Neste sentido, a prestação

dos cuidados físicos faz parte de uma das dimensões mencionadas no modelo dimensional proposto por Hoghughi (2004), dimensão esta que satisfaz as necessidades de sobrevivência dos seus descendentes (Bradley, 2007; Maccoby, 2000). É importante destacar que relativamente aos cuidados primários, os cuidados de higiene são os mais mencionados pelos participantes (UR=10). Estes resultados vão ao encontro da percepção das famílias multiproblemáticas em relação às dimensões importantes da parentalidade. No mesmo sentido, segundo Barudy (2009), nas famílias multiproblemáticas uma das especificidades da parentalidade é a função nutritiva. Esta engloba as necessidades básicas ao desenvolvimento da criança, como os cuidados de higiene, alimentação, e apoio, segurança e proteção. No entanto, de acordo com Linares (2010), a parentalidade nas famílias multiproblemáticas é debilitada e deteriorada nas funções educativas que conseqüentemente podem comprometer a capacidade de inserção e adaptação social das crianças, afetando o desenvolvimento emocional destas, o que se comprova nas entrevistas, através da pouca importância e limitada referência dadas às funções educativas pelos participantes.

Relativamente aos cuidados socioafetivos mencionados pelo/as entrevistado/as, verifica-se que remetem para a existência de comportamentos e atitudes que asseguram o respeito pela criança e demonstram amor e afeto. Na mesma linha, Rohner (2004) referiu a expressão de afeto e o envolvimento emocional como características parentais imprescindíveis para a satisfação das necessidades da criança. A sensibilidade dos pais para os estados e necessidades da criança surge como peça fundamental para o sucesso das interações entre mãe/pai-criança, na medida em que as mães e os pais devem ter capacidades para entender e interpretar, de forma correta, os comportamentos e sinais emitidos pela mesma e assim assegurarem uma resposta adequada (Ainsworth, 1969; Costa, Pereira & Leal, 2012; Figueiredo, Mateus, Osório & Martins, 2014). Apesar desta percepção favorável, os estudos de Cancrini, Gregorio e Nocerino (1997) têm identificado, por parte dos adultos das famílias multiproblemáticas, um abandono das funções parentais. De acordo com o/as participantes do presente estudo, será possível dizer ou colocar a hipótese que ocorre um défice nas funções parentais (frustração que os mesmos sentem no desempenho da parentalidade). Também pode ser entendido pelos participantes como um confronto interno com a possibilidade das funções parentais serem desempenhadas de modo diferentes, visto que não sabem como modificar ou alterar a forma como exercem a parentalidade, ou ainda pelo facto de não terem espaço para pensar noutra maneira de fazê-lo. Isto pode acontecer por causa do “emaranhado” de problemas em que as mães e os pais estão envolvida/os.

Ainda a respeito das áreas da atividade parental, o estabelecimento de regras, mencionado pelo/as participantes, surge como determinantes no processo de parentalidade. O/as participantes consideram que o estabelecimento de regras (impor e gerir os limites de determinadas atividades e comportamentos das crianças) é importante para um desenvolvimento equilibrado do/a(s) filho/a(s). As regras, ou seja, a aplicação de limites relativamente aos comportamentos, atitudes e/ou desejos por parte da criança, podem assegurar a ocorrência de comportamentos adequados ao longo do desenvolvimento e prevenir dificuldades ao nível da socialização, cumprimentos de normas e valores sociais no seu futuro (Silves, 2009).

O segundo objetivo do tema em análise diz respeito aos papéis que os cuidadores tendem normalmente a desempenhar ao longo do processo de parentalidade. O/as participantes (UR=4) referiram que ao longo do exercício de parentalidade têm assumido um papel duplo (de mãe e pai), o que maioritariamente acontece com a figura feminina, o que vai de encontro com os resultados de Weizman (1985), que mostra que as famílias multiproblemáticas têm uma estrutura típica onde são evidentes falhas ao nível da definição de papéis, notando-se uma inconsistência e falta de controlo.

### **5.5. Preocupações das mães e dos pais relativamente aos filhos**

O objetivo cinco corresponde ao entendimento das preocupações das mães e dos pais que emergem ao longo do processo de parentalidade.

Quando questionado/as o/as participantes do presente estudo sobre as preocupações ou inquietações relativamente ao/à(s) filho/a(s), os mesmos evidenciaram preocupações relativas ao presente e ao futuro.

As preocupações sentidas ao longo da sua parentalidade, consideradas como preocupações do presente, evidenciaram preocupação com as necessidades primárias que dizem respeito à possibilidade de surgirem problemas de saúde tanto ao nível físico ou mental, bem como à impossibilidade de satisfazer a necessidade de alimentação do/a(s) filho/a(s). A partir dos dados, também é evidente que as mães e o pai do presente estudo têm como preocupações "primárias" o facto de conseguirem satisfazer as necessidades básicas dos seus filhos.

Outra preocupação relativa ao presente está relacionada com problemas no contexto escolar, possíveis e eventuais dificuldades na escola que surgem como inquietações das mães e do pai entrevistados, emergindo neste contexto atitudes preconceituosas do grupo de pares, problemas e/ou violência na instituição (como vítimas ou agressores) e ainda identificaram

preocupações relativamente à progressão nos estudos, por fim surgiu a preocupação com a detenção dos filhos.

Corroborando Sousa (2005) e Alarcão (2006), as preocupações com a satisfação das necessidades básicas, como a impossibilidade de satisfazer a necessidade alimentar, podem estar relacionadas com a questão das dificuldades económicas (condição económica precária), uma das características da parentalidade nas famílias multiproblemáticas, sendo também manifestadas pelos participantes do presente estudo.

Outro aspeto importante dos resultados obtidos tem a ver com a forma como estas famílias funcionam relativamente aos problemas que ocorrem ao longo do seu ciclo de vida. Abreu (2011) referiu que as famílias multiproblemáticas vivem o “império” da ação, tendo como consequência a desagregação e desorganização familiar. De acordo com os dados obtidos podemos deduzir que estas preocupações do presente, manifestadas pelos participantes, são devidas à preocupação constante com a procura da sobrevivência.

Quanto a perceção dos participantes relativamente às preocupações com o futuro, estas estão relacionadas com a incerteza do futuro (UR=7), as condições socioeconómicas (UR=3), o contexto escolar (UR=1) e a futura profissão (UR=1).

A partir dos dados obtidos, foca-se aqui a preocupação com a incerteza do futuro (UR=7) e as condições socioeconómicas. A incerteza do futuro manifesta preocupações relativamente à possibilidade do/a(s) filho/a(s) seguir(em) um desenvolvimento não normativo e encaminhar(em)-se para a delinquência e/ou marginalidade. Esta preocupação corrobora com Sousa (2005), que caracterizou o pensamento das famílias multiproblemáticas como próximo da marginalidade, por parte dos participantes. O/as participantes no estudo também mencionaram preocupação relativamente às futuras condições socioeconómicas do/a(s) seu/sua(s) filho/a(s). Esta preocupação pode estar presente nas famílias multiproblemáticas porque, ao longo do seu ciclo de vida, estas podem passar por diversos momentos de dificuldades socioeconómicas. Devido aos fracos recursos monetários, as famílias multiproblemáticas estão na sua maioria inseridas em contextos sociais desfavorecidos, o que limita o desenvolvimento normal de todo o sistema familiar. No entanto, tal como qualquer mãe ou pai, o/a(s) entrevistado/a(s) têm expectativas, para o/a(s) seus/suas filho/a(s), na maioria sempre maiores e melhores do que as possibilidades que os mesmos tiveram (Sarmiento, 2003; Silva, 2009).

## **5.6. Competências para o desenvolvimento e desempenho da Parentalidade**

De acordo com o objetivo seis, pretendeu-se a identificação das competências necessárias ao desenvolvimento da atividade parental, atendendo àquilo que é considerado como parentalidade minimamente adequada.

No presente estudo, o/as entrevistado/as salientaram que para o desempenho da parentalidade as mães e os pais devem ter competências ao nível da relação e do afeto, bem como ao nível da educação e formação, ao longo de todo o processo de parentalidade. Este entendimento é em parte corroborado com o modelo das dimensões da parentalidade de Barroso e Machado (2010), em que foram identificadas a interação entre mãe/pai-criança e a transmissão de afeto como competências necessárias para o exercício de uma parentalidade minimamente adequada. Neste sentido, através das respostas dos participantes, é perceptível o seu entendimento das competências necessárias para a prática minimamente adequada.

Portanto é importante que os pais, as mães e cuidadores apresentem competências não só de reconhecimento das necessidades do/a(s) filho/a(s) ao longo do seu desenvolvimento, mas que também sejam capazes de as interpretar adequadamente e ainda de responder do modo mais ajustado possível (Barroso & Machado, 2010).

De acordo com Barros (2015), os fatores importantes para assegurar o desenvolvimento saudável da criança são o envolvimento familiar (importância da relação entre os diferentes elementos da família), a imposição de normas e limites, a capacidade de compreensão dos custos de dizer «sim» ou «não» a determinado comportamento de exigência da criança e ter conhecimentos a nível do desenvolvimento da criança e sobre a adolescência. Por sua vez, os participantes na investigação destacaram a importância da comunicação, a tolerância e a valorização (e.g., elogiar o/a(s) filho/a(s) quando têm um comportamento adequado), a proteção, a educação e a formação, a ausência de violência e por fim o estabelecimento de regras.

Em suma, verifica-se que é desejável que as mães e os pais tenham algumas competências e/ou alguns requisitos necessários ao desenvolvimento de uma atividade parental minimamente adequada, assim como redes sociais de suporte e recursos materiais.

## **5.7. Determinantes da Parentalidade**

Em correlação com o ponto anterior, é possível compreender que a parentalidade das mães e dos pais pode ser influenciada por diversos determinantes. Assim, o presente objetivo pretende identificar os fatores individuais, históricos e/ou sociais que influenciam a parentalidade, em relação com a perceção do/as participantes do estudo.

Belsky e Jafee (2006), Belsky e Vondra (1989) e Luster e Okagaki (2005) referiram que os determinantes que podem prever determinado comportamento parental e a forma como é exercida a atividade parental são características individuais, históricas e/ou sociais.

Os principais determinantes da parentalidade identificados pelas mães e pai foram maioritariamente os antecedentes pessoais (UR=6), dentro dos quais foram referidos a educação e a aprendizagem realizadas com a família de origem. Assim, as aprendizagens no contexto familiar e sociocultural podem ser antecedentes pessoais que influenciaram e/ou influenciam o comportamento parental das mães e dos pais no exercício da sua parentalidade.

Relativamente aos antecedentes pessoais evidenciados pelo/as participantes, é importante destacar as histórias de vida de abandono e de violência, sendo entendidos como um determinante negativo na parentalidade, que pode contribuir para o desenvolvimento de uma visão contrária (rejeição dessa prática) e influenciar uma prática parental mais positiva (Belsky, 1984; Belsky & Jafee, 2006; Guedes, Carvalho, Pires & Canavarro, 2011). O/as participantes mencionaram não concordar com as práticas parentais a que foram sujeitos, havendo a necessidade de não repetir esses padrões comportamentais e relacionais, contrariando essa prática.

Também as características individuais das mães e dos pais foram mencionadas como determinantes da parentalidade, corroborando Belsky e Jafee (2006), os quais destacaram a personalidade de mães e pais como fatores com impacto na parentalidade. Os mesmos autores também defenderam que alguns fatores da personalidade dos elementos parentais podem facilitar ou prejudicar a parentalidade. De acordo com o dados obtidos na investigação, o/as participantes mencionaram que características como o autoritarismo e o protecionismo, sendo características da personalidade da/o(s) mães/pais, influenciam como esta/e(s) exercem a sua parentalidade, que tanto pode ter um impacto positivo como negativo.

Também os fatores sociais e culturais evidenciados pelos participantes (contexto social no qual estão inseridos) indicam concordância com Ogbu (1995) e Kotchick e Forehand (2002), os quais referiram que as características estruturais da vizinhança e comunidade, em que o núcleo familiar está integrado, podem influenciar e determinar certos comportamentos na parentalidade.

Por último, segundo Gomez (2005), é importante ter em conta que o comportamento parental é multifacetado e multi-determinado e que nenhuma variável exerce, por si só, uma influência predominante na parentalidade.

Para terminar é importante referir que todos os dados obtidos deste estudo sejam vistos em conjunto e não de modo isolado quando se pretender justificar qualquer tipo de afirmação.

Assim, é relevante ter presente as mães, os pais, as crianças e os diferentes contextos em que se inserem, bem como as características de todos os elementos e contextos para entender melhor as influências na prática da parentalidade.

## Conclusão

A família assume de facto um papel preponderante no âmbito do desenvolvimento humano, sendo este um sistema que se adapta às diferentes exigências do ciclo de vida e às mudanças sociais e assim assegura a continuidade e o crescimento psicossocial dos elementos que compõem o sistema (Minuchin, 1982). A família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado pelos restantes contextos em que os seus elementos se inserem (Alarcão, 2006). À semelhança da existência de etapas de desenvolvimento, a família também contém uma série de tarefas desenvolvimentais (Relvas, 2000).

Na literatura existem inúmeras definições de família enquanto sistema, da qual se pode retirar a seguinte noção: a família constitui um espaço singular para as crianças, já que o seu núcleo familiar assevera o seu desenvolvimento e constitui a primeira experiência de aprendizagem psicossocial (Silva, 2009; Minuchin, 1982).

Por outro lado, também é no seio do sistema familiar que os indivíduos podem experienciar e se confrontam com diversos problemas e situações de crise. Sendo cada família uma família, ou seja, todas dentro do mesmo conceito e todas elas diferentes, cada sistema familiar resolve, adapta-se e ultrapassa os diversos acontecimentos que vão surgindo da melhor forma que encontram.

Neste sentido, as famílias que apresentam um conjunto de problemas complexos, graves e crónicos de forma intensa, afetando de modo diversificado todos os seus membros, cujas relações familiares são caóticas e desorganizadas com uma temporalidade prolongada, são designadas por famílias multiproblemáticas (Alarcão, 2000; Abreu, 2011; Wizman, 1985).

As famílias multiproblemáticas são caracterizadas por seis critérios, evidenciados por Cancrini, Gregório e Nocerino (1997), de entre os quais se destacam a grave insuficiência na função parental por parte das mães e dos pais e nas atividades funcionais e afetivas necessárias à vida familiar, sendo o foco para a elaboração do presente estudo, do mesmo modo que a perceção da sua parentalidade.

Em qualquer tipo de família, a parentalidade é entendida como uma atividade que garante a sobrevivência e o desenvolvimento infantil, proporcionando um ambiente seguro à criança (Barroso & Machado, 2010). É no subsistema parental do sistema familiar que os cuidadores devem realizar algumas ações no sentido de promover o seu desenvolvimento da melhor maneira, utilizando os recursos e competências de que dispõem (Cruz, 2005). No âmbito das tarefas que fazem parte da atividade parental, bases do exercício da parentalidade, o

modelo proposto por Hoghughi (2004) indicou que os determinantes da parentalidade são relativos às circunstâncias individuais, históricas e/ou sociais, que em consequência influenciam o comportamento parental.

Tendo presente os aspetos relacionados com a parentalidade, esta investigação pretendeu perceber a forma como as mães e os pais de famílias multiproblemáticas percebem a sua parentalidade. Deste objetivo geral derivam alguns objetivos mais específicos, como: entender o conceito de parentalidade; perceber como a parentalidade é vivenciada; compreender as dificuldades, as preocupações, os papéis e as áreas de atividade desempenhadas ao longo do processo parental; perceber quais as competências percebidas como importantes para desempenhar o papel parental; e por fim identificar os determinantes influentes na parentalidade.

Assim, de modo a responder ao objetivo geral delineado para este estudo, os resultados obtidos mostram que as famílias multiproblemática embora se caracterizem pela sua disfuncionalidade e emaranhado de problemas tanto ao nível da sua estrutura e funcionalidade, a percepção que as mesmas têm relativamente à sua parentalidade toca em alguns pontos importantes de acordo com a parentalidade «minimamente adequada».

Através da análise dos resultados obtidos, é possível concluir que os dados na sua maioria estão de acordo com os verificados na revisão de literatura apresentada, no entanto os estudos que relacionam a temática das famílias multiproblemáticas e a percepção da sua parentalidade são escassos.

Por conseguinte, a partir destes mesmos elementos podemos evidenciar a importância que esta fase de transição reflete na vida das mães e dos pais de famílias multiproblemáticas, como também apresenta a caracterização da parentalidade como uma tarefa complexa e exigente. Embora estas famílias sejam rotuladas como disfuncionais e desorganizadas em todas as esferas da vida familiar, a percepção que as mesmas têm relativamente à parentalidade diferencia-se um pouco das famílias ditas normais. Pois, os participantes do estudo mencionam a parentalidade como uma tarefa complexa, a qual exige o cumprimento de atividades importantes como a necessidade de amor, atenção e suporte para o desenvolvimento da criança e dão pouca importância ao desenvolvimento social.

A forma como as mães e os pais vivenciam este período de tempo e o significado que atribuem aos acontecimentos são expressos pela ocorrência de sentimentos tanto negativos como positivos. Cada família multiproblemática é uma família multiproblemática, cada uma com as suas características, especificidades e vivências distintas, por isso a sua vivência ao longo da parentalidade é semelhante às famílias comuns. Sendo que em todas elas ocorrem sentimentos negativos, podendo relacioná-los com alguns dos problemas particulares que também ocorrem

nas famílias multiproblemáticas, enquanto outros podem ser sentimentos «normativos» experienciados por todas as famílias. Relativamente à felicidade experienciada por estas famílias específicas no processo parental, esta destaca-se como sendo o sentimento principal ao longo da sua vida. Outro aspeto essencial é a importância da valorização das mães e dos pais pelos seus descendentes, o que é muitas vezes um elemento motivador para ultrapassar as dificuldades deste tipo de famílias.

As maiores dificuldades sentidas ao longo da parentalidade nas famílias multiproblemáticas relacionam-se principalmente com questões económicas e a inexistência de apoio no desempenho das funções e tarefas parentais.

Outro aspeto conclusivo prende-se pelo facto da figura materna ser o elemento que maioritariamente exerce as funções que a transição para a parentalidade exige.

Enquanto áreas e dimensões da parentalidade de destaque no presente estudo, estas estão conotadas com os cuidados básicos, sendo o aspeto que aparece em primeiro lugar, ainda se distingue o estabelecimento de regras, apontado como o segundo e, por fim, as dimensões de afeto.

Ao longo da sua parentalidade as preocupações manifestadas pelo/as entrevistadas estão relacionadas com o/a(s) seus/suas filho/a(s), sendo que as mais frequentes nas famílias multiproblemáticas dizem respeito a possíveis problemas no contexto escolar, pela possibilidade de sofrerem algum tipo de preconceito. Os dados obtidos também mostraram preocupações relativas ao futuro profissional e à condição financeira dos descendentes, tendo as mães e os pais expectativas de uma vida pessoal e profissional melhor do que as deles.

Quanto às principais competências identificadas como necessárias para o desenvolvimento da parentalidade encontram-se as competências de relação e afeto.

Por fim, importa ainda realçar que os antecedentes pessoais, como a história de vida e a educação que as mães e os pais de família multiproblemáticas tiveram da sua família de origem, são os determinantes com maior impacto na forma como exercem a sua parentalidade, tanto a nível positivo como negativo.

Os resultados e os conhecimentos que se retiram do estudo não podem ser generalizados a todas as famílias, conotadas como multiproblemáticas, no entanto estes possuem validade para a população e do contexto em que as mesmas se inserem, contribuindo para a investigação global sobre a temática.

Após os resultados estarem discutidos e as principais conclusões deste trabalho estarem mencionadas, é importante salientar as dificuldades, as limitações, os possíveis contributos do mesmo, as suas implicações práticas e algumas sugestões para futuras investigações.

Na realização deste estudo foram encontradas algumas dificuldades associadas sobretudo ao momento de realização de entrevista. Assim, dado o baixo nível de escolaridade do/as participantes no estudo, uma das dificuldades sentida relacionou-se com a necessidade de adequar o discurso e a comunicação para com os participantes entrevistados.

Ao longo das entrevistas percebeu-se que, quando colocadas as diversas questões relativamente ao tema da parentalidade, o/as participantes conseguem focar o tema no início da resposta, mas como estão tão envolvidos em tantos problemas, o enfoque do seu discurso acaba sempre por estar ligado a esses mesmos problemas. Havendo uma relação entre os diversos problemas, este contexto de comunicação dificultou o controlo e direcionamento da entrevista no sentido de uma melhor clarificação de alguma da informação recebida.

Sucedeu também que muitos dos participantes não referiram no imediato a existência de determinados problemas, por exemplo aqueles relacionados com violência física e/ou psicológica, problemas relativos ao consumo de substâncias psicotrópicas, bem como com a justiça, embora o tenham feito posteriormente no decurso da entrevista, quando colocadas algumas questões e nesse momento verificou-se uma maior ansiedade face às mesmas.

Quanto às limitações, no estudo podem ser destacadas as seguintes:

i) o número reduzido de participantes do género masculino, porque, como pode ser facilmente comprovado, foram maioritariamente entrevistadas mães de famílias multiproblemáticas (15 mães) e, em oposição, uma minoria de pais (1 pai);

ii) o foco das respostas situado na perceção das mães;

iii) a veracidade da informação relatada pelos participantes. Algumas informações fazem parte do enquadramento íntimo das pessoas e por isso é algo difícil de se expor, ainda que se tenha referido a confidencialidade dos dados e o sigilo profissional.

Tendo em consideração os contributos deste estudo e as suas implicações práticas, a presente investigação pode contribuir para criar uma maior consciência para a perceção que os pais e mães, em particular, e as famílias, em geral, possuem de si próprias, como estas se identificam e se reconhecem perante a parentalidade. E neste sentido, é essencial não focar somente os estudos nos problemas que geralmente caracterizam as famílias multiproblemáticas, mas sim identificar e procurar deste modo demonstrar que a parentalidade, nestas como noutras famílias, pode ser alvo de uma intervenção.

Por conseguinte, o presente estudo pretende contribuir para uma maior compreensão da parentalidade em famílias multiproblemáticas, através do olhar das mães e dos pais e numa perspetiva da própria família.

Ao longo do presente estudo, as dificuldades mencionadas pelos participantes focaram-se tanto na estrutura como no funcionamento familiar, o que faz com que este dado contribua para direcionar a prática dos psicólogos nessa direção. Ainda na área prática, é importante atenuar as dificuldades a estes níveis, promovendo em simultâneo a autoeficácia e a autoestima das mães e dos pais assim como competências parentais e outras necessárias ao bom funcionamento familiar.

Ainda relativamente à temática desta investigação, considera-se fundamental a importância da formação de técnicos e profissionais que intervêm com estas e outras famílias, realçando que em qualquer momento do seu ciclo vital, a família pode sentir dificuldades em ultrapassar problemas ou crises, necessitando por esse motivo de apoio.

Acresce que as famílias multiproblemáticas estão mais vulneráveis e necessitam de um maior acompanhamento, com vista à aquisição de competências parentais, incluindo o apoio na utilização de práticas educativas mais adequadas e na aquisição de competências de resolução dos problemas (comportamentais, emocionais e/ou outros).

Para estudos futuros pode ser apontado:

- i) Estudar a perceção e a vivência da parentalidade e a sua relação com o desenvolvimento da criança em famílias multiproblemáticas;
- ii) Realizar um estudo comparativo sobre vivências e dificuldades da parentalidade, em famílias multiproblemáticas e famílias ditas «normais»;
- iii) Estudar a perspetiva do/a(s) filho/a(s) a respeito da parentalidade dos seus pais;
- iv) Realizar um estudo comparativo sobre as preocupações do futuro e as expetativas relativas aos filhos com famílias ditas «normais» e famílias multiproblemáticas.

Para terminar, importa ainda fazer sobressair que ao longo da revisão da literatura foi sendo mencionada a importância da família como primeiro contexto de aprendizagem e desenvolvimento da criança, sendo neste sentido, essencial aprofundar os conhecimentos em relação aos processos parentais das famílias em geral e das multiproblemáticas em particular.



## Referências Bibliográficas

- Abreu, J. S. R. (2011). *Reflexões em torno do conceito famílias multiproblemáticas: a visão do contexto escolar e dos professores sobre a crescente problematização das famílias e suas implicações*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga).
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency, and attachment: A theoretical review of instant mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Almeida, B. L. (2015). *Parentalidade e a sua avaliação: Contributo para a validação do inventário sobre parentalidade de adultos e adolescentes (Versão 2), Para a população portuguesa*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa).
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Amazonas, M. C. L. A., & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Ágora*, 9(2), 177-191.
- American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*, (6th ed). Washington, D.C.: APA.
- Azevedo, M., & Maia, A. (2006). *Maus-tratos à Criança*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Barber, B. K. (2002). Reintroducing parental psychological control. In B. Barber (Ed.), *Intrusive Parenting: how psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington: American Psychological Association.
- Barbosa-Ducharne, M., Soares, M., Barbosa, M. A., Silva, A. & Cardoso, C. (2011). *QPP-Questionários sobre parentalidade para pais: Resultados obtidos junto de pais adotivos*. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57257/2/88503.pdf>
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Barros, L. (2015). Intervenção com pais: processo e fases de mudança. In A. I. Pereira, A. R. Goes, & L. Barros (Eds.), *Promoção da parentalidade positiva: intervenções psicológicas com pais de crianças e adolescentes*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psicologica*, 52(1), 211-230.
- Barudy, J. (2009). La resiliencia infantil primaria o secundaria: una consecuencia de los buenos tratos a la infancia y a la adolescencia y del contenido terapéutico de la solidaridad. In Carlos Villagrasa Alcaide & Isaac Ravetllat Ballesté (Eds.), *Por los derechos de la infancia y de la adolescencia: un compromiso mundial desde el derecho de participación en el XX aniversario de la Convención sobre los Derechos del Niño*. Barcelona: Editorial Bosch.
- Barudy, J. & Dantagnan, M. (2005). *Los buenos tratos en la infancia. Parentalidad, apego y resiliência*. Barcelona: Gedisa
- Baumrind, D. (1965). Parental control and parental love. *Children*, 12, 230-234.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child*

- Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3, 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1991) The Influence of Parenting Style on Adolescent Competence and Substance Use. *Journal of Early Adolescence*, 1(11), 56-95.
- Baumrind, D., Larzelere, R. E., & Owens, E. B. (2010). Effects of Preschool Parents' Power Assertive Patterns and Practices on Adolescent Development. *Parenting: Science and Practice*, 10, 157-201.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Belsky, J. (2005). Social-contextual determinants of parenting. In R. E. Trembly, R. G. Barr & R. V. Petters (Eds.), *encyclopedia on early childhood development* (pp. 1-6). Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development.
- Belsky, J., & Jaffee, S. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology: Risk, disorder and adaptation* (pp.38-85) (2<sup>a</sup> Ed.). New York: Wiley.
- Belsky, J., & Vondra, J. (1989). Lessons from child abuse: The determinants of parenting. In D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Child maltreatment: theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 153-202). New York: Cambridge University Press.
- Boisson, M., & Verjus, A. (2004). La Parentalité, une action de citoyenneté: Une synthèse des travaux récents sur le lien familial et la fonction parentale (1993-2004): CERAT, Dossier n° 62.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Apego – a natureza do vínculo* (1<sup>a</sup>Ed.). São Paulo: Edição Martins Fontes.
- Bradley, R. (2007). Parenting in the breach: How parents help children cope with developmentally challenging circumstances. *Parenting: Science & Practice*, 7, 99-148.
- Brás, P. M. F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação).
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161
- Brito, L. M. T. (2005). Guarda Compartilhada: um passaporte para a convivência familiar. In APASE – Associação de pais e mães separados (Orgs.), *Guarda Compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos* (pp. 53-69). Porto Alegre: Equilíbrio
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. *International Encyclopedia of Education*, 3(2), 1643-1647.
- Bueno, M. E. N., Meincke, S. M. K., Schwartz, E., Soares, M. C., & Corrêa, A. C. L. (2012). Paternidade na adolescência: a família como rede social de apoio. *Texto & Contexto - Enfermagem*, Abr-Jun, 21 (2), 3013-319.

- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' Influence on Their Children's Cognitive and Emotional Development: From Toddler's to Pre-K. *Applied Development Science*, 11(4), 208-213.
- Canavarro, M. & Pedrosa, A. A. (2005). Transição para a parentalidade segundo diferentes perspectivas teóricas. I. Leal (Coord.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade*. Lisboa: Fim do Século, Lda.
- Cancrini, L., Gregorio, F. & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti, & J. L. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella* (pp. 45-82). Barcelona: Paidós.
- Cerqueira, M., Pires, S., Figueiredo, D., Matos, A. & Sousa, L. (2003). *Os problemas das famílias multiproblemáticas: Comparação da perspectiva dos profissionais e das próprias famílias*. *Revista Serviço Social & Sociedade*, 76, 143-464.
- Cochran, M. & Diego, S. (2002). Parenting and social networks. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*, Vol. 4 – Applied parenting, 2<sup>nd</sup> ed., pp. 123-148. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum.
- Colapinto, J. (1995). Dilution of family process in social services: implication for treatment of neglected families. *Family Process*, 34(1), 59-74.
- Costa, P., Pereira, H., & Leal, I. (2012). Homoparentalidade: o estado da investigação e a procura da normalização. *Psicologia*, 26(1), 55-69.
- Coutinho, M. T. B. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica*, 22(1), 55-64.
- Crohan, S. E. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in African Americans and White couples. *Journal of Marriage and the Family*. 58, 933-944.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora;
- Cruz, H., & Carvalho, M. (2011). Infância, famílias e a educação parental. In D. Sampaio, H. Cruz, & M. Carvalho (Eds.), *Crianças e jovens em risco. A família no centro da intervenção* (pp. 17-33). Cascais: Principia.
- Daly, M. (2007). *Parenting in contemporary Europe: A positive approach*. Estrasburgo: Council of Europe Publishing.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*. 113(3), 487-496).
- Demick, J. (1995) Stages of Parental Development. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*, 3, 389-413. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum.
- Edwards, J. (1995). 'Parenting skills': Views of community health and social service providers about the needs of their 'clients'. *Journal of Social Policy*, 24(2), 237-259.
- Esteves, A. (2010). *Estilos Parentais e coparentalidade: Um estudo exploratório com casais portugueses* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Lisboa).
- Estrela, A. (1994). Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores. 4<sup>a</sup> Edição. Porto: Porto Editora.
- Feinberg, M. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173-195.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Perceção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de autoeficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 2(32), 145-156.
- Ferreira, I. & Vasconcelos, C. (2015). Educação Parental e Intervenção Precoce – duas dinâmicas na redução de riscos. *Aprender: Revista da Escola Superior de Educação*, 36, 8-28.
- Figueiredo, B., Rodrigues, A., Pacheco, A., Costa, R., Cabelreira, C., & Magrinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4(22), 643-665.
- Figueiredo, M., Mateus, V., Osório, A., & Martins, C. (2014). A contribuição da sensibilidade materna e paterna para o desenvolvimento cognitivo de crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 2(32), 231-242.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor-Projetos e Edições, Lda.
- Forehand, R., Jones, D. J., & Parent, J. (2013). Behavioral parenting interventions for child disruptive behaviors and anxiety: What's different and what's the same. *Clinical Psychology Review*, 33(1), 133-145.
- Fortin, M.-F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. 2ª ed. Loures: Lusociência.
- Freire, V., Silva, S., Moura, M., Pontes, F., & Araújo, M. (2014). Metas e expectativas parentais em contexto urbano e ribeirinho da Amazônia. *Revista Interamericana de Psicologia*, 48(1), 53-63.
- Frizzo, G., Krutz, C., Schmidt, C., Piccinini, C. & Bosa, C. (2005). The concept of co-Parenting: Implication for research and clinical practice. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Fulmer, R. (1989). Lower-income and professional families: a comparison of structure and life cycle processes. In B. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *The Changing family life cycle: A framework for family therapy* (pp.545-578). Boston: Allyn & Bacon.
- Gimeno, A. (2001). *A Família – O desafio da diversidade*. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.
- Goetting, A. (1986). The developmental tasks of siblingship over the life cycle. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 703-714.
- Gomez, R. M. (2005). O Pai: Parentalidade em Transição. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e parentalidade* (pp.257-286). Lisboa: Fim do Século.
- Gómez, E., Muñoz, M. M., & Haz, A. M. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención. *PSYKHE*, 16(2), 43 – 54.
- Guedes, M., Carvalho, P., Pires, R., & Canavarro, M. (2011). Uma abordagem qualitativa às motivações positivas e negativas para a parentalidade. *Análise Psicológica*, 4(29), 535-551
- Hespanha, P., Sousa, L., Portugal, S., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2005). *Enfrentar a vulnerabilidade social: a família e a política em espaço certo?* Coimbra: Centro de Estudos Sociais.

- Hidalgo, M. V. (1998). Transición a la maternidad y la paternidad. In M. J. Rodrigo & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano*, pp. 161-180. Madrid: Alianza Editorial.
- Hoghugh, M. (2004) Parenting: an introduction. In M. Hoghugh & N. Long (Eds), *Handbook of parenting: theory and research for practice* (pp. 1-18). London: Sage Publications.
- Holloway, S. L. (1999). Mother and worker? The negotiation of motherhood and paid employment in two urban neighborhoods. *Urban Geography*, 20, 438-460.
- Houzel, D. (1999). *Les enjeux de la parentalité*. Toulouse: Érès.
- Kobarg, A. P. R., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2006). Valores e crenças parentais : reflexões teóricas. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(2), 96-102.
- Kotchick, B. & Forehand, R. (2002). Putting parenting in perspective: a discussion of the contextual factors that shape parenting practices. *Journal of Child and Family Studies*, 11, 255-269.
- Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: The Guilford Press.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R. & Figueiredo, B. (2009). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205-216.
- Leal, I. (2005). Novas e velhas parentalidades. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*, (pp. 383 – 405). Lisboa: Fim de Século.
- Linares, J. L. (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. In M. Coletti & J. L. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona: Paidós.
- Linares, J. L. (2010). La pareja, en la encrucijada de la conyugalidad y de la parentalidad. In Goldbeter-Merinfeld, E., Linares, J. L., Onnis, L., Romano, E., & Vannotti, M. (Dir.), *Terapia familiar en Europa. Inventos a cinco voces*. Bruselas: De Boeck Superior. Obtido de <http://www.redsistemica.com.ar/linares4.htm>
- López, M. J. R., M., & Palacios, J. (1998). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo-educativo de la familia. In M. J. R. López, & J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 45-70). Madrid: Alianza Editorial.
- Luster, T. & Okagaki, L. (2005). *Parenting: an ecological perspective* (2<sup>nd</sup> ed.) Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Maccoby, E. (2000). Parenting and its effects on children: on reading and misreading behavior genetics. *Annual Review of Psychology*, 51, 1-27.
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In E. M. Hetherington & P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Machado, M. (2007). *Familia e Insucesso Escolar* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto, Porto).
- Magalhães, M., Alvarenga, P., & Teixeira, M. (2012). Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 15-25.
- Maitra, (2005). *Studies in the assessment of parenting*. Florence: Routledge.
- Margolin, G., Godis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in twoparent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21.

- Martínez, M. (2003). La familia multiproblemática y el modelo sistémico. *Portularia*, 3, 89 –115.
- Matos, A. & Sousa, L. (2006). O apoio das instituições de proteção social às famílias multiproblemáticas. *Rev. Psicol. Instit.*, Londrina, 3(1), 1-23.
- McCusker, K. & Gunaydin, S. (2015). Research using qualitative, quantitative or mixed methods and choice based on the research. *Perfusion*, 30(7), 537-542.
- McHale, J. P. (1995). Coparenting and triadic interactions during infancy: the roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology* 31(6), 985-996.
- Miller, B. C. (1976). A multivariate developmental model of marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 643-665.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, Harvard University Press.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin S. & Fishman H. C. (1990). *Famílias em: técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (1998). *Working with the families of the poor*. New York: The Guilford Press.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista educação*, v.22, n. 37, pp.7-32. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas mas não Perfeitas – À Procura do Padrão que Liga* (Tese de Doutoramento, FPCEUL (não publicado), Lisboa).
- Neves, Z. S. (2007). *A (nossa) Intervenção com Famílias Multiproblemáticas*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.
- Ogbu, J. (1995) Origins of human competence: A cultural ecological perspective. In N. R. Goldberger & J. B. Veroff (Eds.), *The culture and psychology reader* (pp. 245-275). New York: New York University Press.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Pecnik, N., Daly, M., & Lalière, C. (2006). Towards a vision of parenting in the best interest of the child. *Parenting in Contemporary Europe: a positive approach*, Council of Europe, pp. 15-36. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento: estudo longitudinal com crianças em idade escolar* (Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra).
- Pereira, D., & Alarcão, M. (2014). “Parentalidade Minimamente Adequada”: Contributos para a operacionalização do conceito. *Análise Psicológica*, 2(32), 157-171.
- Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, 8(4), 445-452.
- Pires, A. S. R. (2008). *Estudo da Conjugalidade e da Parentalidade através da Satisfação Conjugal e da Aliança Parental* (Dissertação de Mestrado, FPCE, Lisboa).
- Ramos, R. (2008). *Terapia narrativa con familias multiproblemáticas: el cambio que viene*. Madrid: Ediciones Morata.
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). Studies in the assessment of parenting. *British Journal of Social Work*, 36(4), 692-694.

- Reis, I. M. D. G. (2012). *Intervenção Social com famílias multiproblemáticas. Diálogo entre a sistémica e a mediação* (Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto).
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). (Coords.) *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora
- Ribeiro, M. T. (2007) *Família: Comunidade Educativa – Filhos hoje, Pais amanhã*. Comunicação apresentada no Auditório da Assembleia da República, Lisboa.
- Ribeiro, C. M. (2014). *Coparentalidade, parentalidade e sintomas de externalização e internalização em crianças em idade pré-escolar* (Dissertação de Mestrado, Universidade Lusófona, Porto).
- Rodrigo, M., Máiquez, M., Correa, A., Martín, J. & Rodríguez, G. (2006). Outcome evaluation of a community center-based program for mothers at high psychosocial risk. *Child Abuse & Neglect*, 30,1049-1064.
- Rohner, R. P. (2004). The Parental “acceptance-rejection syndrome”: universal correlates of perceived rejection. *American Psychologist*, 59(8), 830-840.
- Rothman, S. (2004). Staying longer at school and absenteeism. *International Educational Journal*, 5(1), 113-123.
- Sarmiento, M. J. (2003). *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Braga: Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho.
- Schoppe S., Mangelsdorf S. C., & Frosch C. A. (2001). Coparenting, family process and family structure: implications for preschoolers’ externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 15(3), 526-545.
- Serrano, A. M. (2007). *Redes Sociais de Apoio e Sua Relevância para a Intervenção Precoce*. Porto: Porto Editora.
- Sherifali, D. & Ciliska, D. (2006). Parenting children with diabetes and Belsky’s determinants of parenting model: literature review. *Journal of Advanced Nursing*, 55,636-642.
- Silva, C. S. (2009). *Famílias de risco, crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco*. (Tese de Mestrado, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança).
- Silva, J. H. E. (2013). *Famílias multidesafiadas em contexto de pobreza: Vulnerabilidade e forças familiares – refletindo acerca da intervenção*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa/Faculdade de Psicologia).
- Sousa, L. (2004). Diagnósticos e problemas: Uma perspectiva sistémica centrada nas famílias multiproblemáticas pobres. *Psicologica*, 37, 147-167.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas* (1.ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L. & Ribeiro C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, Vol. XIX, pp. 169-191. Lisboa: Edições Colibri.
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating strengths-focused approach when working with multi-problem poor families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Sousa, L., Pires, S., Matos, A., Cerqueira, M. & Figueiredo, D. (2004). Retratos da vida das famílias multiproblemas pobres: implicações para a intervenção. *Revista Serviço Social & Sociedade*, 80, 5-32.
- Stanhope, M. (1999). *Teorias e Desenvolvimento Familiar*. In M. Stanhope & J. Lancaster, (Eds.), *Enfermagem Comunitária: Promoção de Saúde de Grupos, Famílias e Indivíduos* (pp. 492-514). Lisboa: Lusociência.
- Tonelo, M. (2015). "Ser mãe é ser tudo": Significações, vivências e percepções parentais em contextos de vulnerabilidade económica. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa/Faculdade de Psicologia).
- Valente, R. (2009). *Parentalidade em famílias multiproblemas: Como os técnicos a avaliam* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Lisboa).
- Varanda, A. (2011). *Cruzar olhares sobre a intervenção familiar integrada e precoce famílias (s) em risco? Perceção das famílias multidesafiadas com crianças em idade pré-escolar em contextos de risco e dos técnicos que as acompanham acerca das suas necessidades e forças* (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa).
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: crisis and challenge. *Family Process*, 35(3), 261-281.
- Weizman, J. (1985). Engaging the severely dysfunctional family in treatment, basic considerations. *Family Process*, 24, 473-485.
- Wilkinson, R. B. (1995). Change in psychological health and the marital relationship through childbearing: Transition or process as stressor? *Australian Journal of Psychology*, 4(47), 86-92.
- Willig, C. (2001). *Introducing qualitative research in psychology. Adventures in theory and method*. Buckingham: Open University Press
- Yin, R. K. (2011). *Qualitative research from start to finish*. New York: The Guildford Press.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M. & Albuquerque, M. A. (2007). Monoparentalidade, Pobreza e Resiliência: Entre as Crianças dos Profissionais e as Possibilidades da Convivência Familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 444-453.

## Anexos

### Anexo I – Guião de Entrevista Semiestruturada

Blocos temáticos	Objetivos específicos	Questões
Bloco A: Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista.</li><li>• Justificar o tema e a entrevista.</li><li>• Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.</li><li>• Preenchimento do Questionário Sociodemográfico</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Apresentação da entrevistadora.</li><li>• Informar o/a entrevistado/a sobre o estudo e seus objetivos.</li><li>• Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.</li><li>• Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.</li><li>• Assegurar a confidencialidade e o anonimato.</li><li>• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</li><li>• Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.</li></ul>
Bloco B: Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none"><li>• Identificar o/a entrevistado/a</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Preenchimento Dados do Questionário Sociodemográfico - Caracterização do entrevistado/a.</li></ul>

<p>Bloco C:</p> <p>Conceito de Parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber o conceito de Parentalidade</li> </ul>	<p>Questões:</p> <p><b>1.</b> O Que é para si a parentalidade (ser mãe /pai)?</p>
<p>Bloco D:</p> <p>Vivência da Parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a vivência da Parentalidade</li> </ul>	<p><b>2.</b> Como se sente enquanto pai/mãe?</p>
<p>Bloco E:</p> <p>Dificuldades que ocorrem ao longo da Parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as dificuldades que ocorrem ao longo da parentalidade</li> </ul>	<p><b>3.</b> Como vive a sua parentalidade?</p>
<p>Bloco F:</p> <p>Exercício da Parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as áreas de atividades parentais</li> </ul>	<p>Questões:</p> <p><b>4.</b> Que papel ou papéis desempenha enquanto pai/mãe?</p> <p><b>5.</b> No dia-a-dia como é que a sua família se organiza nas atividades?</p>
<p>Bloco G:</p> <p>Preocupações dos pais relativamente aos filhos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar preocupações sentidas pelas mães e pais</li> </ul>	<p><b>6.</b> Quais são as suas preocupações relativamente aos seus filhos?</p>

<p><b>Bloco H:</b> Competências para o desenvolvimento e desempenho da parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as competências necessárias para o desenvolvimento da atividade parental</li> </ul>	<p>Questões:</p> <p><b>7.</b> Como deve ser um bom pai/mãe?</p> <p><b>8.</b> Que aspetos acha mais importante para ser um/uma bom/boa pai/mãe?</p>
<p><b>Bloco I:</b> Determinantes da Parentalidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os fatores individuais, históricos e sociais do/a pai/mãe</li> </ul>	<p>Questões:</p> <p><b>9.</b> Que fatores acha que influenciam ou tem influenciado a forma como exerce a sua parentalidade</p>



## Anexo II - Consentimento Informado



Exmo./a. Sr./a

**ASSUNTO:** Consentimento Informado – Pais (mãe/pai)

Eu, Cátia Sofia Russo Coelho, aluno do 2º ano do Mestrado em Psicologia da Educação da Universidade de Évora, sob orientação da Professora Doutora Heldemerina Samutelela Pires, venho por este meio solicitar a participação de Vossa Excelência a participar num estudo integrado no âmbito da minha dissertação de mestrado, intitulada “Famílias Multiproblemáticas: A sua perceção da sua parentalidade”.

A investigação tem como objetivo compreender a perceção que os pais (mãe e pai) de famílias multiproblemáticas têm relativamente à sua parentalidade e a perceção do impacto que a mesma tem nas suas crianças.

Para a concretização do estudo será necessário a utilização de um questionário: Questionário Sociodemográfico da Família, e a aplicação de uma entrevista semi-estruturada às mães e aos pais. A entrevista será guardada para posterior transcrição e análise.

Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos.

A participação não implicará nenhum custo financeiro e será voluntária, pelo que poderá proceder à sua interrupção se assim o desejar, em qualquer momento.

A mestranda

\_\_\_\_\_  
(Cátia Coelho)

-----  
Eu, \_\_\_\_\_, **aceito/ não aceito** (riscar o que não interessar) participar no estudo, “Famílias Multiproblemáticas: A sua perceção da sua parentalidade”, da Universidade de Évora.

Em \_\_\_/\_\_\_/ 2016



## Anexo III – Questionário de Caracterização Sociodemográfico



O questionário que se segue tem por objetivo caracterizar o sistema familiar de forma geral relativamente ao seu funcionamento e estrutura, bem como compreender como esta reage a acontecimentos e situações adversas do ciclo de vida da família.

Os dados da presente investigação são absolutamente confidenciais. A sua participação é completamente voluntária e anónima. A resposta a este questionário é breve e pedimos que responda a cada pergunta com a maior sinceridade e dedicação possível.

Agradecemos a sua colaboração desde já.

Julho de 2016

Cátia Coelho

### Questionário de Caracterização Sociodemográfico das Famílias

**Família):** \_\_\_\_\_

**Mãe/Pai:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Habilitações Literárias:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Situação Profissional Atual:** \_\_\_\_\_

**Nacionalidade:** \_\_\_\_\_

**Local de Residência:** \_\_\_\_\_

#### Estado Civil:

- |                              |                          |
|------------------------------|--------------------------|
| Solteiro(a)                  | <input type="checkbox"/> |
| Casado(a) ou União de Facto  | <input type="checkbox"/> |
| Divorciado(a) ou Separado(a) | <input type="checkbox"/> |
| Viúvo(a)                     | <input type="checkbox"/> |

#### 1. Assinale qual das hipóteses corresponde à sua família.

- |                      |                          |
|----------------------|--------------------------|
| Família Nuclear      | <input type="checkbox"/> |
| Família Monoparental | <input type="checkbox"/> |
| Família Alargada     | <input type="checkbox"/> |

- Família Reconstituída
- Família de Substituição
- Outra(s). Qual? \_\_\_\_\_

**2. Percepção individual da relação conjugal no momento atual**

- Muito Satisfatória
- Satisfatória
- Razoável
- Pouco Satisfatória
- Nada Satisfatória

**3. Identificação do Agregado Familiar**

Parentesco	Sexo	Idade	Estado Civil	Habilitações Literárias	Situação Profissional Atual	Outras situações

**4. Preencha a seguinte tabela Identificando as necessidades ou problemas que possam existir no seu Agregado Familiar.**

Identificação de Problemas no Agregado Familiar										
Elemento / Nome	Problemas Alimentares	Doenças Crônicas	História Pessoal de Maus Tratos Físicos	História Pessoal de Abandono	Abuso de álcool ou drogas	Distúrbios Emocionais ou Psíquicos	Problemas de Comportamento Violentos ou Antissociais	Abandono Escolar	Problema(s) com a justiça	Outro(s)

**4.1. Atualmente algum elemento da família frequenta consulta de psicologia ou psiquiatria?**

Sim

Não

Se sim, com que frequência ? \_\_\_\_\_

**5. Qual dos seguintes serviços apoia a sua família?**

Ação Social

RSI

CPCJ

EMAT

DGRS

Nenhuns

Outro(s)

Quais:

**Assinale com um “x”, o período de tempo que o(s) serviço(s) acompanham a família.**

1 mês a 6 meses

6 meses a 1 ano

1 ano a 2 anos

Mais de 2 anos

**6. Para cada coluna preencha com (x) a hipótese que melhor identifica a sua situação habitacional.**

<b>Tipo de Habitação</b>	(x)	<b>Regime de Ocupação</b>	(x)	<b>Conforto e Salubridade</b>	(x)	<b>Estado de Conservação</b>	(x)	<b>Condições de Acessibilidade</b>	(x)	<b>Zona Residencial</b>	(x)
Casa unifamiliar		Própria		Água Canalizada		Bom Estado		Barreiras Arquitetónicas		Rural	
Apartamento/Andar		Arrendada		Eletricidade		Estado Razoável		Transportes Públicos		Periferia Rural	
Parte de Casa		Cedida com a presença do dono da casa		Esgotos		Degradado no Interior		Transportes Próprios		Centro Urbano	
Habitação Social		Cedida sem a presença do dono em Casa		Cozinha		Degradado no Exterior		Outro(s)		Periferia Urbana	
Anexo											
Tenda/Barraca		Outro(s)		WC		Degradado no Exterior e Interior				Outro(s)	
Sem Abrigo				Quarto(s)		Em Ruína					
Outro(s)				Nº de divisões da Casa		Outro(s)					

**7. Os adultos e as crianças têm áreas separadas para dormir? Sim  Não**

**8. Qual a origem dos rendimentos da família?**

Sálário

Subsídio de Desemprego

Rendimento Social de Inserção

Abono de Família

Outro(s). Quais? \_\_\_\_\_

**9. Qual é a condição económica da sua família?**

Situação Económica Favorável

- Situação Económica Percária
- Situação Económica Estável
- Ajudas Económicas Pontuais
- Ajudas Económicas Permanentes

**Obrigada pela sua colaboração.**

## Anexo IV – Exemplo de entrevista

E: Pronto. O que é para si a parentalidade?

I: Como?

E: O que é para si ser pai?

I: É um orgulho, ser pai de uma criança [impercetível] Eu cá fui logo assim, é um orgulho, é um orgulho.

E: Como é que se sente enquanto pai?

I: Sinto-me bem. Desde que, principalmente que eles tenham saúde. Eles são...

E: É o principal para si.

I: É o principal para mim, que eles estejam bem e que tenham saúde. E depois o resto logo se vê... Vê-los bem, ando bem. Quando um anda mal já, já ando mal [choro].

E: Como é que vive a sua parentalidade? Como é que foi quando [...] foi planeado ser pai?

I: Não. Enquanto a minha primeira esposa, não por acaso foi uma coisa que [...]

E: Que aconteceu [...]

I: Aconteceu no bairro do barreiro. Esta senhora que morreu, a senhora que é a mãe deles, num namoro que eles eram muito amigos de irem para as festas de dança, e eu gosto muito de dança [impercetível]. Agora já sabes dançar salsa... eu sou divertido. Depois eu olhava, ela olhava. Eu até me lembro que levava uma t-shirt, com um desenho que se parecia comigo. Eu usava uns óculos escuros, e o cabelo não era assim, eu cortei-o agora, era muito preto pela e tapava a testa. E a rapariga olhava para a t-shirt e pensava que era a mesma pessoa. Foi assim, depois eu estava [cidade], [cidade], [cidade], [cidade], [cidade]. Ao fim de dois meses, andávamos ali, começamos a namorar. Depois no fim... arranjam um batalhão, foi assim mesmo. É assim, antigamente não havia televisão... ainda a namorei um ano e tal e depois é que nos juntamos. Foi assim, coitada, também morreu aos 29 anos... a mãe dos meus filhos. Eles [...] o mais velho pensa muito na mãe. Porque...

E: Porque se calhar foi quem acompanhou a mãe mais tempo...

I: Era, era o mais velho.

E: E viveu se calhar a morte da mãe...

I: [impercetível]

E: Foi uma altura complicada, para si depois com seis filhos.

I: Muito, foi muito complicado, depois tive que os por na [instituição]. Tive pessoas amigas que me ajudavam, o empregado do banco que era o [nome] que ele mora cá em Évora, que me ajudou bastante. Ele aparecia lá ao monte com coisas para me dar sem eu saber. Era intermédio

de informações de outras pessoas, o pai e os moços, assim assim... e eu aceitava. Ele aparecia lá com paletes de leite ou... está a ver? Eu não tenho falsidade, eu... Eu não fujo aquilo que passei, porque há muitos que fogem, eu não aquilo que passei... porque é a realidade das coisas da vida.

E: Pois, exato.

I: E esse homem ajudou-me muito. E isso... era até orgulhoso mas era a minha preocupação. Eu tive que ir uma altura trabalhar para Setúbal. Lá havia trabalho, para receber dinheiro, pronto, e eles eram pequeninos. Tive lá quase cinco meses, fui ganhar dinheiro, estive lá, era a minha preocupação todos os dias, vê-los.

E: Todos os dias vinha cá vê-los...

I: Todos os dias. Depois até houve uma altura [...] é... Houve uma altura que disse, para a semana não venho. Pronto, não havia dinheiro.

E: Exato.

I: A minha vida foi difícil. Depois também, pronto... a minha mulher surgiu-lhe a doença, são coisas que eu passei, que se teve que passar... Agora já os vejo grandes, já as coisas se controlam, já os vejo diferentes a todos.

E: E...

I: Esta mulher tem-me ajudado muito. Verdade... Não é qualquer mulher que no seu estado, se não gostasse de mim. Eu tenho três irmãs e dizia, se calhar ela gosta de ti porque és um tipo bonito. E eu disse... haaaa... gostou foi do teu paleio. [risos] Ela...

E: Depois de a conhecer, ela se calhar também o apoiou...

I: Foi. Os meus filhos depois foram para lá, passaram para lá todos.

E: Pois...

I: Sim senhora, a mãe dela morreu há quatro anos. E agora vive-se um bocadinho mais apertada, mais chata, mais apertada, porque era mais um ordenado da minha sogra. Era eu a mulher e sogra. Agora estou a passar uma vida mais apertada, com a renda mais cara, que ela apoiava [impercetível] eu antes estava na rua [nome] e agora estou aqui e a pagar uma renda mais cara e com menos apoio, menos dinheiro, pronto [impercetível] naquela altura, eramos cinco a apoiar a velhota, depois quando ela morreu tudo se mudou, tudo se mudou para o pior.

E: E diga-me uma coisa...

I: Diga menina?

E: Que papeis é que desempenhava enquanto pai?

I: Olhe, trabalhava em Évora, o papel no emprego e depois quando chegava a casa ajudava.

E: E aí o que é eu fazia?

I: Limpava, varria, limpava a casa, fazia... ajudava... apoiava-a naquilo que era preciso. Ela estava com o pequenino, a dar o biberão e ela metia qualquer coisa ao fogão, eu ia ao fogão e mexia, ela dizia: olha lá ... Fui sempre muito "recheado" para ela. Não era só fazer filhos.

E: Claro.

I: [impercetível] Fui sempre muito apoiado para ela. Porque ela ajudou-me com eles em pequenos, mas muitos as vezes não sabem dar o valor, o ... e [impercetível]. E ela depois também teve azar, separou-se do ex-marido, é divorciada, tem uma filha, mas a filha também... a filha é quase, podia ser melhor e ajudar a mãe. Soube que ela teve o enfarte, e eu digo-lhe: oh [nome] [impercetível] vê-la se fazes... se lavas... sabe o que ela diz? Deixa que eu faço, a mãe já lá está a fazer as coisas. E depois ainda diz: eu já estava a espera disso, e faço eu. Eu não tenho complexos, não deixo de ser homem por isso.

E: Claro que não...

I: Olhe tenho... muitos senhores ali no pingo doce... quando agente diz os maridos isto... dizem ai quem me dera ter um homem assim, [impercetível] dizem... ai o meu marido não é machista... não me quer só para uma coisa [impercetível] pesava-me na consciência se não a ajudasse.

E: Pois...

I: Se eu faço as coisas. Fico feliz. Agora, vamos ao Algarve, abalamos no sábado, aliás amanhã, amanhã é quinta-feira. Vamos lá ter com o meu neto, mas a casinha fica ali, fica lá ela, o afilhado fica com tudo lá em casa, tudo. Ele é a base das pizzas, das sandes, dos hambúrgueres. Ela faz sempre comida, ela é uma grande cozinheira a minha mulher. Custa-lhe ele não comer igual agente. Isso faz com que o dinheiro não chegue, não chegue mais.

E: Exato.

I: [impercetível]

E: E quais são as suas preocupações relativamente ao futuro dos seus filhos?

I: A preocupação ... heee... a minha preocupação é que eles andem sempre bem e se entendam com as parceiras. Pois... é que as vezes, porque eles... eu tive três filhos, já andaram a saltitar. Olhe este mais velho que eu digo que é um bom rapaz. Tem cinco filhos, dois da primeira, da mesma, da [nome], olhe é [nome], essa nora minha, mas eles dão-se bem, está lá, dão-se bem, tem dois filhos com ela. Ela vive com outro senhor, ele vive com outra rapariga, que é...que o nome dela é Daniela. Ela está no infantário, é muito boa a [nome]. Pronto vamos lá duas vezes, a minha mulher vai lá, a mulher não faz nadinha, é o único sitio em que a mulher não faz nada. Ela diz que se sente bem a do meu filho mais velho, porque ela não a deixa fazer nada. Quando ela vai agarrar na vassoura, ela diz [haaaa]...então agora você vem lá e vem trabalhar para a minha casa, nem pensar. Isto está lhe no sangue, na massa do sangue.

E: Claro.

I: Se vejo ali uma mesa, você ia ver. Se você fosse comigo a um sítio qualquer, e eu estou num café e vir que a loiça está lá a muito tempo eu começo a tirar a loiça dali. Ela diz-me logo, está quieto, a mandar-me estar quieto. Queria o que? É meu... Eu sou para trabalhar [impercetível]. Eu sou sempre o mesmo. E agora já sei que o meu filho me vai fazer o mesmo, eu não sei onde é o batizado...[impercetível]. Parece, aquilo «ferve-me por dentro», tive [impercetível], tive na porta nova não sei se conhece, tive num restaurante quando se vai para Arraiolos, tive no [nome], tive em casas boas, fui muito apoiado, aqueles pormenores todos sei-os. Bem eu tenho carteira profissional, basta dizer isso. Os últimos dez anos foram na panificadora, [nome de estabelecimento], que aquilo é a [nome de estabelecimento]. Está lá agora o filho. Tive lá dez anitos, sabe com que idade o homem lá me meteu? Com 52. Foram lá raparigas novas pedir trabalho, e dizem [...].

E: E não as aceitaram.

I: Eu prefiro o [nome] e não ficou arrependido. [Risos] É assim menina.

E: Diga-me outra coisa, no dia-a-dia como é que a sua família organiza as atividades domésticas e as de lazer? Como é que fazem? Vão passear? Quem é que arruma as coisas?

I: Não não, aquilo nesse aspeto, quando é para ir sair.

E: Os filhotes ajudam?

I: Sim, sim, colaboram.

E: Ajudam.

I: Agora já está cada um na sua casa. Mas ali onde eu estou, a filha quando a mãe lhe diz, agora está lá, já ajuda mais já viu? Diz, olhe mãe vou aqui dar. Sabe que é ... compreende? [Risos]

E: Então mas isso assim, a filha faz em troca de alguma coisa.

I: Pois ...

E: Faz para ... [Risos]

I: É isso mesmo [Risos] Você está a dizer a realidade. Bem a mãe coitada, é mãe, já deve de saber como é que é. Ela diz: devíamos de sair mais vezes, que o [nome] tinha sorte, é logo a resposta da mãe.

E: E diga-me lá outra coisa, como é que deve de ser um bom pai?

I: Bom, como é que deve de ser? Como é que posso avaliar isso?

E: O que é que você acha?

I: Epá serem carinhosos para os filhos. Tentar que não lhe falte nunca nada.

E: O que é importante para si?

I: Tentar não lhe faltar nada, para os filhos serem amigos dele. Pois [...] é... acho que é o mais

importante, tentar que não lhe falte nada, o alimento principalmente e estarem asseados e limpos. É uma coisa de um pai dedicado. São coisas importantes, agora dar-lhes muito e não lhes dar outra coisa. Não é o dinheiro que conta mas as vezes não conta tudo. Saber falar com eles, no meu caso, o meu pai pobrezinho e a viverem sempre em hortas, deram-me muita educação, lá isso é verdade. É aquilo que eu tento transmitir aos meus filhos.

E: hm hm

I: Eles são todos educados, se falasse com eles [impercetível], também tem a quem sair... todos eles são educados. E, eles gabam-me muito onde vão. Às vezes colegas dele, mas tu tens mais pai [impercetível]. Mas é verdade menina é assim.

E: Que aspetos acha mais importantes para ser um bom pai ou uma boa mãe?

I: O aspeto [...] eh... eh...

E: Acha que por exemplo...

I: Dar-lhe muitas coisas não. Isso não é por ser, dar muito, não é por ser. É assim, é o que eu digo, apoiá-los desde que eles nascem.

E: Hm hm

I: Porque as crianças, é como tudo mais, nós não temos culpa de cá estar e eles também não têm. Há pessoas que respondem, já tenho ouvido, haaa mãe eu não tenho culpa de cá estar e a mãe responde-lhe, eu também não.

E: Pois.

I: Que é [impercetível] ninguém escolhe os pais e ninguém escolhem os filhos. Agente se pudesse escolher os filhos as vezes, só vinham os bons.

E: Pois...

I: Ninguém escolhe os filhos e ninguém escolhe os pais.

E: É verdade... Por último, que fatores acha que influenciam ou podem influenciar a forma como exerce a sua parentalidade, ou seja, como é que você, o que é que acha que influenciou a sua forma de ser pai?

I: Me influenciou? Epá se calhar foi os meus descendentes e ai comecei a gostar de ver o meu pai e os filhos e comecei a pensar que um dia gostava de ser pai assim.

E: E o que é gostava mais nele?

I: No meu pai? [Risos]

E: Sim, que passou para si? Para ser...

I: Olhe é isso que tenho. É a educação. [impercetível]

E: Hoje em dia o que é que influencia?

I: Olhe a mesma coisa, os meus filhos... eles é que as vezes não.

E: Estas situações, assim e maiores problemas tem algum impacto?

I: É sim senhora, e eu as vezes digo, epá deus queira que não chegues a passar o que eu passei, que não saibam o que é que é isso. Nós se somos bons pais, não queremos que eles passem o mesmo que nós.

E: Claro.

I: Mas [impercetível] nós não tentamos porque não temos condições para podermos chegar onde queremos. Lutar, lutar, eu sou lutador, eu estou aqui consigo, agora vou daqui e vou logo ver o que é preciso ajudar o que ... eu sou um lutador. Porque se eu me sinto, é o que eu digo, saudável, eu não me abria, eu fechava-me todo, fechava-me e isso fazia-me mal. Agora eu estou a falar consigo, isto para mim é uma semana feliz.

E: Ainda bem que posso ajudar nalguma coisa.

I: Isso é... Como é que se chama...

E: Questionário e a entrevistas?

I: Isso, vai ser uma semana fantástica. Amanha já é quinta, sexta?

E: Porque as vezes no meio de tantos problemas...

I: Sim...

E: Ter um momento em que possamos parar... [impercetível].

I: [Impercetível] você está a ver uma pessoa, está a ver em mim, uma pessoa desinibida a falar.

E eu gostava de ter muitas vezes ter mais questionários destes.

E: Bom, muito obrigada.

I: De nada, menina.

**Anexo V – Apresentação geral dos temas, categorias, subcategorias e sub-subcategorias de análise de conteúdo**

<b>Temas</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
1. Conceito de parentalidade	Tarefa complexa	Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental
		Satisfação das necessidades básicas
		Assegurar a formação e a educação
	Aprendizagem	-
2. Vivências da parentalidade	Vivências Negativas	Sentimentos de tristeza
		Sentimentos de incerteza
		Sentimentos de fracasso
	Vivências Positivas	Sentimentos de felicidade
		Sentimentos de complementaridade
		Sentimentos de orgulho
	Outras Vivências	Sentimentos de Empatia
		Aceitação incondicional
3. Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade	Acontecimentos inesperados	Gravidez inesperada e/ou precoce
		Viuvez
		Institucionalização
	Relacionamentos	Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação
		Dificuldade em utilizar um estilo parental

		coerente/adequado
	Modificação de hábitos e do estilo de vida	-
	Apoio inexistente	-
	Dificuldades económicas	-
	Problemas de saúde	Saúde física
		Saúde mental
	Inexistência de dificuldades	-
4. Exercício da parentalidade	Cuidados primários	Cuidados de higiene
		Alimentação
		Cuidados de saúde
		Apoio/Segurança/Proteção
	Cuidados socioafetivos	Amor/Afeto
		Experiências de socialização
		Favorecer a autonomia e a confiança
Controlo e disciplina	Estabelecimento de regras	
Papéis desempenhados na atividade parental	Não desempenha nenhum papel	
	Papel de mãe e pai	
5. Preocupações dos pais relativamente aos filhos	Preocupações do presente	Necessidades primárias
		Problemas no contexto escolar
		Detenção
	Preocupações com o futuro	Incerteza do futuro
		Condições socioeconómicas
	Contexto escolar	
	Profissão	
6. Competências	Relação e afeto	Comunicação

necessárias para o desenvolvimento da parentalidade		Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade)
		Tolerância e valorização
		Proteção
	Educativas e de formação	Educação e formação
		Ausência de violência
		Estabelecimento de regras
7. Determinantes da parentalidade	Características individuais	Autoritarismo
		Protecionismo
	Antecedentes pessoais	Educação e aprendizagem com a família de origem
		História de vida de abandono e violência
	Fatores sociais	-
8. Categorias periféricas	Preocupações relativamente aos próprios pais	Morte



**Anexo V – Grelha de análise categorial**

<b>Tema 1 – Conceito de Parentalidade</b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Entrevistados</b>
Tarefa complexa	Responsabilidade ao nível da manutenção da saúde física e mental	“(…) o principal para mim, é que eles estejam bem e que tenham saúde”	E1; E3; E6; E7; E14;
	Satisfação das necessidades básicas	“É os miminhos (…)”	E1;
		“A gente tem os nossos filhos com carinho”	E4; E7; E9;
		“Tudo, a companhia, o amor, tudo”	E13
		“Ser mãe é cuidar, preocupar”	E3; E6; E14;
		“É estar preocupada todos os dias”	E2; E7
Assegurar a formação e a educação	“Tentei sempre ver qual era a escola melhor, qual era o colégio melhor, tudo o que fosse melhor para ele (…)”	E1; E7; E13;	
Aprendizagem	-	“Aprende-se a ser mãe (…)”	E5

<b>Tema 2 – Vivências da Parentalidade</b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>
Vivências Negativas	Sentimentos de tristeza	“Muito triste. Porque parece que um dia que eu morra, o que é feito dele?!”	E11;
	Sentimentos de incerteza	“Não sabemos para o que estamos guardados”	E10; E12;
		“Ele um dia grita, outro dia não grita (...) Outro dia fala bem (...) outros dias parece que me tem ódio”	E11;
	Sentimentos de fracasso	“Olhe sinto que falhei (...) que errei, não é, que falhei”	E1;
		“Não sei, fracassei”	E12;
		“Às vezes mais ou menos (...) porque nós queremos sempre fazer o melhor mas também falhamos como mãe”	E13;
Vivências Positivas	Sentimentos de felicidade	“Sinto-me feliz”	E2; E6;
		“Senti-me feliz”	E4; E7;
		“Muito feliz mesmo”	E5; E9; E15;
		“Adorei ser mãe (...) Para mim foi a maior alegria do mundo”	E14;

	Sentimentos de complementaridade	“Mas eu fui mãe, muito boa até (...) foi o que o meu filho me disse”	E4;
		“Elas é que me dão força”	E10.
	Sentimentos de orgulho	“Veja lá, é um orgulho de mãe”	E1;
		“É um orgulho ser pai de uma criança (...) é um orgulho, é um orgulho”	E3.
Outras Vivências	Sentimentos de Empatia	“Vê-los bem ando bem (...) quando um anda mal, já ando mal”	E3;
		“Se eu tiver eu dou-lhe, se não tiver viro as costas e começo a chorar”	E14.
	Aceitação incondicional	“Eu da minha pouca reforma (...) estou a sustentar os meus filhos na cadeia, e não faço mais nada que o meu dever (...) são meus filhos (...) fazer tudo na vida pelos filhos“	E2;
		“(...) não queremos perder os filhos, sejam eles como forem”	E4;
		“(...) são sempre nossos, aconteça o que acontecer (...)! ”	E6; E9; E12;
<b>Tema 3 – Dificuldades sentidas ao longo do processo de parentalidade</b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>

Acontecimentos inesperados	Gravidez inesperada e/ou precoce	“Fui mãe muito nova, há (...) inesperada (...) foi complicado”	E9;
	Viuvez	“Foi assim coitada, também morreu aos 29 anos, a mãe dos meus filhos (...) foi uma altura complicada”	E3;
		“Falta-me o meu marido (...) foi o apoio maior da vida (...) abalando a trave da casa abala tudo”	E2;
	Institucionalização	“Não foi nada fácil, porque o único apoio que eu tinha, era a minha avó (...) quando faleceu fui para uma instituição”	E10;
Relacionamentos	Dificuldade no estabelecimento da relação de vinculação	“Não quis saber dele [filho] (...) não queria que ele tocasse em mim”	E9;
	Dificuldade em utilizar um estilo parental coerente/adequado	“Eu diga-lhe que sim ou diga-lhe que não, ela não me ouve nada. Faz a ideia dela e pronto (...) Ela é muito complicada”	E9; E11;
		“Fui eu que não soube lidar com a adolescência (...) fui eu que não soube lidar com ele”	E1.
Modificação de hábitos e do estilo de vida	-	“Se a certos sítios íamos, não vamos porque não podemos deixar os nossos filhos”	E5;
		“Era tudo a sair à noite e eu já não podia porque estava condicionada”	E9.
Apoio inexistente	-	“(...) se calhar precisava de um apoio de outra pessoa”	E4; E9; E11; E15

		“Não foi nada fácil, porque o único apoio que eu tinha era a minha avó”	E10;
		“(…) foi muito complicado (…) A minha vida foi difícil. Depois a minha mulher surgiu-lhe a doença”	E3;
		“Nos primeiros tempos não foi fácil, porque estava sozinha com o meu filho”	E1; E12;
Dificuldades económicas	-	“Agora já isto está muito melhor, mas tive muita fome (…) Via-me muito aflita a criar os meus filhos”	E2; E7; E13;
		“Fiquei com o menino e fui-me governando”	E11;
		“Passei muito mal (…)”	E1; E5; E9; E14;
Problemas de saúde	Saúde física	“(…) ele nasceu muito prematuro e ficou com algumas sequelas nos pulmões (…) tento acalmar-me e telefonar várias vezes – está tudo bem com o [filho]?”	E13;
	Saúde mental	“No meu caso, às vezes lamento-me (…) porque tenho este filho com problemas (…) ele tem dias muito complicados (…) a doença bipolar é assim”	E11;
Inexistência de dificuldades	-	“Bem, porque preparei tudo para ser mãe”	E14;
		“Foi fácil”	E13;

#### Tema 4 – Exercício da parentalidade

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>
Cuidados primários	Cuidados de higiene	“Olhe, tratar da bebé quando era bebé. Levantar-me de manhã, dar-lhe banhinho, aquecer a água (...)”	E2; E3; E6; E7; E9; E10; E11; E13; E14; E15;
	Alimentação	“(...) maminha ou farinha quando havia”	E2; E4; E7;
		“Faço tudo (...) Educo, cuido delas, alimento-as (...)”	E6; E12;
	Cuidados de saúde	“Faço tudo (...) É os cuidados de saúde”	E10.
	Apoio/Segurança/Proteção	“Mas faz parte que a mãe tenha assim um controlo”	E7; E8;
“Houve uma vez que ele ficou o intervalo todo trancado na casa de banho e ninguém lhe foi lá abrir a porta (...) Foi muito complicado (...) E eu digo: tens é que contar à mãe, a mãe não ralhar contigo, só vou ralhar contigo e fico chateada se tu não contares. Então ele aí, começou a contar, a dizer”		E9.	
Cuidados	Amor/Afeto	“Criei-os com muito amor”	E4; E7;

socioafetivos		“É o amor, o carinho e o respeito, faz muita falta”	E13;
	Experiências de socialização	“Festas não falto, vou sempre com eles [referindo-se às atividades do contexto escolar]”	E8;
	Favorecer a autonomia e a confiança	“(…) eu confio no meu filho, ele fala tudo comigo (…) eu sei o que ele faz e o que é que ele não faz”	E8;
Controlo e disciplina	Estabelecimento de regras	“Ele é mais rígido com as saídas e isso assim (…) é o pai (…) Mas faz parte... que a mãe tenha assim um controlo”	E8;
		“Tanto é a mãe como o pai. É igual. É, se vais sair, às tantas estas em casa”	E15;
		“(…) era muito exigente [na imposição de regras]”	E1;
		“(…) Sim eu gosto, se ele pede sai (…) eu deixo-o ir quando ele quiser (…) só se o pai disser: não. Por não ter cumprido com alguma regra estabelecida pelo pai”	E8.
Papéis desempenhados na atividade parental	Não desempenha nenhum papel	“Olhe agora nenhuns, então diga-me lá o que lhe hei de dizer, então ele está lá, ele não está comigo”	E1.
	Papel de mãe e pai	“Eu a maioria das vezes sou mãe e pai”	E10;
		“O meu marido nunca tratou de nenhum (…) Eu é que fazia tudo”	E2; E6; E14.

**Tema 5 – Preocupações dos pais relativamente aos filhos**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>
Preocupações do presente	Necessidades primárias	“Aparecer-lhe alguma doença (...) O problema é mesmo isso, alguma doença assim grave (...)“	E8;
		“A maior preocupação relativa aos meus filhos é que eles estejam sempre bem, que nada lhes aconteça”	E5;
		“Quando eu não tinha para lhes dar a eles (...) Para não passarem mal”	E7;
		“Aparecer-lhe alguma doença”	E8;
		“Eu faço o mais possível. Vou pedir fiado, pão tudo, para elas levarem. Só isto é que eu me preocupo com os meus filhos”	E14;
	Problemas no contexto escolar	“(…) é de ele ser gozado, derivado ao problema do pé dele”	E9;
		“(…) e que estude para ter um bom emprego”	E1; E2; E13; E14;
		“É que não os quero nas vendas (...) quero que eles estudem”	E5;
	Detenção	“Olhe, a maior preocupação que eu tenho é de eles estarem detidos e não estarem ao pé de mim”	E2;

Preocupações com o futuro	Incerteza do futuro	“Que não seja de drogas, de roubos e de álcool e dessas coisas assim”	E1;
		“Que possam ter um futuro melhor do que eu [mãe]”	E3; E5; E6; E14;
		“São todas (...) que eles não se metam naquilo que não devem”	E12;
		“É quando eu um dia morrer (...) Depois não sei como é que ele irá viver”	E11;
	Condições socioeconómicas	“Que tenham uma vida melhor que a minha”.	E6;
		“(…) podem ter um emprego em qualquer lado”	E5;
		“Se eles estão mal [economicamente], eu digo meu deus, o que é que eu vou fazer”	E14;
	Contexto escolar	“(…) eu tenho medo é dele quando for para a escola, como ele já sofreu aquele bocadinho, mas quando for maior (...) Já é o inverso do irmão, tenho medo que ela o faça [comportamentos agressivos para com os pares]”	E9;
	Profissão	“(…) quero que de hoje a amanhã eles tenham o seu trabalho (...) Aprender a ler e a escrever (...) porque podem ter um emprego em qualquer lado”	E5;

**Tema 6 – Competências necessárias para o desenvolvimento da parentalidade**

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>
Relação e afeto	Comunicação	“É falando com eles, abrindo-se (...) ensinando-lhes o que é bom, o que é mau”	E4;
		“(…) pronto, falarmos”	E6;
	Sentimentos positivos pelo/a(s) filho/a(s) (amor e amizade)	“Ter um filho com carinho (...) Com muito respeito (...) gosto muito dos meus filhos”	E3; E7;
		“Compreender os próprios filhos. O que é que eles têm e não tem, mesmo que eles não digam”	E9
		“(…) acarinhar os filhos. Deve fazer tudo por eles, sacrifícios (...) É tentar dar o melhor a ele”	E2; E11.
	Tolerância e valorização	“É estimar os filhos (...)”	E2;
		“Não é como aquelas mães que têm tudo e não sabem valorizar os filhos que tem”	E8;
	Proteção	“Para ele não sofrer, olha sofria eu, não é”	E9;

		“Zelar por eles. Tentar evitar certos tipos de confusão”	E12;
Educativas e de formação	Educação e formação	“É educar os filhos como deve de ser (...)”	E5;
		“Agora, boa educação (...)”	E13.
		“É importante é agente, dar educação”	E2;
		“(...) educação, os cuidados de saúde, tudo”	E10;
		“Tentei sempre ver qual era a escola melhor, qual era o colégio melhor (...)”	E1;
	Ausência de violência	“(...) e não tratar mal”	E5;
		“(...) também não sou muito coisa de pregar nalgadas, acho que isso não é educação”	E9;
		“(...) é não espancar os filhos (...)”	E3;
	Estabelecimento de regras	“Não é ser muito rígida, nem ser muito tolerante. Saber dizer sim, saber dizer não na altura certa”	E8;
		“(...) não lhe fazendo as vontades todas aos filhos”	E9;
		“Não deixar fazer tudo o que eles querem, haver respeito”	E13;
		“Tinha que se ter um pulso (...)”	E4;
		“E tem que haver regras como em todo o lado (...) tem que saber quem é que é a mãe e quem é que manda lá em casa (...)”	E10;

<b>Tema 7 – Determinantes da parentalidade</b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos Entrevistados</b>
Características individuais	Autoritarismo	“Olhe eu ser muito autoritária, isso tem prejudicado muito”	E1;
	Protecionismo	“Eu tive um psicólogo na altura, que eu tinha o meu [filho], e ele disse que eu por ter sido abandonada pela minha mãe, eu embora adolescente, era muito agarrada ao meu filho. Era aquela coisa... era de mais. Ainda hoje com 22 anos, o meu filho se eu acordo a uma certa hora e o meu filho não está em casa, eu telefono-lhe para ver se está tudo bem (...) Qualquer coisa fico aflita”	E10;
Antecedentes pessoais	Educação e aprendizagem com a família de origem	“Epá se calhar foi os meus antepassados (...) e comecei a pensar que um dia gostava de ser pai assim”	E3;
		“O meu pai e a minha mãe foram muito bons para mim (...) a educação que a minha mãe deu a gente, também dei aos meus filhos”	E7;

		“Talvez a educação que os meus pais me deram. E ver como é que a minha mãe também era uma lutadora (...) E transmitiu isso à gente (...)”	E11;
		“Aprendi, quando o meu pai me dizia assim: – Tu agora não sais daqui (...) O meu pai ensinou-me (...) Eu aprendi com o meu pai (...) Ensinei os meus filhos assim dessa maneira”	E14;
		“A educação que o meu pai que deus tem me deu a mim e a minha mãe, é aquela que eu dou aos meus filhos”	E2;
		“Fui bem criada, fui bem educada”	E5;
	História de vida de abandono e violência	“por ter sido abandonada pela minha mãe (...) era muito agarrada ao meu filho”	E10;
		“(…) e depois já vivi num ambiente onde o meu padrasto batia na minha mãe. E ele tentava bater na gente, não é isso que eu quero”	E9; E7;
Fatores sociais	-	“Sim eu penso, se o meu marido tivesse dito: Filhos não se metam nisto, o bairro é mau e tem muitas (...) olha os teus irmãos (...)”	E4;
<b>Categorias periféricas</b>			
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de Registo (UR) “Verbalizações”</b>	<b>Número dos</b>

			<b>Entrevistados</b>
Preocupações relativamente aos próprios pais	Morte	“Até mesmo por causa da minha doença. Tenho medo que de repente piore e (...) [morra]”	E10;
		“É quando eu um dia morrer, onde é que ele fica (...) Já cá não estou, custa-me muito e penso muito”	E11;